MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

MINISTRO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO
MARTUS ANTÔNIO RODRIGUES TAVARES

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

PRESIDENTE
SÉRGIO BESSERMAN VIANNA

DIRETOR EXECUTIVO
NUNO DUARTE DA COSTA BITTENCOURT

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

DIRETORIA DE PESQUISAS
MARIA MARTHA MALARD MAYER

DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS
GUIDO GELLI

DIRETORIA DE INFORMÁTICA
PAULO ROBERTO RIBEIRO DA CUNHA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES
DAVID WU TAI

ESCOLA NACIONAL DE CIÊNCIAS ESTATÍSTICAS
KAIZÔ IWAKAMI BELTRÃO

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

EDIÇÃO FAC-SIMILAR
EDITADO EM COLABORAÇÃO COM
O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

RIO DE JANEIRO
2002

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE
Av. Franklin Raasevelt, 166 - Centra - 20021-120 - Ria de Janeira, RJ - Brasil

ISBN 85-240-0882-2

1ª Ediçãa - 1981
2ª Impressãa - 1987
Ediçãa fac-similar - 2002

Divisão de Atlas e Apoio técnico
Rodalfa Pinto Barbosa

Equipe cartográfica
Radolfa Pinto Barbosa (caordenadar)
Lindalva Nogueira Eberle
Célia de Aguiar Arlé
Suelly Tavares Bastas
Enos Fanseca Dória Filho
Jasé Alfreda Casada de Almeida
Alfreda das Santos Cunha

Equipe técnica do Setor de Lingüística do Museu Nacional
Charlotte Emerich (coardenadora)
Yvanne de Freitas Leite
Maria das Graças Dias Pereira (Bolsista do Centra Nacional de Referência Cultural)
Divinila Moreira Breves de Lima
Marta Helena Rasa
Sylvia Helena Taborda Peixato

Capa
Gerência de Criaçãa/CDDI - IBGE
Marcos Balster Fiare

Mopa etno-históríca de Curt Nimuendaju / IIBGE. -Ediçõa fac-similar. - Ria de Janelra : IBGE; [Brasília, DF] : Ministéria do Educoção, 2002
94 p. : il.: mapa color. -

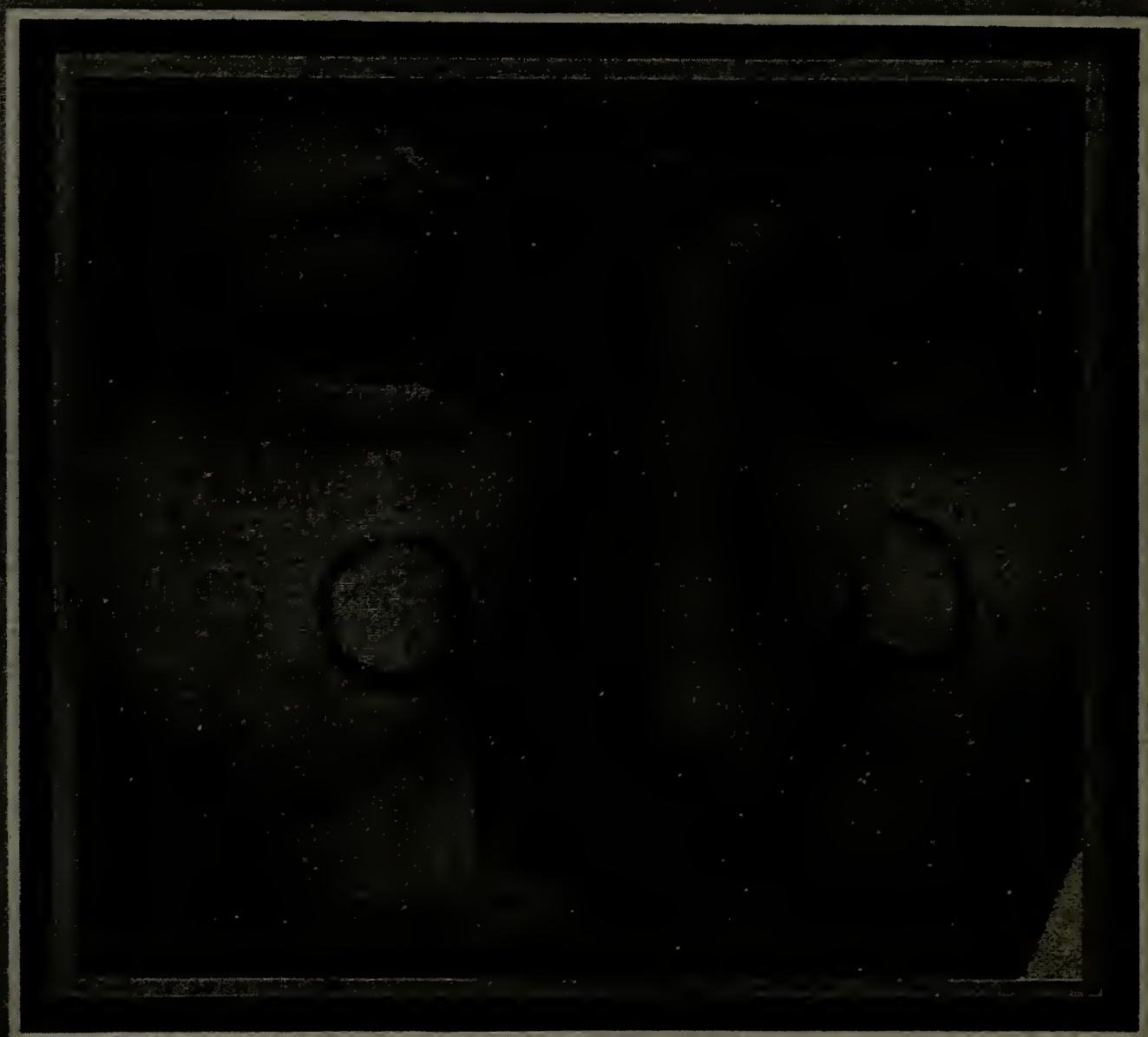
Inclui bibliagrafio
Acompanha mopa sob o títula: Mapa etno-histárico da Brasil e regiões odjacentes, odaptodo do mopa de Curt Nimuendoju
ISBN 85-240-0882-2

1. Nimuendaju, Curt, 1883-1945 - Crítica e interpretaçãa. 2. Índios do América da Sul - Brasil. I. BGE. II. Brasil. Ministério da educaçõa.

Gerência de Biblioteca e Acervas Especiois
RJ-IBGE/2002-06

CDU 572.9(81=98)
HIST

Impresso nu Brasil / Printed in Brazil

MAPA ETNO HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

MAPA ETNO-HISTÓRICO

DE

CURT NIMUENDAJU

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE

MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

1.ª edição
(2.ª impressão)

editado em colaboração com a
Fundação Nacional Pró-Memória

Rio de Janeiro
IBGE
1987

COLABORADORES

DIVISÃO DE ATLAS E APOIO TÉCNICO

Rodolfo Pinto Barbosa

Equipe Cartográfica

Rodolpho Pinto Barbosa (Coordenador)
Lindalva Nogueira Heberle
Célia de Aguiar Arlé
Suelly Tavares Bastos
Enos Fonseca Dória Filho
José-Alfredo Casado de Almeida
Alfredo dos Santos Cunha

Equipe Técnica do Setor de Lingüística do Museu Nacional

Charlotte Emmerich (Coordenadora)
Yonne de Freitas Leite
Maria das Graças Dias Pereira (Bolsista do Centro Nacional de Referência Cultural)
Divinila Moreira Breves de Lima
Marta Helena Rosa
Sylvia Helena Taborda Peixoto

IBGE — Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Av. Beira Mar, 436 — 6.º andar — Rio de Janeiro — RJ
CEP 20 021 — Tel.: (021) 533-3094
ISBN 85-240-0001-5.

1.ª EDIÇÃO
1.ª impressão — dezembro de 1981
2.ª impressão — dezembro de 1987

Capa
Pedro Paulo Machado

IBGE
Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. — Rio de Janeiro : IBGE, 1987.
94 p. : mapa.

ISBN 85-240-0001-5.

1. Índios brasileiros. 2. Curt Nimuendaju — Crítica e interpretação. I. Fundação Nacional Pró-Memória. II. Título.

IBGE. Gerência de Documentação e Biblioteca
RJ-IBGE/81-39

CDD 572.898
CDU 572.9(81 = 98)

M MEDINA-Des
Curt Nimuendajú

SUMÁRIO

CURT NIMUENDAJU

† VIRGÍLIO CORRÊA FILHO

O nome inconfundível, com o qual ingressou nos anais científicos, revela, pelo hibridismo da sua formação, a singularidade impressionante do mais profundo conhecedor dos aborígines do Brasil em seu tempo.

A fase européia da existência esbate-se-lhe nas penumbras da floresta da Turíngia, que lhe povoaram a mente de lendas e fábulas, desde a infância.

Natural de Jena, onde surgiu por volta de 1883, não lhe freqüentou a famosa Universidade, que desde o século XVI permitia a formação de sábios em mais de um ramo. Preferia atirar-se à vida aventureira, embora desprovido de conhecimentos universitários, que possuíam os predecessores, cujos relatos de peregrinações por desconhecidas paragens o seduziram.

Freqüentara apenas o curso secundário, consoante declararia despretensiosamente a HERBERT BALDUS: "não gozei de nenhuma espécie de instrução acadêmica".

Seria, pois, um autodidata.

Porventura nenhum programa de trabalho formulara, opostamente a MARTIUS e SPIX, à testa da expedição científica, oficialmente organizada, e à maioria dos continuadores de explorações do território brasileiro, à custa de governos ou de instituições culturais.

Modestamente, acorde com a sua origem, CURT UNKEL, nome de sua personalidade alemã, antes de alcançar a maioridade civil, deixou a terra natal, em busca de aventuras. Cruzaria o Atlântico possivelmente incluído em alguma leva de imigrantes. Ao conhecer São Paulo, porém, decidiu ali estanciar, apartando-se da maioria dos companheiros de travessia, atraídos, por elos raciais, aos núcleos alemães do Rio Grande do Sul. Porque assim obrou, não saberia ao certo. Muito menos para que. Nem há notícia de como lhe decorrera a vida no biênio de adaptação ao novo ambiente.

Todavia, não tardou em registrar o primeiro feito surpreendente.

"Conheci o guarani, confidenciou em *Lenda da Criação e Juízo Final do Mundo,* em 1905, no oeste de São Paulo e vivi em suas tabas, com poucas interrupções, até 1907, na cidade de Batalha, como um deles".

Não exagerava na declaração verídica. Definiu-se-lhe o destino glorioso, naquela experiência inicial, que lhe permitiu a convivência com os nativos. De tal maneira se lhes afeiçoou, tão sinceras se repetiam as provas de sua amizade leal, que resolveram aplicar-lhe apelido indicativo da transformação pessoal. Como simples criança, ao receber o nome que a individualize, submeteram-no à cerimônia do batismo, presidida pelo pajé.

Ao fim, o hóspede perdera o nome primitivo, CURT UNKEL, substituído pelo de CURT NIMUENDAJU, que significa: "o ser que cria ou faz o seu próprio lar".

E ganhara credenciais prestigiosas, para empreender pesquisas, a que de ordinário se mostram refratários os desconfiados aborígines.

Ao invés de individualidade estranha aos seus grupos, acolhiam-no como um apreciado amigo de confiança, que francamente comungava em seus sentimentos e tinha o direito de entrar-lhes no segredo das práticas religiosas.

Não seria somente o interesse de investigação que inspiraria ao filho adotivo das selvas a aceitação de novo título, indicativo da transfiguração de sua personalidade.

Na realidade, quanto mais estudava a psicologia indígena, mais se afeiçoava àquela gente necessitada de assistência e proteção, que não se regia pelos postulados do Código

Penal. E assim conseguiu, pois que se integrara na comunidade cabocla, conhecer-lhe a vida na intimidade atual e pretérita, pela recordação das lendas, mitos e culto dos seus heróis consagrados.

Mais do que pelos índices antropométricos dos indivíduos, empenhava-se em avaliar-lhes as características psíquicas, pela compreensão das aspirações coletivas, as superstições, o comportamento diário e nas ocasiões extraordinárias.

Quando regressou à capital paulista, depois de um mergulho naquelas rudes paragens, tinha em mãos os primeiros apontamentos, reveladores de vocação merecedora de estímulo.

Acolhido pelo Museu do Ipiranga, então dirigido pelo saber de H. von Ihering, cujas idéias a respeito da incorporação dos aborígines aos meios civilizados não lhe agradaram, preferiu alistar-se entre os colaboradores do Serviço de Proteção aos Índios, a partir de 1911. Aplaudiu-lhe os propósitos humanitários, que se harmonizavam com os seus próprios, e decidiu prestar-lhe o mais abnegado concurso. Freqüentou-lhe os postos indígenas, "a principiar pelo de Araribá (dos Caingang) em São Paulo, viajando, estudando, escrevendo, construindo uma obra que abrangia toda a ologênese cultural das tribos que visitou", consoante assinalou Nunes Pereira, ao recordar-lhe a vida e os trabalhos perante o Instituto de Etnologia e Sociologia do Amazonas.

Peregrinou pela região costeira de São Paulo, por oeste, ao sul de Mato Grosso, pelo sul até o Paraná.

Escrevia sempre. Entretanto, não se tornariam conhecidos, de princípio, os resultados de suas observações, que só em 1914 começaram a divulgar-se em revistas especializadas, especialmente as que se consagravam à Etnologia, em Berlim, Viena, Paris, Stuttgart. Eram, em maioria, vocabulários do linguajar desconhecido, que necessitavam de correções, dos Apopocuva, dos Manajé, dos Timbira, dos Parintintin, e dezenas de tribos da Amazônia, para onde transferira o seu nomadismo científico, por volta de 1913.

Elaborava igualmente ensaios de maior extensão, como a *Lenda da Criação e Juízo Final do Mundo*, *The Social Structure of the Remkomekra* (Canela) e vários outros, que lhe espelhavam o conhecimento cabal dos costumes indígenas.

Redigia-os habitualmente em alemão, como se ainda fora Unkel, mas os sentimentos, a simpatia transbordante com que se referia aos irmãos adotivos, expressavam à justa a mentalidade adquirida, de Nimuendaju. Deixou, a propósito, a confidência: "freqüentei, com predileção, a companhia dos velhos e, de modo especial, a dos pajés (médicos) e me fiz instruir durante horas seguidas sobre os mistérios da velha religião. Até hoje eles se mostram orgulhosos do seu aluno".

Viajante inacessível ao cansaço, andou por dilatada extensão do território brasileiro, ora a serviço do Museu Nacional, do Paulista, do Paranaense, ora para os museus estrangeiros, de Gotemburgo, Dresden, Hamburgo, Leipzig, para o Carnegie Institute ou para a Universidade da Califórnia. "São quarenta e três anos de viagens, afirmou Nunes Pereira, fazendo escavações, pacificando, coligindo material lingüístico, estudando a cultura material e espiritual de inúmeras tribos, procedendo como topógrafo e cartógrafo que era, a levantamentos das regiões percorridas, ilustrando os próprios trabalhos a bico de pena e registrando melodias indígenas".

Cuidava especialmente de etnologia, versada em dezenas de contribuições, inclusive a última, referente aos Tucunas, "trabalho minucioso, de uma extraordinária densidade de observações de fatos e de conclusões, representando, de modo total, a cultura desse povo", conforme apreciou Nunes Pereira, que teve em mãos os originais.

Para aperfeiçoá-lo, sulcou pela terceira vez o Solimões, como antes fizera em rios inúmeros da Amazônia, de São Paulo e vizinhanças, confiante na resistência do seu organismo, que não mais lhe permitiu os triunfos anteriores.

Ao sucumbir, como talvez desejasse, em viagem de estudos, interrompeu a trajetória exemplar, percorrida abnegadamente pelo fervoroso amigo dos silvícolas, que lhes observou com esmero as peculiaridades da cultura material e organização social.

Para melhormente defini-las, houve mister localizá-las com a maior aproximação possível. Daí se originou a longa série de esboços científicos e mapas, que acompanhavam cada reconhecimento por ínvios rincões.

Essas explorações — "um périplo espetacular de cientista ao longo da costa e do interior do Brasil" — afirmou quem lhe conhecia a obra admirável, permitiram que ele, como topógrafo e cartógrafo, enriquecesse as mapotecas da nossa terra com trabalhos de alta valia.

Para mais ampliar a sua colaboração exclusivamente geográfica, organizou "um mapa, de grandes proporções, para o Museu Paraense, a pedido de CARLOS ESTEVÃO, mostrando as localizações remotas, os deslocamentos, as migrações das tribos indígenas em nosso país", afirmou, ainda, NUNES PEREIRA.

Achava-se, mais do que ninguém, credenciado pelos ensaios anteriormente divulgados, para empreender tamanha obra, que exigia conhecimentos de etnologia, de história, de localização de tribos inclinadas ao nomadismo.

Não obstante, conseguiu ultimá-la e, ainda mais, reduzi-la em cópias, entregues à Inspetoria de Índios do Pará, à Universidade de Colômbia, a pedido de ROBERT LOW, que lhe propiciara a publicação, em inglês, de *The Gamela Indians* e outros ensaios.

Cooperou, destarte, NIMUENDAJU para mais exato conhecimento da terra brasileira e das populações marginais, que ainda se encontram agrupadas nas regiões que explorou. Ainda mais lhe avultará a contribuição geográfica, depois que lhe for examinado o espólio científico, em boa hora confiado ao Museu Nacional, onde os estudiosos poderão, mais tarde, examinar-lhe os escritos e mapas referentes ao Brasil.

* Transcrito da RBG jan./mar. 1951

CURT NIMUENDAJU

L. de Castro Faria

"Quer que lhe mande uma história da minha vida? É simples — nasci em Jena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente até 1913 São Paulo, e depois Belém do Pará, e em todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações, das quais enumerei na lista anexa aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho".

Essa é a autobiografia de Curt Nimuendaju, escrita a pedido de Herbert Baldus, alemão de nascimento como ele, e que já se empenhava nessa época (1939) em reunir o máximo de dados sobre autores e publicações, para compor a sua notável *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira,* registro quase completo e avaliativo de fontes históricas e de trabalhos produzidos nesse campo específico de saber.

Nessa autobiografia os dados convencionais aparecem reduzidos ao mínimo; não chegam a constituir um *Curriculum Vitae,* tal como H. Baldus, doutor pela Universidade de Berlim e percorrendo uma trajetória acadêmica, talvez esperasse. Mas na afirmativa de que "todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações" estava a indicação do título máximo, que ninguém provavelmente poderia ostentar com riqueza igual, que afirmava o caráter singular da história da sua vida, que garantia a autenticidade absoluta da sua produção.

As atividades de Curt Nimuendaju são adequadamente designadas como de *exploração.* Nas primeiras décadas do século o campo intelectual europeu privilegiava as missões científicas de exploração e instituições especializadas — os museus — estavam empenhadas em ampliar os seus volumosos acervos de coleções, provenientes do colonialismo.

Os museus de etnografia, sobretudo, procuravam preencher os espaços ainda vazios, de sorte que os *primitivos* de todos os continentes ficassem devidamente representados nos seus mostruários. Criou-se desse modo um mercado de bens simbólicos, constituído de coleções etnográficas e arqueológicas.

A atividade de Curt Nimuendaju encontrou apoio e estímulo por parte dos agentes do campo intelectual que dirigiam esse processo e de certo modo controlavam esse mercado. A história da sua vida é parte importante desse processo. A sua trajetória se entrecruza com as trajetórias de muitos outros profissionais consagrados, que no campo intelectual europeu ocupavam posições de relevo na classe dominante, dirigiam instituições científicas patrocinadas pelo Estado, manipulavam as políticas nacionais de favorecimento científico.

As trajetórias profissionais de Curt Nimuendaju e de Erland Nordenskiöld, por exemplo, a despeito da imensa distância que os separava em termos de origem familiar, formação, ligações institucionais, linhas de trabalho, estiveram sempre interligadas. As trajetórias profissionais de outro europeu, Paul Rivet, e de um norte-americano de origem austríaca, Robert H. Lowie, compõem com as de Curt Nimuendaju e de Erland Nordenskiöld — numa certa medida também com a de Alfred Métraux — um pequeno feixe bastante ilustrativo desse estado do campo intelectual.

O caso de Erland Nordenskiöld é exemplar. Sua biografia inclui uma genealogia que remonta ao século XV. Em 1751 já os seus ascendentes tinham recebido um título de nobreza. Não só freqüenta uma universidade, como vive desde jovem dentro de um museu, que o seu pai dirigia. Inicia, no en-

tanto, a sua trajetória tal como Curt Nimuendaju — em 1901 faz parte de uma Exposição Sueca Chaco-Cordilheira, que regressa a Estocolmo "com grandes coleções de material zoológico, botânico e etnográfico". Realiza várias outras expedições e em 1913 já era Superintendente do Departamento de Etnografia do Museu de Gotemburgo, e a esta posição acrescenta a partir de 1924 a de professor de *Etnografia Geral e Comparada* do Museu de Gotemburgo.

Erland Nordenskiöld não apenas coleciona, mas na realidade cria um bom mercado para coleções etnográficas e arqueológicas da América do Sul, do qual participa o Brasil, por intermédio de Curt Nimuendaju.

"Foi então (1922) que se produziu um acontecimento que iria ter para a nossa instituição (Museu de Gotemburgo) conseqüências decisivas: o professor Erland Nordenskiöld entrou esse ano em contato, por intermédio do consul sueco no Pará, Sr. Gunnar Pira, com um eminente explorador, o Sr. Curt Nimuendaju, um dos melhores conhecedores dos índios do Brasil"... "Desde então a colaboração com o Sr. Curt Nimuendaju prosseguiu quase sem interrupção. O Museu de Gotemburgo deve ao Sr. Curt Nimuendaju o maior reconhecimento por todas as coleções do Brasil que ele obteve e que foram feitas não somente com o maior cuidado, mas também freqüentemente com uma bela audácia".

Até 1931 o Museu de Gotemburgo contava com o seguinte acervo — número de tribos representadas nas coleções, 96; coleções consideradas completas, 52; coleções do Brasil, 40; coleções do Brasil completas, 14. Coleções arqueológicas — número de regiões representadas, 64; número de regiões representadas por coleções completas, 17.

Essa atividade marcadamente colecionista tornara-se prática comum. O trabalho etnográfico podia ser feito com autofinanciamento — as coleções de objetos indígenas tinham mercado certo, mercado criado por cientistas e instituições nobres, como os museus.

De Belém, com data de 20 de outubro de 1932, Curt Nimuendaju escrevia a Heloisa Alberto Torres: "tenho à disposição do Museu Nacional uma boa coleção de 469 números dos índios Apinajé. Como a senhora pode ver pelo catálogo incluso, ela contém muitas coisas que raramente se encontram em coleções etnográficas, representando toda a cultura material daquela tribo. Coleção semelhante já organizei em 1929 e 1930; elas se acham agora nos museus de Dresden e de Gotemburgo. A presente coleção será a última, pois a decadência rápida da tribo não permitirá mais a organização de outra. Gostaria muito que pelo menos essa última ficasse no Brasil. O preço da coleção é de 10.000$000 (dez contos de réis)".

Três meses depois, em 27 de janeiro de 1933, insistia: "peço muito que a senhora comunique com a maior presteza possível a resolução do Museu Nacional. Há dois estabelecimentos (Berlim e Paris) que se interessam pela aquisição da coleção, e aos quais tenho de dar quanto antes uma satisfação caso ela não fique no Museu Nacional".

Eram realmente essas as suas condições de trabalho. Diz ele em outro documento: "as viagens de 1929 e 1930 foram subvencionadas pelos museus de Hamburgo, Dresden e Leipzig e pelo *Staatliche Forschungsinstitut fuer Voelkerkunde,* desta última cidade...".

As coleções de Gotemburgo e de outros museus da Suécia, principalmente, e dos vários museus alemães proporcionaram material abundante para os *Estudos de Etnografia Comparada*, de Erland Nordenskiöld, em nove volumes publicados de 1918 a 1931, e ainda um décimo volume aparecido em 1938, depois da sua morte.

No primeiro volume dessa série encontram-se dados que mostram claramente como se articulavam de maneira ostensiva a produção intelectual, o colecionismo e o comércio. O autor declara: "minha intenção de reunir os meus trabalhos comparativos sobre o desenvolvimento material dos Índios da América do Sul em três volumes e torná-los acessíveis ao público americano se deve à sugestão e ao custeio do Consul Geral Axel Johnson, diretor-gerente da Companhia de Navegação que leva o seu nome". Em nota ao pé de página uma informação dá conta da expansão da *Johnson Line,* em termos de tonelagem bruta, modernização da frota e valor em libras das exportações. Verifica-se que as exportações da Suécia para o Brasil aumentaram de £ 5.500 em 1904, para £ 126.830 em 1913.

Esses dados se encontram num livro de Etnografia Comparada, escrito com base em coleções de objetos indígenas, produzidas para um mercado que então se revelava bastante competitivo, e cujos lugares eram *museus*. Esses ocupam um espaço nobre, dentro da região do campo cultural coberta pelas categorias *etnografia*, *etnologia*. Os seus nomes e os nomes dos profissionais que neles construíam as suas trajetórias tornavam-se referências obrigatórias e permaneciam colados.

No segundo volume da mesma série (1920) Erland Nordenskiöld dirige agradecimentos a Kaj-Birket-Smith, do Museu Nacional de Copenhague, a Koch-Grünberg, diretor do Museu Etnológico de Stuttgart, a F. Krause, do Museu Etnológico de Leipzig, ao Dr. J. P. B. de Joselin de Jong, do Museu Real Etnográfico de Leiden, ao Dr. Max Schmidt, do Museu Etnológico de Berlim... Nas biografias de profissionais norte-americanos dessa mesma região do campo intelectual, na situação apreciada aqui, são igualmente recorrentes e valorizados os dados sobre atividades desenvolvidas nos museus — o preparo de exposições, as mensurações de crânios, as classificações de objetos etnográficos, e sobretudo o colecionamento. Tal fato se verifica, por exemplo, nas biografias de F. Boas, de C. Wissler, de Robert H. Lowie.

Curt Nimuendaju só começa a publicar a partir de 1914, aos 31 anos de idade. Nesse ano o *Zeitschrift für Ethnologie* divulga o seu trabalho sobre "A lenda da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani", estudo que E. Schaden qualifica de "monumental". Com pequenas interrupções, uma um pouco maior de 1915 a 1920, publica regularmente até morrer, em 1945. Permanece entretanto, por muito tempo, um autor de língua alemã. Além do *Zeitschrift für Ethnologie* acolhem os seus artigos os periódicos *Anthropos*, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, *Ethnologischer Anzeiger* e até o *Provinzzeitschrift der Franciskaner in Nordbrasilien*.

A partir de 1923 o *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, sociedade sobre a qual P. Rivet exercia uma influência decisiva, começa a acolher vários dos seus trabalhos, alguns ainda em alemão, outros em francês e mesmo uns poucos em português.

Como autor de língua alemã ficava submetido a uma certa limitação quantitativa em termos de público, mas certamente não excluía profissionais considerados de língua inglesa, e que exerciam o papel de legitimadores do conhecimento produzido nessa região do campo intelectual, como por exemplo F. Boas e Robert H. Lowie, que certamente conheciam os trabalhos de Curt Nimuendaju publicados em alemão, em revistas de língua alemã, língua materna de ambos.

Robert H. Lowie torna-se como se sabe não apenas co-autor, mas também tradutor e editor de trabalhos de C. Nimuendaju, com o qual mantém correspondência regular. Graças a essa mediação os principais trabalhos de Curt Nimuendaju alcançam um novo público, mais amplo e sobretudo mais diversificado. Não se trata apenas de público de outra língua, mas de público de profissionais com notáveis diferenças de orientação teórica. Essas diferenças se tornam patentes não apenas em termos do confronto com o público de língua alemã, constituído sobretudo por alemães e austríacos, mas também em termos de diferenças internas, próprias do campo intelectual de língua inglesa, muito mais aberto.

Com os trabalhos publicados no *American Anthropologist* — "The Dual Organization of the Ramkókamekra" (Canella), 1937, em colaboração com Robert H. Lowie; "The Social Structure of the Ramkókamekra", 1938; "The Association of the Šerente", com Robert H. Lowie, 1939 — e no *Southwestern Journal of Anthropology* ("Social Organization and beliefs of the Botocudos of Eastern Brazil", 1946, Curt Nimuendaju atinge o grande público de leitores de revistas especializadas de língua inglesa de todas as partes do mundo, inclusive do Brasil.

As suas monografias, também publicadas em inglês como volumes de séries academicamente legitimadas e legitimadoras, sobre os Apinajé, os Cherente e os Tukuna, inscrevem o seu nome na relação dos etnólogos consagrados, e que dominam os circuitos de comunicação.

A sua consagração, é claro, não advém apenas do fato de ter a sua produção traduzida para o inglês, nem de ser acolhido por um grupo de produtores que já partilhava um grau elevado de consagração. Para chegar a esse ponto ele, que produzira inicialmente relatórios de exploração, vocabulários de línguas indígenas pouco conhecidas ou de

classificação duvidosa, que fizera coleções etnográficas e arqueológicas para museus europeus, que colecionara mitos e peças raras, teve que abandonar tudo que antes achara importante, para assumir a importância dos problemas que lhe eram propostos pela etnologia da época, por intermédio de Robert H. Lowie.

Pela biblioteca de Curt Nimuendaju pode-se avaliar como a sua trajetória foi percorrida com firmeza, numa determinação pessoal que jamais sofreu qualquer desvio.

Inicialmente achava-se desprovido de qualquer recurso. De Belém do Pará, em setembro de 1920, escreve ao diretor do Museu Nacional, Prof. Bruno Lobo: "em outro objeto venho ainda solicitar o auxílio do senhor. Luto aqui para poder executar os meus trabalhos, com grande falta de literatura etnográfica. A Biblioteca do Museu Goeldi rica em literatura botânica e zoológica, não satisfaz absolutamente quanto àquela disciplina, isto devido a ter o Museu nunca tido (sic) um etnólogo, desde os tempos de Ferreira Penna..."

Quando morreu possuía ele próprio uma biblioteca, mas certamente constituída sobretudo por meio de intercâmbio, pois predominavam folhetos, separatas, números avulsos de periódicos especializados, que dão uma boa idéia da sua rede de relações profissionais. Erland Nordenskiöld, P. Rivet e A. Métraux aí estão fartamente representados, como estiveram de fato presentes em toda a sua trajetória.

Entre os livros clássicos os de autoria de K. von den Steinen, Koch-Grünberg, Snethlage, Max Schmidt, Fritz Krause, além de numerosos trabalhos do grupo constituído por W. Schmidt, P. Koppers e M. Gusinde.

É digno de nota que a linha de trabalho de E. Nordenskiöld e do seu grupo do Museu de Gotemburgo jamais tenha sensibilizado Curt Nimuendaju. Ele fornecia matéria-prima a esse grupo, mas não seguia a sua orientação. Fornecia coleções etnográficas e arqueológicas, mas nunca se interessou pelos objetos em si, pela tecnologia em si, nem pela origem e distribuição de traços e complexos de cultura. Acompanhou de fato, e muito de perto, os procedimentos de Paul Rivet, por exemplo, em termos de coleta de vocabulários e procura de afinidades entre as diversas línguas indígenas.

De Robert H. Lowie possuía *Primitive Society*, na primeira edição de 1920, e *Primitive Religion*, em edição de Londres 1925. De Malinowski apenas *The Sexual Life of Savages in Northwestern Melanesia*, 3.ª edição, Londres 1932.

A biblioteca de Curt Nimuendaju pertence hoje ao Museu Nacional. Ela foi avaliada por uma comissão composta por Gastão Cruls, então diretor da Biblioteca Central de Educação, Luiz Camillo de Oliveira Netto, então diretor da Biblioteca do Itamarati, e Rodrigo Mello Franco de Andrade, na época diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em seu parecer afirmaram: "quanto aos impressos que formavam a biblioteca de Curt Nimuendaju — livros, publicações seriadas, folhetos e separatas — nenhum deles pode ser considerado raridade bibliográfica relevante ou obra de grande preço. Trata-se de acervo reduzido, sem maior interesse senão o de ter pertencido ao insigne etnólogo e o valor decorrente de suas anotações pessoais sobre alguns volumes". O valor atribuído foi de oito mil cruzeiros.

O Museu Nacional adquiriu não apenas a biblioteca, mas também o seu arquivo. Quanto a este dizia o mesmo parecer: "deste último, peças há desprovidas de interesse, por se tratar de cópias de trabalhos já publicados. Pela importância universal da personalidade de Curt Nimuendaju nas matérias em que se especializou, bem como pela riqueza da contribuição ainda inédita contida em muitos textos e *croquis* pertencentes ao seu arquivo, justificar-se-ia a atribuição de um valor avultado ao conjunto do espólio do notável especialista. Importa, porém, ter-se em conta que a quase totalidade de seus estudos e notas ainda inéditos não poderá ser publicada sem um trabalho enorme e complexo de ordenação, revisão, conferência e anotação cuidadosa, que importará em despesa muitíssimo considerável". Foi atribuído a esse arquivo o valor de oitenta mil cruzeiros. Biblioteca e arquivo foram pois adquiridos pelo total de noventa mil cruzeiros, quantia bastante alta para a época (1950).

Na edição em português da monografia sobre os Apinajé (*Boletim* do Museu Goeldi, XII) encontra-se uma nota introdutória sobre Curt Nimuendaju; nela afirma-se que este, além dos estudos publicados, "deixou uma série de manuscritos inéditos, atualmente em

poder do Museu Nacional, aguardando publicação". Tal afirmação pode levar a supor que Curt Nimuendaju tenha deixado realmente trabalhos acabados, prontos para publicação, aguardando apenas um editor, o que absolutamente não é verdadeiro. Não há um só manuscrito inédito em tais condições — todos os seus trabalhos prontos, *acabados*, foram publicados, alguns depois da sua morte. Há, sim, além dos originais de suas publicações, uma grande quantidade de anotações de todo tipo — transcrições, comentários, notas de campo, levantamentos topográficos, listas de palavras, provavelmente já incluídas nos seus *Vocabulários* indígenas, enfim um conjunto sem dúvida muito valioso mas desordenado de materiais. A publicação de qualquer parte desse material só poderá ser decidida após trabalho exaustivo de avaliação, isto em respeito aos critérios extremamente rigorosos do próprio Curt Nimuendaju. Procedimentos levianos causavam-lhe repulsa. Ao verificar, por exemplo, que a revista *Anthropos* (XXIV, 1929) havia publicado algo com o título de *Curt Nimuendaju im Gebiet der Gê-Völker im Innern Nordostbrasiliens* registrou o fato com desagrado e muito mais tarde ao comentar o sucedido em carta dirigida a Herbert Baldus (1944) esclareceu: "é o título sob o qual P. Koppers entendeu de publicar uma carta particular minha, que lhe dirigi de Barra do Corda, em 2 de abril de 1929. Essa carta, já pelo seu caráter todo particular, não estava absolutamente destinada à publicação. Vi-me obrigado a corrigir-me largamente a mim mesmo, o que fiz no meu manuscrito sobre os Timbiras, tanto na versão alemã que remeti à California University, como na portuguesa que estou elaborando agora. O pior, porém, foi que H. Snethlage "utilizou-se" largamente dessa publicação, de uma tal maneira para completar o seu *Unter Nordostbrasilianischen Indianern,* que se tornaram necessárias retificações ainda mais extensas". Além dos problemas de exegese, há problemas éticos muito sérios a considerar no caso da publicação dos chamados "manuscritos inéditos" de Curt Nimuendaju.

Curt Nimuendaju foi um *artesão,* no mais legítimo e nobre sentido do termo. Em Jena, aos 16 anos, torna-se aprendiz de mecânico-ótico da empresa Zeiss. Nessa profissão deve ter adquirido uma habilidade manual fora do comum; um ritmo lento e bem compassado de trabalho, com materiais de pequena escala.

No seu *Mapa Etno-Histórico,* trabalho final, trabalho de coroamento, estão reunidos o artesão e o etnólogo. Esse foi o trabalho de Curt Nimuendaju, o trabalho que ninguém mais poderia realizar. Diz ele: "o mapa não se baseia em trabalho etnográfico de nenhum outro autor. As bibliografias, as informações particulares e os estudos e minhas observações pessoais a respeito foram acumuladas durante decênios. "A classificação lingüística da quase totalidade das tribos, lingüisticamente documentadas foi examinada ou mesmo feita por mim. Só em alguns casos em que o material não me foi ainda acessível adotei a classificação de autoridades como Rivet, Koch-Grünberg, etc."

A tarefa de desenhar um só exemplar desse mapa etno-histórico, na escala adotada e com soma tão elevada de registros, seria hoje uma tarefa impensável. Acontece que Curt Nimuendaju desenhou nada menos de três exemplares: um para o Museu Goeldi, outro para a *Smithsonian Institution* e um terceiro para o Museu Nacional, feito por último e provavelmente o mais completo. Para produzir esse mapa valeu-se de cerca de 580 autores-fontes, ele próprio autor de perto de quarenta.

De todos os trabalhos de Curt Nimuendaju este é o mais exclusivamente seu, o mais original, o que não tem antecedente, o que não tem par nem terá sucedâneo. Este o seu grande manuscrito, pronto e acabado, e que permanecia inédito.

Agora, graças ao empenho de Jorge Zarur, como membro do CNRC, está posto ao alcance de todos.

QUADRO DAS PESQUISAS DE CAMPO REALIZADAS POR CURT NIMUENDAJU

ANOS	REGIÕES	TRIBOS
1905—08	Oeste de S. Paulo	Guarani, Kaingáng
1909	Oeste de S. Paulo, Sul de M. Grosso	Guarani, Kaingáng, Ofayé, Otí, Terena
1910	Oeste de S. Paulo	Guarani, Kaingáng
1911	Oeste e litoral de S. Paulo	Guarani, Kaingáng
1912	Oeste e litoral de S. Paulo	Guarani, Kaingáng, Kaiguá
1913	Sul de M. Grosso	Ofayé, Guarani, Kaingáng
1914—15	Gurupi	Tembé, Timbira, Urubu
1915—16	Missão Santo Antonio do Prata	Tembé
1916—19	Xingu, Iriri, Curuá	Juruna, Xipaya, Arara, Kayapó
1920	Litoral do Pará	
1921	Oiapoque	
1921—23	Rio Madeira	Parintintin, Mura, Pirahã, Tóra, Matanawi
1922	Ilha de Marajó	Escavações
1923	Tapajós, Mariacuã, Maué Guiana, Marajó, Caviana	Escavações Escavações
1924—25	Tapajós, Trombetas, Jamundá, Caviana	Escavações
1925	Oiapoque	Escavações — Palikur, Indios do Uaçá
1926	Afluentes do Amazonas, Madeira, Autaz Tocantins	Escavações — Mura, Mundurukú Escavações
1927	Rio Negro, Içana, Uaupés	Baníwa, Wanâna, Tariâna, Tukano, Makú
1928	Tapajós	Escavações
1928—29	Maranhão, Goiás	Apinayé, Canela, Krikatí, Krepúnkateye, Pukópũe, Guajajara
1929	Solimões	Tukúna
1930	Tocantins, Maranhão	Apinayé, Xerênte, Kraho, Canela
1931	Tocantins, Maranhão	Apinayé, Canela
1932	Tocantins	Apinayé
	Tapajós, Manaus	
1933	Maranhão	Canela
1934	Pernambuco	Fulniô, Xucurú
1935	Maranhão	Canela
1936	Maranhão	Gamela, Canela
1937	Tocantins	Apinayé, Xerênte
1938—39	Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo	Patachó, Kamakã, Machakarí, Botocudos
1940	Xingu, Araguaia	Gorotíre, Kayapó do Arraias
1941—42	Solimões	Tukúna
1945	Solimões	Tukúna

A CARTOGRAFIA DO MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

Rodolpho Pinto Barbosa
Cartógrafo do IBGE

Ao desenhar o último traço sobre o papel conson de seu mapa Etno-Histórico para o Museu Nacional, em 1944, *Curt Nimuendaju*, na realidade, repetia este gesto pela terceira vez. Já o fizera em idêntico mapa para o Museu Goeldi, em 1943 e, no ano anterior, para o *Smithsonian Institution.*

Não é fato material de lançar à nanquim, laboriosa, delicada e caprichosamente, uma linha num papel de desenho, com dois por dois metros, já repleto de símbolos, representando rios, litoral e nomes que valoriza aquela obra. Aí está o artesão, que *Curt* sempre foi, paciente e cuidadoso, repetindo-se no gesto, mas criativo no que faz — nenhum dos três mapas são iguais — mas, sobretudo, porque aquele traço final, foi o resultado de uma vida inteira, identificando e localizando um milhar e meio de tribos indígenas, classificando suas línguas, anotando seus hábitos e coligindo seus utensílios. Aí temos o pesquisador, dedicado, meticuloso e estudioso.

Curt Nimuendaju aliou as duas qualificações. Foi pesquisador e artesão. Ambos estão perfeitamente refletidos na cartografia do Mapa Etno-histórico. Efetivamente, a cartografia exige a pesquisa que é o conteúdo do mapa e a representação que é a forma material. Eis porque, talvez, *Curt Nimuendaju*, concretizou sua mais exclusiva obra, na cartografia de seu mapa.

Foi essa obra, o Mapa Etno-histórico do Museu Nacional, o último elaborado por *Curt* (1944), que serviu de base para a atual publicação. Antevendo-se, porém, a importância e repercussão da edição do *mapa*, não se podia deixar de consultar o original do Museu Goeldi (1943). O acesso aos dois trabalhos propiciou miñundentes estudos comparativos da cartografia de *Curt Nimuendaju.* Permitiu observar os mínimos pormenores coincidentes ou divergentes inscritos nos dois *mapas*. Apreendeu-se, claramente, o sentido dinâmico e o constante aperfeiçoamento que *Curt* procurava imprimir na representação de cada elemento. Confirma a informação, altera a localização de tribos ou muda a classificação linguística diante de novas informações.

Assim, constatou-se que no do Museu Goeldi está incluída na legenda a família lingüística SANAVIRON representada pelas tribos lôcalizados no *mapa* Sanaviron, Conechigon e Indiana, todas extintas, já no do Museu Nacional esta família foi excluída das convenções e as tribos classificadas como de línguas desconhecidas, conservando-as como extintas. Inversamente, *Curt* incluiu na legenda do último a família linguística HUARPE, com a respectiva tribo localizada no *mapa*, detalhes omitidos no *mapa* do Museu Goeldi.

Ao se cotejar a base planimétrica dos mapas originais de *Curt* com a dos mapas atuais, verificam-se algumas discrepâncias no traçado dos rios, linha de costa e limites. No início da década de 40, quando *Curt* elaborou os mapas, deve-se lembrar, pouca documentação cartográfica existia abrangendo toda a área por ele estudada e que lhe servisse de base para compilar o tema. Na parte correspondente ao Brasil, o Clube de Engenharia havia publicado, em 1922, as folhas da Carta Internacional do Mundo ao milionésimo. A *American Geographic Society* publicara as folhas do mapa ao milionésimo da América Espanhola e Brasil na década de 30 e início dos anos 40. Em escala menor do original do *Curt*, 1:2.500.000, só existia o mapa do Privat, 1:4.000.000, de 1939, que lhe poderiam servir de base.

Curt Nimuendaju não teve a preocupação de indicar a origem da base planimétrica que usou no mapa. Assim, só mera especulação pode ser feita para identificá-la. De qualquer forma, reduzindo ou ampliando, está claro

que *Curt* usou mais de uma fonte. É certo que a planimetria de seu mapa espelha o conhecimento que se tinha do território nacional na época, ou disto muito se aproxima. Igualmente usou croquis de pequenos rios para localizar tribos, possivelmente elaborados por ele próprio, para enriquecer detalhes de localização de tribos.

Mas, naquele momento, ao meio da II Guerra Mundial, vivíamos o início de um salto, uma revolução nas técnicas cartográficas. Uma delas, a fotografia aérea, teve o seu uso intensificado proporcionando um rápido reconhecimento de territórios antes de difícil mapeamento. Nos países pouco desenvolvidos, notadamente no Brasil, esse impacto foi grande. O recobrimento aerofotogramétrico pelo sistema *trimetrogon* efetivado em 1942 e anos subseqüentes, pela Força Aérea Norte Americana e o apoio de pontos astronômicos, levantados na campanha de coordenadas geográficas, desenvolvida pelo IBGE, veio possibilitar uma melhor precisão no posicionamento da topografia do Brasil. Daí aos dias de hoje, pode-se dizer que, para escalas geográficas, os atuais mapas apresentam uma excelente base planimétrica da área coberta pelo Mapa Etno-histórico de *Curt Nimuendaju*. Eis porque se encontram as divergências anteriormente apontadas.

Na execução do Mapa, *Curt* tomou determinado partido para expor o resultado de sua pesquisa, condicionado pela técnica artesanal, então em uso, do desenho a pena em cores sobre papel opaco. Após traçar a rede hidrográfica, que foi a base para a localização das tribos, desenhou os nomes das tribos, na localização que a bibliografia coligida ou a pesquisa de campo indicavam, usando tamanho de letras maiores ou menores, conforme a importância e a extensão do território de cada tribo. Esses mesmos nomes, desenhados em preto, foram diferenciados por tipos de letras: cheias para as tribos existentes: sedes atuais; vazadas, para tribos existentes: sedes abandonadas e tribos extintas, em letras finas.

A classificação das famílias lingüísticas foi feita grifando em traços coloridos os nomes das tribos. Uma cor ou um tom para cada uma das 40 famílias por ele classificada. Aproveitando ainda esses traços, distinguiu, o que já fizera com diferentes tipos de letras, as tribos que se encontravam na localização indicada; que haviam abandonado o local; e tribos que estavam extintas, respectivamente, com os traços grossos contínuos; finos contínuos e finos interrompidos.

O elemento básico que *Curt* usou para localizar as tribos foi a hidrografia. Observa-se que houve extremo cuidado ao posicionar as letras dos nomes das tribos. Relacionou-as, ora às cabeceiras dos rios, ora aos interflúvios, às margens de rios e, ainda, ao litoral. Tendo em vista estes referenciais, *Curt* desenhou os nomes das tribos quase sempre em curvas para amoldá-los a rede hidrográfica e ao litoral e, quando os desenhou horizontalmente, ainda neste caso, teve em vista o curso dos rios ou referências da linha de costa. Devido a esta correlação, *Curt* dedicou grande atenção ao traçado dos rios. A cada novo mapa que fazia, introduzia correções. No último, para o Museu Nacional, alterou o curso de alguns rios, notadamente na Região Norte. Nestes casos, alterando o anterior, posicionou os mesmos nomes das tribos relacionando-os a nova locação dos rios.

Quanto a nomenclatura dos acidentes geográficos cingiu-se, também, quase exclusivamente, aos geônimos da hidrografia. Foram indicados mais de 500 rios, sendo raríssimos os representados sem denominação. Alguns rios sem significação geográfica, porém de importância para a localização de tribos, foram lançados e identificados. Além desses nomes, somente grafou os de algumas ilhas e os das capitais. Nenhum nome de países e unidades federadas do Brasil foi desenhado.

Complementando o mapa, *Curt* elaborou o *Índice das Tribos*, cujos nomes foram ordenados alfabeticamente. Através desse índice, pode-se localizar as tribos no mapa, dentro do quadriculado formado por uma rede plano-retangular, com equidistância de 20 centímetros, cujos intervalos foram numerados de 1 a 10 no sentido norte-sul e de *A* a *I* no de oeste-leste. Deve-se observar que esta rede não corresponde a nenhum sistema de projeção cartográfica, portanto não coincidindo com paralelos e meridianos. Aliás, na apresentação do próprio mapa, *Curt* ressaltou que não há traçados de rede geográfica. Finalmente, um último dado, *Curt* identificou, catalogou e datou o ano ou século no mapa, em que foi documentada cada tribo, cerca de 1.400, e, ainda, indicou através de setas o sentido das migrações de muitas dessas tribos.

É bem possível que *Curt Nimuendaju* jamais tenha imaginado publicar o seu mapa. O formato excessivamente grande, a qualidade do papel, as letras muito pequenas, a quantidade de cores e tons, indicam que o autor não se preocupou com problemas de ordem técnica para a reprodução do original. Daí a impossibilidade de reproduzir o mapa na sua forma original. Aproveitando a sua inata habilidade no desenho, meticulosidade do detalhe e conhecimento de topografia, *Curt* certamente quis deixar o resultado de sua pesquisa na melhor síntese para a consulta de localização das tribos e das famílias lingüísticas: a cartográfica.

Curt usou 41 cores e tons, em traços finos, para indicar a classificação lingüística, muitos descontínuos, representando tribos extintas. Esta grande multiplicidade de tons, somada ao natural desgaste e alterações da pigmentação das tintas e alterações tonais do papel conson, devido ao tempo transcorrido da elaboração do mapa até a atualidade, exigiu extremo cuidado na identificação das famílias lingüísticas. Esta dificuldade adicional redobrou os cuidados para a correta interpretação do mapa. Além de cotejar-se os dois mapas, o do Goeldi e do Museu Nacional, recorreu-se, sistematicamente, ao índice das tribos para confrontar a correção da interpretação.

Ao se planejar a publicação do mapa, aplicou-se novas técnicas cartográficas, não mais artesanal como na época de *Curt*, porém todos os cuidados foram tomados para que nada fosse alterado, senão naquilo que, formalmente, tornasse mais claro e objetivo o conteúdo da classificação lingüística e etno-histórico do original. Assim, a classificação lingüística foi mantida sem modificações. Entretanto, em vez de finos traços coloridos sublinhando as 40 classes adotadas por *Curt*, por ser impróprio para impressão e difícil para leitura do mapa, colocou-se manchas coloridas ou símbolos sob os nomes das tribos. Isto propicia uma clara identificação das famílias lingüísticas, ao mesmo tempo que melhor representa a localização das tribos, conforme documentada no mapa. Para as tribos de línguas isoladas, conforme foram classificadas pelo autor, usou-se sobrepor ao nome a cor marron claro com listas inclinadas mais fortes (no original grifado em preto) e para as línguas desconhecidas, deixou-se o nome da tribo sem nenhuma sinalização, em branco, tal como está no original.

O posicionamento dos nomes das tribos foi rigorosamente obedecido, adaptando-se, porém, ao atual traçado da rede hidrográfica. Isto devido ao melhor conhecimento do espaço geográfico estudado. Foram excluídas, porém, atuais áreas inundadas das represas, para não obliterar a localização das tribos que nesses locais foram documentadas. Todos os rios constantes do original foram mantidos com os respectivos nomes, corrigindo-se, tão somente, o seu traçado e a ortografia e, no caso em que o autor nomeou-os diferentemente, foi grafado, entre parênteses, o geônimo adotado pelo autor, após o atual nome.

Houve acréscimo dos nomes das unidades políticas — países e unidades federadas do Brasil — com o fim de facilitar a correlação na localização das tribos com essas unidades, completando-se, assim, a própria idéia do autor que representou os limites dessas unidades no original. As setas indicativas da direção das migrações das tribos bem como o ano ou século destes registros representados no mapa pelo autor, foram reforçados para dar maior realce a essas informações. Os tipos e tamanhos das letras dos nomes das tribos foram mantidas o mais próximo possível, conforme as do original, isto é, cheias para as tribos existentes: sedes atuais; vazadas, para as tribos existentes: sedes abandonadas e finas para as tribos extintas (época da execução do mapa pelo autor — 1944).

Acrescentou-se, para reforçar as tribos existentes, "sedes atuais", conforme constatadas pelo autor, um traço vermelho sob o nome dessas tribos, ressaltando-se assim as tribos existentes na época (1944).

Não se pode deixar de registrar que no mapa original as tribos Cane (C6 e C7) e Tariána (B2) estão classificadas, simultaneamente, na família lingüística ARAUK, tribos extintas e, logo abaixo, a primeira como TUPI e a segunda como TUKANA, ambos como tribos extintas, sedes atuais. Conservou-se, no mapa, somente as últimas classificações.

Certos tipos de notações usadas por *Curt* foram mantidas para preservar a fidelidade dos registros. Logo abaixo do nome da tribo, nas datas em que elas foram documentadas por ele, este acresceu o sinal menos (—) anteposto à data ou hífen quando aparecem duas datas; o sinal mais (+) após a data e, por vezes, um ponto após o ano, ou ainda o ano

sem qualquer tipo de notação. Há, ainda, combinações desses tipos de notações para diversas tribos. Em determinados casos, *Curt* usou o sinal de igualdade (=) entre os nomes de duas tribos. O preciso significado desses sinais não está claramente definido, podendo dar margem a diferentes interpretações, porém nada foi alterado ou omitido para possibilitar a mais ampla base de pesquisas que o mapa propiciará aos seus usuários.

Outro tipo de notação usado por *Curt*, o "e" comercial (&), significando certamente a convivência no mesmo território de duas tribos, foi substituído por uma barra (/) entre os nomes dessas tribos, para não se perder esta informação do original em vista da impossibilidade de usar-se aquela notação nos diferentes tipos de letras utilizadas para os nomes de tribos.

O índice de localização geográfica das tribos foi adaptado ao traçado da rede geográfica da projeção policônica em que é editado o mapa, com o espaçamento de 5 em 5 graus entre paralelos e meridianos, formando um quadriculado que serve, da mesma forma do original, para localizar as tribos relacionadas no índice. Ao elaborar-se o mapa, optou-se pela escala de 1:5.000.000, reduzindo, portanto, o original à metade, resultando em condensar determinadas áreas mais estudadas por *Curt*, mas mantendo-se a clareza de leitura do mapa. Isto propiciou reduzi-lo em um quarto da área, aproximadamente um metro quadrado, tornando-o mais acessível ao manuseio e consulta, sem qualquer prejuízo dos registros inscritos no mapa.

Enfim, necessário dizer, o Mapa de *Curt* não deve ser considerado um mapa histórico, no sentido de ser um mapa antigo. Ele é um mapa de nossa época. Reúne o melhor acervo etno-histórico indispensável e insubstituível para qualquer pesquisa sobre as tribos indígenas da região mapeada. Ao publicar o trabalho de *Curt*, preserva-se e coloca-se à disposição dos estudiosos desse campo do conhecimento humano o conteúdo do mapa de maneira inalterada, como se fosse o próprio original. É também certo que outros campos do saber se beneficiarão com este trabalho: origem indígena dos nomes geográficos; as influências recíprocas das civilizações nativas e dos diversos caudais de civilizações que ocuparam e ainda se apossam dessas glebas e muitos outros que os estudiosos descobrirão.

FREQÜÊNCIA DAS TRIBOS
EM GRUPOS LINGÜÍSTICOS
600
590
580
570
560
550
270
260
250
240
230
220
210
200
190
180
170
160
150
140
130
120
110
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
ARAUCANO
ARUAK
BOTOCUDO
ČAPAKURA
CHANÁ
CHIBCHA
CHIQUITO
ENIMAGÁ
GÊ
GUAHIBO
GUAYKURÚ
HUARPE
KAHUAPANA
KAMAKÃ
KARAYÁ
KARIB
KARIRÍ
KATUKINA
KEČUA
MAŠAKARI
MASKOY
MATAKO
MÚRA
NAMBIKWÁRA
OTUKÉ
PANO
PEBA
PUINAVE
PURÍ
SÁLINA
ŠIRIANÁ
TAKANA
TIMOTE
TUKANA
TUPÍ
VILELA
WARAÚ
WITÓTO
ZAMUKO
ZÁPARO
L. DESCONHECIDAS
L. ISOLADAS

A ORTOGRAFIA DOS NOMES TRIBAIS NO MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

Charlotte Emmerich e **Yonne Leite**
Museu Nacional

"Comecei o trabalho do mapa no dia 5 de setembro. Vae progredindo devagar porque não aguento mais que umas 5 horas por dia na posição forçada a que o tamanho do mapa me obriga. Creio que estará prompto até o fim do anno. Quando o mapa chegar no Museu a Snra me dirá si isto é o não um trabalho de 4 mezes."

Assim, Curt Nimuendaju, em carta de Belém, datada de 29 de setembro de 1944, anuncia a Heloisa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o início do seu terceiro Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Com sua proverbial precisão, o autor registra uma data de relevância para a etnologia brasileira, pois que, naquele 5 de setembro, ele iniciava a que seria a sua obra mais completa, a súmula de toda uma vida dedicada ao estudo e à coleta minuciosa de dados etnográficos e lingüísticos de seus queridos índios. É este, sem a menor sombra de dúvida, o mais significativo e abrangente documento e testemunho do Brasil indígena.

Curt Nimuendaju elabora a terceira versão do Mapa Etno-Histórico, já como parte de um acordo feito com a direção do Museu Nacional, em fins do ano de 1943. Em julho daquele ano, viera ao Rio a convite do Marechal Rondon para assumir a chefia das investigações etnológicas que o Conselho de Proteção aos Índios tencionava empreender e fora acometido por um problema de saúde. "Fazendo porém os necessários exames geraes, analyses etc, os medicos chegaram à concluzão que eu devia abandonar de uma vez e para sempre a minha vida de sertão e de convivencia com os indios" escreve ele ao amigo Robert Lowie, e a Alfred Métraux confidencia, em carta de mesma data, 6 de novembro de 1943: "Portanto, depois de quasi 40 annos, a minha actividade em convivencia com os indios chegou ao seu fim quando eu menos o esperava. O Snr comprehenderá como isto me entristeceu, sabendo como sabe que essa vida era toda a minha satisfacção. Além de que eu pensava de fazer ainda muitas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas." E em tom de sentida melancolia se lastima ainda com o amigo Lowie e também com Herbert Baldus: "Parece-me impossivel que eu não veja mais os campos dos Canellas, banhados pelo sol, nem as matas sombrias dos Tukuna. Mas terei de conformar-me, tratando de começar uma nova vida."

E esta nova vida Curt Nimuendaju a enceta através do acordo com o Museu Nacional, no qual ele se compromete, mediante um "modesto ordenado mensal", a realizar uma série de trabalhos, sobretudo de tradução, anotações e revisão de seus manuscritos.

Em novembro de 1943 volta ao Pará, já a serviço do Museu Nacional. Assumira o compromisso de, inicialmente, fazer dois trabalhos: aprontar para ser publicado o seu manuscrito sobre os índios Canela do Maranhão e fazer um mapa do Brasil e regiões adjacentes com a localização de todas as tribos de índios conhecidas, desde a descoberta até aquela data. Diz ele sobre o compromisso do mapa: "... Será para mim uma satisfacção de fazer desta vez o mapa com todo o esmero e cuidado, aperfeiçoando-o o mais que possivel. (...) O mapa do Museu (Nacional) não será apenas uma cópia do que foi para o Bureau of American Ethnology (Smithsonian Institution), mas será completado e corrigido em muitos pontos. Ainda não sei que proporção essas modificações alcançarão, até a conclusão do trabalho. Até agora o numero de livros e das pessôas consultadas augmentou em 122, a lista de tribus foi augmentada em 31, e tenho uma gaveta cheia de notas e croquis para modificações a fazer."

Assim o etnólogo, que havia dedicado mais da metade de sua existência à convivência

com os índios e ao estudo, sobretudo de aspectos da religião, organização social e das línguas de numerosas tribos brasileiras, recolhendo dados etnográficos evanescentes de grupos tribais em desagregação ou em extinção, coletando mais de uma centena de vocabulários e, em alguns casos, de gramáticas e textos para seus estudos lingüísticos, iniciava uma nova forma de vida a qual, todavia, como transparece em sua correspondência, não o satisfazia plenamente.

Suas monografias etnográficas, as lendas e o material lingüístico, em parte já publicados em alemão e inglês, seriam agora, sob a chancela do Museu Nacional, traduzidos, anotados e revistos para publicação em português. Com a costumeira tenacidade Nimuendaju se dedica ao seu novo objetivo. E, em menos de quatro meses, elabora o mapa e o manuscrito.

Em 22 de dezembro de 1944, dando por terminada a tarefa, comunica ao Museu Nacional: "No dia 19 de Dezembro seguiram para o Rio, via FAB, o Mapa etnografico e o manuscrito Canelas."

Era a terceira vez que Curt Nimuendaju realizava a façanha hercúlea de registrar num mapa "que mede dois metros em quadra" todos os dados do Brasil indígena, dificuldade que, aliás, ele próprio admitia a Heloisa Alberto Torres em carta de 4 de agosto de 1944: "O trabalho do mapa é de tal ordem que é practicamente impossivel cuidar ao lado delle de qualquer outro, pois toma-me todo o espaço da minha pequena sala de trabalho."

O mapa ora publicado é, no seu conteúdo, o do Museu Nacional. Distingue-o das duas versões anteriores — o mapa feito para a Smithsonian Institution em 1942 e para o Museu Paraense Emilio Goeldi em 1943 — o maior número de informações atualizadas, etnográficas e lingüísticas.

A primeira versão do mapa foi elaborada em 1942 para a inclusão no *Handbook of South American Indians*. Embora o mérito e alcance do trabalho tivessem suscitado a justa admiração de quantos viram o mapa, Julian H. Steward, editor do *Handbook*, o considera demasiadamente grande e detalhado, e possuindo cores demais, para ser publicado na íntegra. Na Introdução ao *Handbook*, aliás, Steward confirma esta dificuldade decorrente da densidade de informações contidas no mapa. A solução adotada, então, foi a de copiar o mapa em três partes, sendo que o primeiro cobre o Brasil oriental, tendo sido incluído no volume 1, e os outros dois cobrem respectivamente a parte central e o norte da Amazônia. Reproduzidos em preto e branco, os mapas publicados no *Handbook* se ressentem, no entanto, da omissão das indicações lingüísticas, que foram aproveitadas na classificação de J. A. Mason, no volume VI do referido *Handbook*.

A segunda versão pertence ao Museu Paraense Emilio Goeldi e data de 1943. Surpreendido durante a elaboração do segundo mapa por um convite do Marechal Rondon para participar de uma expedição etnográfica ao Mato Grosso, o autor pondera que primeiro deveria concluir seu mapa etnográfico-histórico, decisão com que Rondon concorda prontamente. É patente, aliás, em todos que conviveram com Curt Nimuendaju, o profundo respeito pela seriedade, disciplina e meticulosidade com que se entregava a cada nova tarefa. Sua colaboração para o *Handbook* foi das mais expressivas. A capacidade e rigor de trabalho, bem como a presteza com que atendia e procedia à elaboração dessas monografias, são notáveis.

Assim, ao contrário da crença generalizada, seus três mapas etno-históricos não são cópias idênticas. Eles representam etapas de um objetivo maior, que era o de retratar a realidade indígena brasileira e de seus países limítrofes, na sua totalidade, dentro de uma perspectiva histórica, lingüística e migratória. Este objetivo Nimuendaju o foi concretizando, gradualmente, à medida em que aprofundava seu próprio conhecimento dos grupos indígenas e tinha acesso a maior número de referências. Baseava este seu trabalho no imenso acervo de dados coletados pessoalmente, em referências bibliográficas fidedignas e nas informações que incansavelmente solicitava a todos que realizavam estudos em tribos com as quais ele não tivera contato direto. Obtinha estes dados geralmente solicitando ou enviando aos colaboradores croquis para que aí assinalassem as localizações referidas. A fim de poder identificar lingüisticamente grupos tribais ou seu remanescentes, trabalhava com "Leitwörter" ou "palavras-fio", cujo registro também solicitava para que pudesse classificar o grupo ou os indivíduos dentro das famílias lingüísticas por ele reconhecidas.

A concepção que Curt Nimuendaju tem de seu mapa etno-histórico é, portanto, a de um instrumento de trabalho em contínuo pro-

cesso de aperfeiçoamento e revisão. E é o próprio autor, aliás, que, nas *Observações* que acompanham os índices e o mapa do Museu Nacional, confirma o que se infere do cotejo das três versões do mapa: "Pela sua natureza o Mapa não pode representar um trabalho definitivo mas apenas uma tentativa que possa servir de base para trabalhos futuros. Devia ser completado e corrigido constantemente, de acordo com os dados que vão chegando."

Essa concepção do mapa se reflete nitidamente nas cópias dos índices depositados no espólio de Curt Nimuendaju e que foram analisadas. O primeiro conjunto de índices registra cerca de 1.100 nomes tribais e 818 referências bibliográficas. Parece ter sido o instrumento básico de trabalho. A etapa seguinte está representada pelos índices com legendas em inglês, datados de 8 de janeiro de 1942 com 880 referências bibliográficas. Trata-se seguramente dos índices que acompanham o mapa pertencente à Smithsonian Institution. A terceira versão dos índices contém 889 referências bibliográficas datilografadas e anotações manuscritas do autor até o número 972. Possivelmente seja esta a cópia que integra o mapa do Museu Paraense Emilio Goeldi. Finalmente, o quarto conjunto de índices registra cerca de 1.400 grupos indígenas e 972 referências bibliográficas. Os originais deste último se encontram na biblioteca do Museu Nacional e com base nele procedeu-se à revisão crítica do mapa, ora publicado.

Trabalhando com todos os documentos acima mencionados, a fim de captar os objetivos do autor, e cotejando os mapas de 1943 e 1944, a evolução e dinâmica que cunharam a feitura do mapa ficaram muito claras. Foram atualizados pelo autor, até o último momento, o mapa e os índices originais do Museu Nacional, os quais trazem numerosos acréscimos e correções manuscritas. E o próprio autor confirmaria a preocupação de atualização, na carta de 22 de dezembro de 1944, esclarecendo: (...) "As informações do Snr Galvão, bastante valiosas, chegaram quando a embalagem do mapa já estava feita, faltando apenas algumas horas para o despacho. Comtudo, ainda fiz as modificações de acordo com os dados delle, incluindo o seu nome no Indice Bibliografico (que abrange tambem os informantes particulares) e no Indice de Autores." Essa referência consta manuscrita no índice original com o número 973.

Embora ocupando plenamente seu tempo com a tradução dos manuscritos e a confecção do mapa, Curt Nimuendaju sonha ainda com "as matas sombrias dos Tukuna" e, em 1945, restabelecida a saúde, ele programa uma nova viagem ao Solimões para ampliar o material lingüístico e sua coleção de lendas Tukuna.

Ao índio Nino, seu amigo e informante Tukuna, escreve em 15 de abril de 1944: "... creio que até o começo do inverno vindouro eu voltarei. A história de Taäëna eu mandei para o Rio, e de lá elles me responderam *que era uma das coisas mais lindas que já tinham visto*" (grifo do autor). Deixando transparecer sua profunda identificação com os índios Tukuna, ele continua: "Pois nos dois temos de escrever ainda muitas outras historias destas, e só por causa disto eu não posso deixar de voltar."

Porém, essas histórias ficariam por escrever. Continuariam ao abrigo e no acervo da memória tribal. Curt Nimuendaju falece súbita e inesperadamente no dia 10 de dezembro de 1945, entre estes mesmos Tukuna, seus amigos de longos anos.

* * *

Com a morte deste grande e singular pesquisador — alemão de nascimento, brasileiro por adoção e índio por identidade e afeição — a etnologia brasileira perde um dos seus maiores expoentes.

A partir do momento da morte do autor torna-se difícil a reconstituição da trajetória do mapa de 1944. Pelo que se pôde apurar, Heloisa Alberto Torres fez reiteradas tentativas junto a órgãos oficiais para publicá-lo, deparando com a mesma dificuldade já sentida pelos editores do *Handbook of South American Indians:* o grande número de cores empregadas para identificar a classificação lingüística, além da quantidade de informações contidas no mapa. Assim, paradoxalmente, a multidimensionalidade pretendida e conseguida pelo autor, acabou por se constituir no maior entrave a sua publicação.

No entanto, não faltaram iniciativas para tornar acessível aos estudiosos o valioso documento. Em 1947, sob a coordenação da Diretora do Museu Nacional, é feita pelo Prof. Tarcísio Torres Messias uma revisão do mapa e elaborado um fichário em que a cada nome tribal se acrescenta sua filiação lingüís-

tica. Anos depois, provavelmente com alguma perspectiva de publicação, este fichário é revisto por uma equipe do Conselho de Proteção aos Índios, então sob a Presidência de Heloisa Alberto Torres.

Deve datar desta época o volume de índices mimeografados que circula entre os especialistas e em que consta, entre parênteses, posposto ao nome tribal, a sua classificação lingüística. Procurava-se superar, desta maneira, o sério empecilho das cores do mapa, permitindo uma publicação em preto e branco, sem que se perdesse a informação lingüística. Todavia, neste conjunto mimeografado, o índice de autores está acrescido de uma referência bibliográfica ulterior à de Eduardo Galvão, de n.º 973, a qual, a julgar pela correspondência de Curt Nimuendaju com o Museu Nacional, teria sido a última referência incluída. Trata-se da menção bibliográfica 974, referente a João Aspilcueta Navarro — *Carta do Porto Seguro,* sobre os índios Caeté-Guassu, grupo que não está assinalado no mapa do Museu Nacional e não consta dos índices originais do autor.

Em 1964, por iniciativa de Roberto Cardoso de Oliveira, então Chefe da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, o mapa de 1944 foi redesenhado e a nova cópia multiplicada com o intuito de divulgar o trabalho de Curt Nimuendaju. Esta reprodução é incorrentamente considerada por muitos como cópia heliográfica do mapa de 1944. Nela, além da óbvia omissão das cores, limitação superada pelo acréscimo dos nomes das famílias lingüísticas no índice, e de alguns erros ortográficos dos nomes tribais, perdeu-se também, em muitos casos, o contraste entre o passado e o presente, estando representadas, com os mesmos tipos gráficos, tribos existentes e tribos extintas, distinção essa que Nimuendaju considerava essencial e obtinha utilizando três tipos diferentes de letras. Esta dificuldade já surgira por ocasião da impressão do mapa no *Handbook of South American Indians,* e em correspondência trocada com o editor, Nimuendaju reafirma a importância da diferenciação: "Todos os mapas ethnographicos da America anteriores ao meu tem o defeito de não distinguir o presente do passado, e foi esta grave inconveniencia que me levou a elaborar um mapa onde essa distincção fosse claramente representada." No *Handbook* adotou-se o procedimento de marcar a distinção entre sedes atuais, sedes abandonadas de grupos existentes e grupos extintos, por formas diferentes de linhas sotopostas.

Agora, decorridas quase quatro décadas, concretiza-se afinal o que sempre fora dado como tarefa impossível: divulgar o mapa etno-histórico na concepção do autor. Não medindo tempo nem esforços o IBGE interpretou e procurou reproduzir, através de múltiplos e complexos recursos gráficos, o pensamento etnográfico e lingüístico de Curt Nimuendaju.

* * *

Antes de passar à discussão da grafia dos nomes tribais, vejamos as expectativas lingüísticas de Nimuendaju em face da sua abordagem etno-histórica dos povos indígenas brasileiros. Nas *Observações* que introduzem os índices fica evidente a preocupação do autor de acrescentar ao registro de migração e extinção dos grupos tribais uma classificação lingüística.

Com a meticulosidade que caracteriza toda a sua obra, ele ressalta: "Só inclui nas familias linguisticas as linguas claramente relacionadas... Só classifiquei aquellas das quaes existem vocabularios, gramaticas ou textos, ou a affirmação de que a lingua era identica com alguma assim documentada, por parte de uma pessôa de confiança que notoriamente tinha conhecimento de ambas." A forma, a que o autor recorre, para caracterizar as famílias lingüísticas assim determinadas consiste em identificá-las por faixas de diferentes cores.

A proposta lingüística do autor é de tal amplitude que, compreensivelmente, ele não se deteve em especificar recursos ortográficos utilizados, dando margem, por vezes, a uma aparente discrepância entre as grafias dos índices e a dos mapas.

À primeira vista pode parecer difícil interpretar a motivação que teria levado um pesquisador habituado a transcrever com um rigor fonético ímpar seus dados a adotar princípios contraditórios, isto é, ora os grupos aparecem registrados na ortografia tradicional do português ora seguem orientação fonética. A análise e cotejo dos mapas do Museu Nacional e do Museu Goeldi, e dos respectivos índices, mostram que essa variação segue uma norma implícita e tem uma regularidade que é possível explicar.

Conforme já se mencionou anteriormente, Curt Nimuendaju tem a preocupação de ex-

plicitar, nas *Observações* que introduzem os índices, que usou recursos gráficos diferentes para distinguir grupos extintos, grupos existentes e aldeamentos abandonados. O estudo das variações da ortografia portuguesa e grafia fonética demonstra serem elas modos de reforçar a mesma informação. Assim, enquanto os extintos Canindé do Ceará e da Paraíba estão registrados com a ortografia portuguesa, para os Kanamarí, grupo do rio Purus ainda existente, é utilizada grafia fonética. Do mesmo modo, tem-se Kabiši, Arekuná, Arikapú, Wapičana, Yurúna etc, grupos existentes, registrados em convenção fonética, e Cachiné, Arequena, Aricari, Uariua, Juruena etc., grupos extintos, para os quais é usada a convenção ortográfica do português.

Aparentemente em contradição com este critério está a ortografia de alguns nomes tribais como Čonvúgn, Kamakã, Koropó, Kumanašo, Naknyanúk, representados no mapa como grupos extintos, mas constando no índice de tribos com grafia fonética, portanto, como sendo tribos existentes. Assinale-se que no caso dos Čonvúgn a referência bibliográfica é do próprio Nimuendaju: o manuscrito *Über die Botocudos.* A consulta a materiais lingüísticos inéditos do autor revela que, em suas pesquisas de campo, localizou ele alguns indivíduos destes grupos, recolhendo pequenos vocabulários e textos. Justifica-se assim a grafia fonética, embora não indicando no caso tribo aldeada mas apenas a certeza da existência de remanescentes.

Há algumas poucas exceções a esse princípio geral para as quais não se encontrou uma explicação. Não se pôde nesses casos consultar as fontes bibliográficas para confirmar ou infirmar se seria uma situação análoga à exemplificada acima.

Outra aparente exceção é a grafia da tribo Canoeiros, que, embora sendo um grupo existente, segue a ortografia portuguesa. Trata-se, porém, de uma designação de origem não-indígena sendo, portanto, justificável a ortografia tradicional.

Através de flutuações ortográficas pode-se detectar ainda uma outra preocupação do autor: a de não perder a informação quanto à natureza e procedência das fontes bibliográficas. Os modos de proceder são vários. Um deles é registrar, de preferência no mapa, a forma antiga do português para os grupos extintos, como por exemplo Jundiahy, Goyana, Uaboy, dando entrada no índice com a ortografia mais recente Jundiahi, Goianá, Uaboi. A origem das referências também é mantida pela variação ortográfica. Por exemplo, tem-se nos índices as formas Coussani e Quiloaza e nos mapas Cussani e Quiloasa, variações essas que indicam serem os grupos extintos e que a fonte bibliográfica é francesa no primeiro caso e espanhola no segundo.

Variações como Tocantin e Canarin (índices) e Tocantim e Canarim (mapa) deixam mais uma vez evidente a preocupação do autor em manter o mais possível a informação das fontes. Esses grupos são mencionados historicamente como Tocantins e Canarins. Há, porém, a tradição de não se usar o plural para as denominações tribais. Nimuendaju mantém o *n* das fontes bibliográficas, retirando a marca de plural para a entrada no índice, e aportuguesando a ortografia no mapa.

A prática em distinguir pela ortografia grupos extintos e não-extintos é feita de modo mais sistemático quando o grupo está localizado em território brasileiro. Para os situados fora do Brasil, a tendência maior é manter a ortografia da fonte bibliográfica e a tradicional do País. Porém nos casos de fronteira, em que há a possibilidade de estar o grupo extinto ou não-extinto no Brasil, observa-se o cumprimento da regra em alguns casos. Deste modo é possível encontrar três grafias diferentes para um mesmo grupo. Por exemplo, ocorrem Tučinawa e Tuchinawa no mapa, e Tušinawa no índice. A entrada Tušinawa no índice indica que se trata de um grupo não totalmente extinto e a alternância Tuchinawa com Tučinawa, no mapa, indica que está extinto o grupo outrora localizado em território brasileiro, estando os remanescentes em país de língua espanhola.

Outras alternâncias têm implicações lingüísticas. Os autores possivelmente teriam ouvido e registrado, segundo seus próprios hábitos auditivos, sons que na língua indígena estavam em variação livre. Assim, o autor registra, entre outras, variantes do tipo Aparai e Apalai, Kirikirisgoto e Kirikiriscoto, Armacoto e Armagoto. O caso das vogais já não é tão aparente. Há maior gama de variação, provavelmente porque os autores não tinham recursos para reconhecer qualidades fonéticas diferentes das de sua língua de origem.

Embora algumas flutuações possam indicar apenas sinonímia, outras, porém, têm uma função suplementar. Por exemplo, o autor assinala no mapa as formas Kunibo e Kuniba, enquanto o índice registra apenas Kuniba. A manutenção das duas formas no mapa serve para distinguir, no caso, dois grupos de filiação lingüística diversa, sendo Kunibo, o grupo localizado no rio Ucayali, classificado como Pano e os Kuniba, do rio Juruá, da família Aruak. Inversamente, tem-se Paracoto e Paragoto, Armagoto e Armacoto no índice e, no mapa, apenas uma forma Paragoto e Armagoto. A manutenção dessas formas pode ter o objetivo de indicar localizações distanciadas dos grupos.

Ao leitor estudioso do mapa virá naturalmente a indagação do porquê de não se uniformizar a grafia dos nomes tribais, sobretudo por haver uma convenção já aceita (Revista de Antropologia, vol. 2, n.º 2, dezembro de 1954, pp. 150-156).

A opção de se manter ao máximo a grafia tal qual Nimuendaju usou deve-se aos motivos expostos no decorrer desta apresentação. Assim, tentou-se mostrar que as variações existentes nas grafias têm uma significação que parece importante preservar. Em primeiro lugar essa variação permite identificar o grupo quanto à sua extinção ou sobrevivência. Em segundo, fornece informações complementares às referências bibliográficas, permitindo inferir sobre a origem e época das fontes históricas. Em terceiro, traz possíveis indicações quanto às características dos sistemas fonológicos dos grupos. Ademais, Curt Nimuendaju se mostrava relutante em permitir mudanças na convenção por ele estipulada. A concessão que fazia era diminuir o número de diacríticos nas publicações, orientação que também adotou na confecção dos mapas e dos índices. Seu sistema, consistente e coerente, era utilizado em todos os seus trabalhos publicados na Suécia, Alemanha, França, Argentina e Estados Unidos da América, embora vários desses países contassem com alfabetos fonéticos próprios. Assim, sua grafia tem uma tradição que não se justificaria abandonar.

Finalmente, concretiza-se o desejo de Curt Nimuendaju e de todos ligados à etnografia, de ver divulgada a monumental obra etno-histórica dos povos indígenas brasileiros. O esforço de Nimuendaju só será recompensado realmente pela reprodução a mais integral possível do trabalho por ele realizado.

Assim sendo, o critério que norteou a revisão das designações tribais foi o de manter os registros originais de Curt Nimuendaju, constantes na última e mais completa versão do mapa, elaborado para o Museu Nacional em 1944, e nos índices datilografados de tribos, autores e de referências bibliográficas que o acompanham. Ademais, foram incluídas no índice de tribos aquelas informações do mapa de 1943 do Museu Paraense Emilio Goeldi, que divergem do mapa de 1944.

Para a consecução desta tarefa foram cotejadas todas as versões dos índices e examinados minuciosamente os dois mapas. Em casos de dúvida foram consultadas, sempre que possível, as fontes citadas pelo autor.

Para melhor orientar a consulta do mapa e um maior aproveitamento dos índices foram introduzidos colchetes e algumas notações na forma de números superescritos às designações tribais no índice de tribos.

Os números superescritos significam:

(1) acréscimo no índice de nome tribal constante no mapa, mas não registrado no índice original;

(2a) informação de que o grupo tribal não está registrado, nem no mapa de 1944 nem no mapa de 1943;

(2b) informação de que o grupo tribal só está registrado no mapa de 1943, não constando no mapa ora publicado;

(3) informação de que a forma do índice corresponde à do mapa de 1943, divergindo da grafia no mapa de 1944;

(4) informação de que a forma está acentuada no índice, mas não no mapa de 1944;

(5) acréscimo de acento no índice nas formas acentuadas no mapa de 1944.

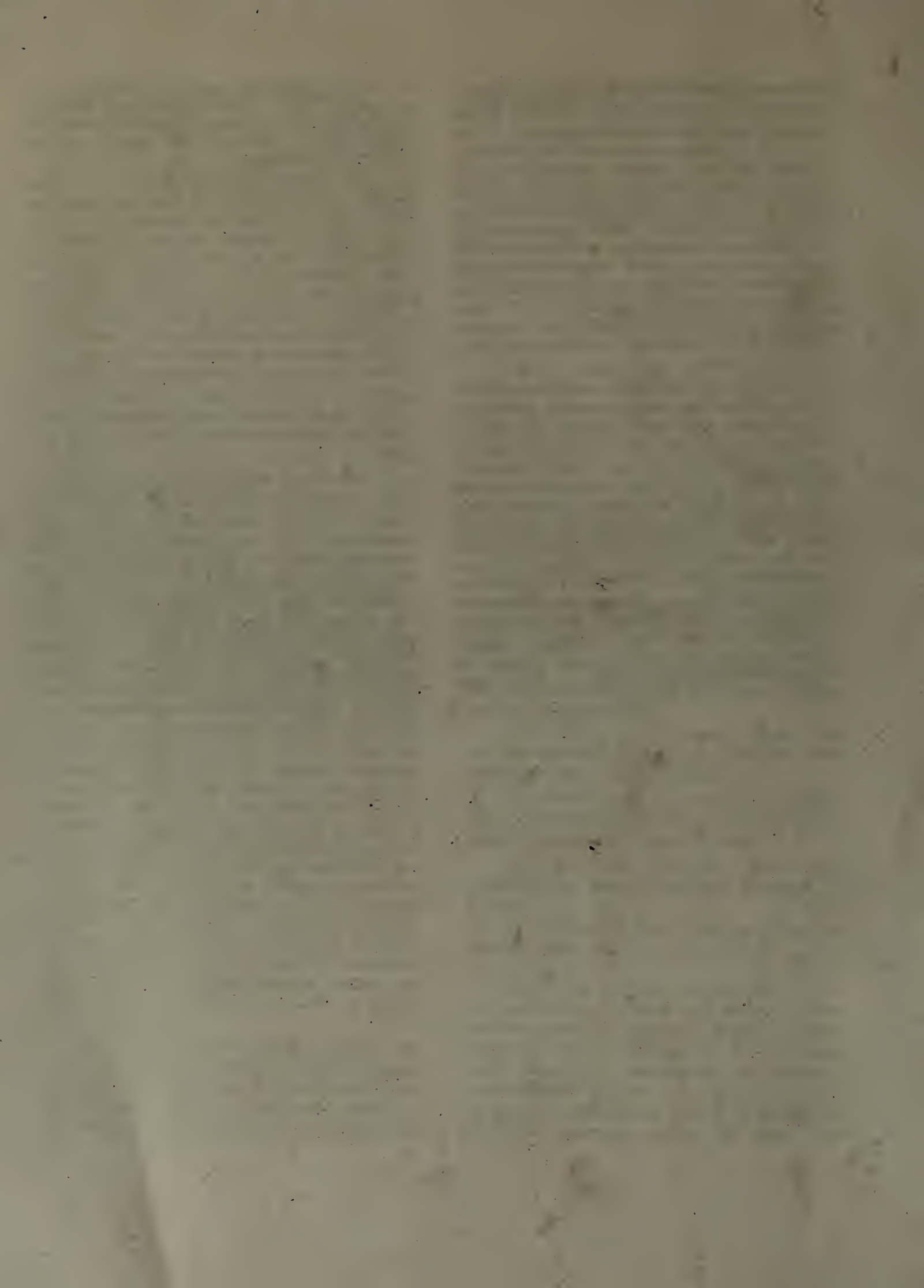
Observe-se que os superescritos (4) e (5) referem-se a questões de acento. A análise das versões sucessivas do índice de tribos evidencia que, no índice de 1944, o autor revela uma maior preocupação em marcar o acento tônico. Cumpre notar que nessa época se preparava também a edição do *Handbook of South American Indians* do qual Curt

Nimuendaju era colaborador. Pode-se admitir que esta preocupação tenha advindo da divulgação extensa de suas monografias, o que o levou a sentir a necessidade de fornecer maiores indicações para a leitura correta dos nomes tribais. Por ser o procedimento de marcar o acento mais freqüente no índice, optou-se por assinalar com o superescrito (4) as formas não-acentuadas no mapa ao invés de corrigi-las, e colocar o acento no índice nas formas que o tem no mapa, marcando-as com o superescrito (5). Deste modo mantêm-se as informações constantes nos originais, sistematizando no índice as tendências que a análise revelou.

Embora este trabalho tenha-se norteado pelo princípio de evitar introduzir quaisquer modificações no mapa, quanto aos nomes tribais grafados ora com, ora sem acento, foi preciso, por motivos técnicos, optar por uniformizar sua acentuação no mapa. Estão neste caso as seguintes designações tribais: Corôados, Desána, Galibí, Gueguê, Kuruáya, Kaničána, Mirânya, Piaróa, Poyičá, Šakriabá, Sáliva, Tupinambá, Tukána-T., Tobajára, Temiminó, Wapišána, Witóto, Waríwa-T., Warekéna, Yúma. Procedimento idêntico foi adotado no caso dos diacríticos: Katawiší Kaiguá, Krẽyé, Mašakarí. Por não estar acentuado o nome tribal Timbira no índice, porém alternar no mapa, uniformizou-se neste a grafia sem acento.

As formas entre colchetes, ao final de uma indicação tribal, correspondem à grafia registrada no mapa de 1944 que diverge da grafia do índice.

No índice de 1944, Curt Nimuendaju adota o procedimento de entradas remissivas para nomes tribais sinonímicos. É provável que esta inovação se deva à influência do *Handbook*. Em todos os casos a designação que aparece no mapa é a forma remetida. Em apenas três casos, Aconan, Tauandê e Maripisana, remetidas para Wakóna, Tauitê e Marabitana, respectivamente, estão registradas, no mapa as formas de remissão. Decidiu-se, nesses casos, não sistematizar o procedimento geral, mantendo no índice, entre colchetes, as designações do mapa, com vistas a não alterar o registro original de Nimuendaju.

Proceder à revisão e apreciação ortográfica do mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju foi como acompanhá-lo aos igarapés sombrios do Solimões, penetrando através de meandros tortuosos. Paulatinamente foram se desvendando os caminhos e o sistema subjacente às aparentes incongruências. A grande recompensa desse trabalho foi constatar que há sempre regras coerentes e consistentemente aplicadas: as informações etnográficas, históricas e lingüísticas se inter-relacionam de forma harmoniosa e precisa.

SIGNIFICADO E EFEITOS DA PUBLICAÇÃO DO MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU PARA A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

George de Cerqueira Leite Zarur

Uma grande perda que sofre a antropologia de hoje é a da visão de conjunto. O conhecimento intensivo de uma realidade particular, um grupo indígena, uma favela carioca ou uma pequena comunidade nordestina, acoplado a preocupações teóricas preenche a maior parte da experiência do antropólogo de hoje. Embora com anos de pesquisa de campo em grupos indígenas específicos, Curt Nimuendaju soube situar seu interesse e sua vivência de certas tribos em um contexto muito amplo. A primeira dimensão do tamanho deste contexto nos é fornecida pela visão histórica de seu mapa. Os grupos indígenas já referenciados pela bibliografia, desde a mais antiga, estão representados no mapa. O índice bibliográfico que a acompanha exprime um intenso trabalho de seleção das fontes mais seguras sobre as diversas tribos. Do prisma do espaço, as localizações conhecidas de grupos indígenas abarcam o universo geográfico do território brasileiro e algumas áreas limítrofes da América do Sul. Este incrível esforço em sintetizar todas as informações existentes sobre a localização de tribos indígenas em diferentes tempos, será uma referência obrigatória em todos os futuros estudos sobre índios realizados no Brasil.

O mapa resume a bibliografia publicada até 1944, cobrindo os grupos indígenas conhecidos até este ano. Depois de 1944, outras tribos foram encontradas na Amazônia, não estando, portanto, nele representadas. Alguns poucos grupos, por outro lado, mudaram de localização. Tais aspectos, porém, têm um efeito mínimo no julgamento do enorme valor do trabalho. A discussão destes aspectos significará a abertura de uma interessante área de debate como um dos efeitos previstos da sua divulgação.

A publicação deste instrumento básico de pesquisa vem responder também à necessidade em situar histórica e geograficamente os estudos antropológicos. De fato, a perspectiva durkheimiana de "se explicar o social pelo social" é levada, por vezes, demasiadamente longe. Aspectos históricos e geográficos aparecem como "pano de fundo" em diversos estudos e não como o primeiro momento lógico do processo explanatório. Para que se reafirme a relevância em geral reconhecida e em geral pouco seguida dos fatores históricos e geográficos no processo explanatório, é fundamental que informações de base sobre tais aspectos sejam divulgadas. Creio que tal subênfase geográfica e histórica resulta não somente de decisões intelectuais, mas também em grande parte da falta de informações disponíveis sobre estes campos, de um prisma instrumental para o trabalho do antropólogo. A massa de material histórico-geográfico que o mapa de Nimuendaju resume será um passo fundamental no sentido de tornar tais materiais histórico-geográficos accessíveis a antropólogos. A grande concentração de informações contidas nas páginas deste volume certamente implica a difusão das centenas de fontes bibliográficas citadas. Este mapa, portanto, é um trabalho que funciona como aglutinador de todo um conhecimento antes fragmentário e disperso.

Uma boa ilustração da segurança que a inclusão, ao nível do modelo explanatório, de fatores geográficos oferece, surge, por exemplo, de uma velha discussão atualmente reacesa. Já há muito que a antropologia reconhece diferentes tipos de grupos indígenas nas "terras baixas da América do Sul" (leia-se América do Sul, menos os Andes). Uma das principais distinções é a que separa o que Steward (1950) chamou de "grupos de floresta tropical" e o que ele chamou de "grupos marginais". Embora esta tipologia esteja superada por novas informações empí-

ricas, não há dúvida que existe um contraste marcante entre os grupos indígenas do tronco lingüístico Jê, em sua maioria habitando a região do Brasil Central, e os habitantes da floresta amazônica. Enquanto os Jê possuem complicados sistemas de metades, classes de idade e, em alguns casos, grupos de descendência, os grupos conhecidos como de "floresta tropical" possuem uma estrutura de maior simplicidade, com as diferenças entre os sexos como o principal critério de organização social. Enquanto os Jê têm uma economia baseada na agricultura, caça e na coleta, índios como os do Xingu, da floresta tropical, têm uma economia baseada na agricultura e na pesca.

Bramberger (1971), em um interessante artigo, compara os Kayapó, um grupo Jê, com os índios do Xingu. Os Kayapó não habitam uma área claramente definida de campos cerrados como os outros Jê. Pelo contrário, parte dos grupos Kayapó vive em um ambiente caracterizado como de floresta tropical. Dada a semelhança de *habitat* entre os Kayapó e os Xinguanos, e dada a semelhança do aspecto tecnológico e de estrutura social entre os Kayapó e os demais Jê, Bramberger conclui que o meio-ambiente não tem nada a ver com os diferentes tipos de economia. A explicação das diferenças econômicas estaria na "visão de mundo" que os dois tipos de estrutura social apresentam.

A conseqüência de tal postulado, estranho para os historiadores e talvez incrível para os geógrafos, mas comum entre antropólogos, é o reforço do velho ponto de vista durkheimiano ("o social pelo social") — "a cultura se explica por si mesma".

A resposta a Bramberger pode ser encontrada em um recente texto de Ross (1978), que tenta, com dados insuficientes, mostrar que as regiões habitadas pelos índios Kayapó e os Xinguanos são diferentes, razão pela qual tais grupos teriam culturas também diferentes. Assim como a posição de Bramberger radicaliza uma conspícua perspectiva teórica estruturalista, a de Ross repete em Ecologia cultural um determinismo do meio, igualmente corriqueiro na comunidade antropológica internacional.

Bramberger acerta na constatação de que os meio-ambientes habitados pelos Kayapó e Xinguanos sejam semelhantes. Mas sua explicação falha por não considerar uma geografia mais ampla que os restritos ambientes em que habitam estas populações. Fatores como, por exemplo, as migrações históricas que sofreram estes grupos indígenas há mais de cem anos.

De fato, os índios Kayapó vieram de um meio tipicamente de cerrado sendo que sua cultura atual pode ser vista como um momento de um processo de mudança, adaptando-se a um meio diverso. Comparando os Kayapó com os demais Jê do Brasil Central, torna-se aparente que os recursos dos rios e das matas têm para eles a maior importância, efeito do processo adaptativo ao novo habitat. Tal bom senso na explicação, sem tentar entender cultura e sociedade apenas por elas mesmas ou lançando mão de um meio ambiente natural, limitado e estático, encontrará uma segura base empírica no mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju.

Esta visão mais ampla poderá gerar modelos mais eficientes que os atuais para estudos de *carrying capacity* realizados tanto por geógrafos como por antropólogos. De fato, tais pesquisas, estratégicas para uma política de ocupação racional da Amazônia, apresentam alguns sérios problemas. De longe, o mais grave é exatamente o apontado acima, o da limitação do espaço habitado por uma população em um único tempo. Os deslocamentos históricos e a carga de tradições culturais oriundas de adaptações a outros meio-ambientes são simplesmente ignorados. O resultado são modelos que podem chegar a diferentes índices demográficos para diferentes formas de tecnologia, dado um determinado meio-ambiente. Mas os modelos não explicam as diferentes capacidades adaptativas de populações diversas neste mesmo ambiente.

Outro ponto que cabe ressaltar é o da relevância das informações histórico-geográficas sintetizadas no mapa para a teoria do contato interétnico. Para nós, antropólogos brasileiros, tal aspecto é de especial relevância, dado o peso da teoria do contato na nossa Antropologia.

Aspectos históricos e geográficos nela assumem ênfase explícita pela consideração dos tipos de atividade econômica desenvolvidos pelas diferentes frentes pioneiras (Roberto Cardoso de Oliveira — 1972). Os tipos de frentes extrativas, por exemplo, remetem dire-

tamente ao aspecto histórico e geográfico. Por ser uma abordagem que parte da concretude das relações econômicas e sociais, automaticamente considera tais elementos com a devida força na explicação.

Embora tenha a visão do todo como premissa, a teoria do contato interétnico, ao situar-se como instrumento para o estudo de situações particulares, pode perder algo de seu alcance. A publicação do mapa contribuirá para os estudos de contato, não só com informações em pesquisas específicas, como também com uma visão histórica do que ocorre com diversos grupos indígenas nas diferentes áreas geográficas dotadas de tipos particulares de atividade econômica. O lado generalizante da teoria do contato, dispondo do mapa de Nimuendaju, contará com uma amarra essencial. Será possível, a partir dela, um avanço da compreensão globalizante do contato interétnico por estudos comparativos da relação tipo de frente pioneira — efeitos sobre grupos indígenas (Roberto Cardoso de Oliveira — Op. cit.). Ao mesmo tempo, questões relevantes serão obtidas sobre os diversos graus de resistência ao contato dos diferentes tipos de estruturas sociais.

Por exemplo, se numa área geográfica X, em um mesmo tempo, o grupo A desapareceu, o B continuou no mesmo local, e o C migrou, a busca da explicação para tais conseqüências diferenciais do contato será mais uma pergunta entre as muitas que o mapa oferece (Laraia e Matta, 1967).

Do prisma do contato interétnico, as principais variáveis a serem trabalhadas a partir do mapa, são os tipos e subtipos de frentes pioneiras segundo o período histórico e as estruturas sócioculturais dos grupos indígenas segundo a área e o período histórico. Os efeitos possíveis da combinação destas variáveis seriam a extinção total ou parcial dos grupos indígenas, migrações em busca de regiões de refúgio ou alguma forma de acomodação. Outra possível conseqüência é simplesmente o bloqueio do avanço da frente pioneira em uma região por um dado período de tempo — É possível que os grupos caçadores tenham maior capacidade de resistência cultural, baseada em uma mais eficiente estrutura militar.

A divulgação do mapa de Nimuendaju não só trará uma base firme para estudos de impacto sócio-cultural e ecológico sobre as populações e áreas indígenas, como também fornecerá subsídios para se inferir o comportamento das frentes pioneiras nacionais. Os historiadores ou os sociólogos, interessados em encontrar momentos de atividade econômica e migrações mais intensas de frentes de expansão nacional, terão um instrumento essencial no mapa — a pressão histórica das frentes nacionais poderá ser indiretamente medida pela movimentação no espaço dos grupos indígenas.

Outros usos e perguntas a partir do mapa serão levantadas. Sua publicação vem tornar accessível ao pesquisador uma obra clássica da Antropologia brasileira.

MAPA ETNO-HISTÓRICO

Observações

Curt Nimuendaju

1) O Mapa não se baseia em trabalho etno-geografico de outro autor nenhum. Os dados bibliograficos, as informações particulares e os estudos e observações pessoaes minhas á respeito foram acumulados durante alguns dezenios de annos.

2) Elle se distingue de todos os outros trabalhos congeneres pela tentativa de conseguir uma perspectiva historica afim de evitar os anacronismos que enxameiam naquelles.

Essa perspectiva procurei obter com os meios seguintes:

a) Distinguindo tres formas de letras para os nomes das tribus:

A para as localisações actuaes das tribus.

A para a localisação das sedes historicas de tribus existentes (sedes abandonadas).

A para tribus extinctas.

b) Registrando abaixo do nome da tribu extincta ou emigrada o ano em que foi documentada no logar ou pelo menos o seculo, e indicando com uma seta o rumo da migração. Isto porem em muitos casos não foi possivel devido ao caracter impreciso dos dados.

3) A classificação linguistica da quasi-totalidade das tribus linguisticamente documentadas foi examinada ou mesmo feita por mim. Só em alguns casos em que o material não me foi ainda accessivel adoptei a classificação de autoridades como Rivet, Koch-Grünberg, etc.

Distingui entre linguas classificadas em familias, linguas isoladas e linguas desconhecidas. As primeiras trazem embaixo a faixa (sedes actuaes), a linha (sedes abandonadas) ou os pontinhos (tribus extinctas) na côr da respectiva familia. As segundas são sublinhadas de preto, as terceiras deixei em branco. Só inclui nas familias linguisticas as linguas claramente relacionadas, deixando como isoladas um numero de linguas que Rivet p. ex. incluiu em alguma familia estabelecida, ao meu vêr, porém, com provas insufficientes. Dei tambem como desconhecidas certas outras linguas que Serrano, Canals Frau etc classificaram por meio de escassos e duvidosos nomes pessoaes e geograficos. Só classifiquei aquellas das quaes existem vocabularios, grammaticas ou textos, ou a affirmação de que a lingua era identica com alguma assim documentada, por parte de uma pessôa de confiança que notoriamente tinha conhecimento de ambas. — O fim disto é demonstrar claramente o que se fez e o que está por fazer.

4) Sendo 40 o numero de familias linguisticas representadas no Mapa, impossivel foi distingui-las todas com côres claramente differentes. Tive de utilizar a mesma côr para tres ou quatro familias distinctas, tendo porém sempre cuidado de applicar a mesma côr só para familias localizadas em regiões distantes uma da outra. Com tudo reconheço que isto constitue um inconveniente para principiantes, mas não achei meio de evita-lo.

5) Pela sua natureza o Mapa não pode representar um trabalho definitivo mas apenas uma tentativa que possa servir de base para trabalhos futuros. Devia ser completado e corrigido constantemente, de acordo com os dados que vão chegando. Para muitas zonas foi-me impossivel obter informações recentes, e tive de basear-me em dados de ha 20 ou 30 anos atraz. O SPI que, pela sua natureza, devia ser a fonte principal para a localisação actual das tribus falha completamente, pois os seus funccionarios muitas vezes mesmos nem sabem com que tribu estão lidando: Major Amarante em 1921 qualificou de "Tupys" uma

tribu de Múra, e Jacobina em 1932 de "Guaranys" os Kamakã. Qualquer pessôa com estudos etnograficos ou historicos regionaes encontrará no Mapa erros e lacunas, e eu teria a maxima satisfacção si estas me fossem apontadas.

6) O Mapa está quadriculado, trazendo as columnas verticaes dos quadrados as letras A — I e as horizontaes os numeros 1 — 10. Estes quadrados não correspondem a intervalos entre graus de latitude e longitude, mas são traçados arbitrariamente, isto devido a ter-me sido impossivel conseguir aqui um instrumento com radios sufficientes para traçar meridianos e paralelos. Sei que isto constitue um feio defeito tecnico, mas não pude evita-lo.

7) O mapa está acompanhado de tres indices que se encontram, devidamente rotulados, na caixa do manuscrito C.: [1]

a) O Indice Bibliografico cita, numerados mas sem ordem alfabetica, na proporção como delles tomei conhecimento, todas as publicações e pessôas em que se baseiam a localisação e a classificação linguistica das tribus, omitindo porém as publicações que não se referem a esses dois assumptos.

b) O Indice de Tribus traz em ordem alfabetica os nomes e os sinonimos mais necessarios das tribus localizadas no Mapa. Atraz de cada nome está indicado em primeiro logar o quadrado do Mapa onde elle se encontra, e em segundo os numeros do Indice Bibliografico das fontes em que se baseiam localização e classificação.

c) O Indice de Autores traz em ordem alfabetica os nomes de todos os escritores e informantes particulares, utilizados por mim, e atraz de cada nome o numero do Indice Bibliografico que a elles se refere.

C.N.

(1) O autor refere-se ao manuscrito sobre a tribo Canela.

Nota prévia do Setor de Lingüística do Museu Nacional

Foram acrescentadas ao índice original informações relativas às designações tribais mediante o uso de números superescritos e colchetes.

Os números significam:

(1) *Acréscimo no índice de nome tribal constante no mapa, mas não registrado no índice*

(2a) *Grupo tribal não registrado nem no mapa de 1944 nem no de 1943*

(2b) *Grupo tribal registrado somente no mapa de 1943 e não incluído, portanto, no mapa ora publicado*

(3) *Grafia do índice correspondente à do mapa de 1493 divergindo da do mapa de 1944*

(4) *Nome tribal acentuado no índice, mas não acentuado no mapa*

(5) *Acréscimo de acento aos nomes tribais, não-acentuados no índice, mas acentuados no mapa de 1944.*

As formas entre colchetes correspondem à grafia registrada no mapa de 1944 que diverge da do índice.

Reproduziu-se na coluna à direita a classificação lingüística, conforme adotada por Curt Nimuendaju no mapa. Esta informação não consta nos casos em que a língua é considerada, pelo autor, como de filiação desconhecida.

ÍNDICE DE TRIBUS

Anacé: G 3, H 3: 19, 312, 379, 380, 381, 388, 389, 906.
Anajá: E 3: 19, 284, 330, 336, 528.
Anambé: E 3: 191, 267, 550, 554, 558. — Tupi
Anapurú: G 3: 325, 365, 386, 394, 906.
Andirá (= Maué?): D 3, E 3: 19, 194, 383, 906.
Angaité: D 7: 100, 134, 442, 814. — Maskoy
Anhangatininga: C 4: 906.
Anibá: D 3: 19, 292.
Anicum: E 6: 19.
Ankèt: G 6: 4. — Botocudo
Anta v. Tapiraua.
Anunzê: D 5: 155, 482, 563. — Nambikwára
Aoaqui v. Awaké.
Apacachodeguo: D 7, D 8: 627, 788. — Guaykurú
Apairandé: C 4: 884. — Tupí
Apalai v. Aparaí.
Ápama: D 3, E 2: 194, 221, 223, 554, 967. — Tupí
Apányekra: F 4: 19, 30, 370, 695, 697, 754, 759, 762. — Gê
Aparaí: E 2, E 3: 433, 458, 483, 554, 592, 664, 760, 783, 802, 881, 882, 967. — Karib
Apehou: E 3: 797.
Apiaká (Rio Tapajoz): D 4, D 5: 19, 24, 29, 37, 45, 243, 251, 289, 360, 361, 477, 525, 526, 530, 761, 879. — Tupi
(Rio Tocantins) v. Arára.
Apinayé: F 4: 19, 45, 150, 177, 222, 272, 348, 365, 366, 368, 370, 372, 373, 376, 377, 390, 409, 536, 548, 606, 617, 754, 759, 796, 848, 877, 889. — Gê
Aponegicran v. Apányekra.
Aporoño: B 6: 656.
Apotianga: F 3: 287, 383, 906.
Apotó: D 3: 19, 247, 271. — Tupí
Aracajú: E 3: 19, 30, 217, 221, 528. — Tupí
Arachane: E 9: 19, 865. — Tupí
Aracureono: B 6: 656.
Arae: E 5: 19, 253, 373, 375, 397.
Aramayu: E 2: 578.
Aramiso: E 2: 240, 578.
Aramuru: H 4: 819.
Aranã: G 6: 65, 546, 826, 852. — Botocudo
Aranhí [5]: F 4, G 3: 284, 292, 325, 364, 365, 386, 394, 906.
Araona: A 5, B 5: 14, 805, 886. — Takana
Arapaço-Tapuya [3]: B 2: 19, 489, 846. [no mapa Arapáso-T.] — Tukana
Arapiyú: D 3: 194, 221, 233, 283, 906.
Arára (Rio Oyapock) [4]: E 2: 508.
(Rio Xingú-Tocantins): E 3, E 4, F 3: 10, 23, 25, 191, 251, 267, 420, 555, 559, 632, 753, 761, 914. — Karib
(Baixo Madeira): D 3, D 5, G 3: 4, 19, 194, 228, 270, 271, 272, 282, 305, 341, 342, 528, 906, 923, 972.
(Rio Machado): C 4: 45, 228, 309, 311, 761, 906, 962.
(Rio Mamoré): C 5: 842.
Arára-Tapuya (Rio Içana): B 2: 854. [no mapa Arára-T.] — Aruak
Araráwa [4]: A 4: 187, 638. — Pano
Arary: G 7: 19, 270.
Aratú: E 3: 194, 284, 287.
Aráua: B 4: 4, 45, 193. — Karib
Arauakí: C 3, D 3: 19, 150, 194, 284, 287, 292, 341, 428, 513, 522, 523, 528, 906, 936.
Aravirá (= Boróro do Cabaçal) [5]: D 6: 19. (V. Boróro) — Otuké
Arawak: C 1, D 1, D 2, E 1, E 2, E 3: 14, 19, 274, 298, 334, 440, 448, 454, 455, 459, 460, 480, 670, 678, 797, 799, 800, 808, 958. — Aruak
Arawine: E 5: 834. — Tupí
Arayó: G 3: 365.
Arda: A 3: 22, 564, 565, 566, 567. — Isolada
Aré v. Ivaparé.
Arebocono: B 6: 886.
Arekuná: C 2: 19, 101, 480. — Karib
Arequena: D 3: 27.
Areviriana: B 2: 441, 448, 808.
Ariane: E 2: 440, 811.

Aricari: E 2: 274, 334, 440, 528, 578 [no mapa também Arikari]	
Aricobé: F 5, G 5: 4, 302, 377, 381, 819.	Tupí
Arihini-Baré: B 2: 19, 341, 489.	Aruak
Arikapú: C 5:. 543, 841, 842.	Gê
Arikém: C 4, C 5: 240, 322, 510, 563, 569, 751, 918.	Tupí
Arinagoto: C 1, C 2: 19, 441, 454, 491.	Karib
Arino: D 4: 19, 221.	
Aripuaná: C 4: 194, 528, 906. [no mapa Aripuanã]	
Aritú v. Aratú.	
Ariú: H 4: 417, 831, 931.	
Armagotu (Rio Camopi): E 2: 440, 800.	
Armacoto (Rio Caura)(3): C 2: 528, 808. [no mapa Armagoto]	
Arouargue (= Arawak?): E 2: 440.	
Aruá (Piauhy): G 4, H 4: 364, 405, 906.	
Aruá (Rio Mequens): C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Aruã (Marajó): E 2, F 2, F 3, G 3, G 4: 217, 282, 284, 287, 292, 294, 314, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 340, 383, 392, 403, 440, 528, 578, 743, 811, 906, 913.	Aruak
Aruac v. Arawak.	
Aruaqui v. Arauakí.	
Aruší: C 5: 543.	
Arumá v. Yarumá.	
Arupá v. Urupá.	
Arupáy(4): E 4: 555, 738.	Tupí
Aruro: B 2: 441, 491.	
Aryna(2a): B 3: 627.	
Asepangong(1): C 2.	Karib
Ashluslay v. Sociagay.	
Assauinaui: B 2.	
Asuriní: E 3: 10, 420, 632, 738, 761, 845.	Tupí
Ataicaya: D 2: 807, 955. [no mapa Atacaya]	
Atalala: C 7, C 8: 778, 786, 803.	
Atoraí(5): D 1: 19, 440, 454, 455, 487, 806, 808, 953.	Aruak
Atruahí(5): D 2: 468, 761.	Karib
Áture: B 1, B 2: 441.	
Auacachí(5): D 3: 194, 317, 906.	Tupí
Aucuruy: B 3: 47.	
Auetí: E 5: 24, 665, 666, 814.	Tupí
Avahuahy: D 7: 400.	
Avantiu: A 4: 194, 195.	
Avaneni(2b): B 1: 448.	
Awaké(3): C 2: 101, 286, 440, 455, 488, 944. [no mapa Auaké]	Isolada
Axagua: A 1: 22, 298, 300.	
Ayáno: B 1: 454.	
Azáneni v. Tatú-Tapuya.	
Baenã(4): G 6: 4, 761.	
Baepuat: C 5: 937.	
Bahuána (6): C 2, C 3: 194, 761, 899.	Aruak
Bahúkiwa: A 2: 498, 760, 846.	Tukana
Bahúna v. Bahúkiwa.	
Bakairí: D 5, E 5: 19, 23, 24, 45, 221, 225, 270, 360, 445, 530, 665, 666, 766, 814, 829, 879.	Karib
Bakué: G 6: 65.	Botocudo
Baníwa(5): B 2: 19, 446, 456, 458, 465, 466, 491, 498, 499, 753, 783.	Aruak
Bará: B 3: 456, 501, 683.	Tukana
Barakoto v. Parikotó.	
Barauana: C 2: 440, 489.	
Barbados (Maranhão): G 3: 290, 292, 325, 380, 383, 386, 436, 759, 906	
(Alto Paraguay) v. Ũmotina.	
Baré: B 3: 19, 30, 150, 446, 456, 458, 465, 466, 491, 496, 498, 753.	Aruak
Barinagoto: C 1: 441, 454.	
Baturité: H 3: 389.	
Baure: C 5, C 6: 284, 452, 660, 661, 662, 663, 886.	Aruak
Ben-dyapá: A 4: 185, 573, 971. [no mapa Beñ-Dyapá]	Katukina
Betoi: A 1.	Chibcha
Bicitiacap: C 5: 937.	
Biriouné (= Boróro da Campanha): D 6: 19. (V. Boróro)	Otuké

Colastiné: C 9: 511, 781. [no mapa Colistiné]
Colima: A 1: 790.
Comaní: D 3: 19, 241, 317.
Comechingon: C 9: 116, 781, 902, 963.
Condurí: D 3: 19, 194, 221, 247, 287, 320, 528, 875, 921.
Congoré v. Kongorê.
Corazos: C 7: 793.
Corema: H 4: 302, 323, 931.
Coretú v. Kueretú.
Coroá (= Kayapó?): D 6: 23, 253.
Corôados (Minas): G 7, G 8: 19, 30, 31, 69, 215, 242, 270, 284. — Purí
(São Paulo-Rio Grande do Sul) v. Kaingang.
(Rio São Lourenço) v. Boróro.
Coroatá: G 3: 272.
Corondá(5): C 9: 511.
Corote: C 2.
Cotoxô v. Kutašó.
Couryenne: E 2: 578.
Coussani: E 2: 340, 800. [no mapa Cussani]
Coxiponé: D 6: 253, 890. [no mapa Coxipó]
Crecmum(2a): H 6: 19, 30, 447.
Creném: C 5: 143.
Crichaná v. Yauaperí.
Crixá(2a): F 6: 270.
Crutuiá (2a): C 5: 45, 46.
Cucarate: D 6: 284, 539, 619, 620, 626, 786, 803. — Zamuko
Cuçary v. Aratú.
Cuchiuara: C 3: 19, 194, 247, 875.
Cumanaxô v. Kumanašó.
Cumayari: C 3: 247.
Cunuri v. Condurí.
Cupe-lobos v. Kupẽ-rop.
Curacirari (= Aiçuare?): B 3: 241, 247, 320.
Curanaue: B 2, C 3: 19, 194, 936.
Curi: B 3: 816.
Curiarano: B 2, C 2: 454, 455, 465, 466.
Curiató: D 3: 194, 287, 528, 906.
Curivaurana: B 2: 498.
Curuahe v. Kuruáya.
Curuchipano: B 2: 454.
Curumia: D 7: 439.
Curupity: E 3: 555.
Cururí: G 3: 260, 287.
Cutaguá: D 7: 439.
Cuyaba: C 1: 441, 491.
Čákamekra: F 4, G 4: 19, 365, 369, 370, 371, 374, 390, 393, 759. — Gê
Čakobo: B 5: 62, 543, 654, 655, 729. [no mapa Chakobo] — Pano
Čamakóko: D 7: 19, 45, 100, 214, 284, 442, 613, 615, 627, 628, 629, 630, 631, 666, 786, 788, 814, 879. — Zamuko
Čane: C 6, C 7, D 6, D 7, D 8: 19, 45, 123, 224, 275, 284, 400, 439, 589, 627, 654, 778, 786, 803, 879, 886. — Aruak e Tupí
Čapakúra(4): C 5, C 6: 52, 269, 537, 655, 886. — Capakura
Čirabo: A 3: 196, 197. — Pano
Čiriguano: C 7: 19, 107, 112, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 275, 284, 587, 588, 589, 604, 640, 641, 652, 654, 658, 703, 786, 803. — Tupí
Čontakiro: A 4, A 5: 44, 45, 47, 48, 49, 50, 188, 189, 190, 668, 693, 784. — Aruak
Čonvúgn: G 6: 852. — Botocudo
Čoroti: C 7: 92, 123, 139, 518, 648, 654, 676. — Matako
Čulupí v. Sociagay.
Datuana(3): A 3: 489. [no mapa Dätuana] — Tukana
Davinavi: C 2: 441.
Dekuana(1): B 2.
Demacuri: B 2: 936.
Desána: B 2: 19, 440, 446, 456, 467, 489, 501, 585, 760, 846. — Tukana
Diaguita: B 8: 429, 777, 782, 903.
Doa: A 2: 790.
Duit(1): A 1. — Chibcha

Dyau (= Tirió): D 2: 14, 960. — Karib
Dyóre: E 4: 11, 191, 267, 845, 903. — Gê
Dzubukua(1): H 5. — Kariri
Ejibegodegui: D 7: 624. — Guaykurú
Ebidoso: D 7: 100, 613. — Zamuko
Echoarana(1): D 7. — Aruak
Ejueo: D 6: 627. — Guaykurú
Eliang(1): C 2. — Karib
Émerillons(4): E 2: 19, 324, 433, 440, 459, 783, 883, 955. — Tupí
Enenslet (= Angaité): D 7: 774. — Maskoy
Enimagá(5): C 7, D 7, D 8: 19, 778. — Enimagá
Erulia: A 2: 456, 501. — Tukana
Espiños: A 5: 58, 189. — Pano
Etwét(4): G 6: 65. — Botocudo
Exú v. Ichú.
Eye: B 1: 454.
Fitita: A 3: 693.
Fulnió: H 4: 381, 438, 544, 616, 617, 759, 761, 770, 791, 872, 897. — Isolada
Fusagasucá(4): A 2: 790. — Chibcha
Galibí: E 1, E 2, F 2: 19, 274, 284, 440, 459, 578, 743, 780, 955. (V. Karib, Kaliña) — Karib
Gamellas (de Codó): F 3: 364, 369, 370, 374, 759, 849. — Isolada
(de Vianna) G 3: 19, 233, 270, 365, 369, 370, 374, 403, 759, 849, 906.
Garanhum: H 4: 19.
Gaviões: F 3: 4, 10, 19, 45, 267, 365, 368, 376, 423, 759, 903. (V. Pukóbye) — Gê
Geicó v. Jaicó.
Genipapo: H 4: 325, 364, 379, 380, 381, 385, 388.
Giporoc v. Yiporok.
Gogué v. Guegué.
Goianá (Bahia. = Aimoré?)(4): H 6: 515, 827. [no mapa Goyana]
Gorgotoqui: C 6: 886.
Górotire: E 4, F 4: 11, 278, 359, 833, 835, 845, 846, 903, 935. — Gê
Goyá: E 6: 19, 373, 377.
Goytacá v. Waitaká.
Guacabayo (= Akawai)(2b): E 1, D 2: 807, 808, 812, 955.
Guácara: C 8: 786.
Guacara: D 3: 19, 247.
Guachí: D 6: 19, 45, 102, 778. — Guaykurú
Guachipa(2a): C 8: 904.
Guadaxo: E 7: 400.
Guaharibo: C 2: 19, 101, 454, 464.
Guahibo(3) A 2, B 1: 14, 100, 101, 441, 458, 783, 856, 859. [no mapa Guahiba] — Guahibo
Guahuara: E 3: 528. — Tupí
Guainare: B 2: 441.
Guaipina(2a): D 4: 906.
Guaipunavi (= Puinave?): B 2: 441. [no mapa Guaypunavi]
Guaiquiri v. Quaiqueri.
Guajá: F 3, F 4: 150, 365, 554, 759, 761. — Tupí
Guajajára: F 3, G 4: 4, 19, 191, 252, 278, 279, 287, 288, 292, 313, 365, 367, 374, 383, 393, 414, 520, 759, 760, 761, 772, 795, 796, 906. — Tupí
Guajará: F 3: 326.
Guajejú: C 5: 45, 46.
Gualachí: E 8: 429, 813, 865, 868.
Guamo: B 1: 298, 441, 808, 856.
Guaná: D 6: v. Čane. — Aruak
Guaná (Rio Itapicurú): G 3: 528, 759.
Guaná (Chaco Boreal) v. Kaskihá.
Guañaná: E 8: 19, 270, 865, 868.
Guanaré: G 3: 325, 364, 380, 386, 906.
Guanarú: B 3: 194.
Guanavena: C 3: 19, 284, 292.
Guane: A 1: 790.
Guapindaya: E 5: 19, 253, 270, 390. [no mapa Guapindaye]
Guaquiraró: D 8: 781. [no mapa Guaiquiraró]
Guaraní: D 7, D 8, D 9, E 7, E 8, E 9, F 7, F 8, G 6: 89, 219, 227, 262, 275, 284, 339, 343, 427, 511, 614, 706, 733, 757, 761, 769, 839, 878, 880, 908, 932, 973 (V. Carijó) — Tupí

Guarañoca: C 6, D 7: 52, 623.	Zamuko
Guaratégaja: C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Guarauno v. Waraú.	
Guarayo (do Pau Cerne): C 5: 452, 543, 655, 840, 841, 842, 886. [no mapa também Guarayú]	Tupí
(Rio Tocantins): F 3: 194, 284, 292, 528, 655, 658, 906.	
(Guarayú das Missões): C 5: 52, 121, 269, 284, 654, 886.	Tupí
Guarino: F 6: 272.	
Guarú: G 7: 19, 242, 270, 280.	
Guató: D 6, D 7, E 7: 19, 141, 429, 666, 672, 766, 814, 879.	Isolada
Guaxarapo (= Guachí?): D 6: 284, 439, 778.	
Guaxiná: G 3: 292, 528.	
Guayakí: D 8, E 9: 120, 167, 439, 596, 609, 774, 839, 847, 878.	Tupí
Guayanã (São Paulo-Paraná): E 8, G 7: 19, 68, 70, 71, 73, 85, 255, 256, 265, 270, 280, 290, 291, 429, 439, 709, 813, 865.	Gê
Guayanã (Faxina): F 7: 227, 239.	Gê
Guayaná (Alto Paraná): E 8: 72, 74, 75, 439, 472, 870. v. Ingain.	Tupí
Guayano: C 1: 454, 959.	Karib
Guaycurú v. Mbayá.	
Guayoana: C 3: 194.	
Guaypunavi v. Guaipunavi.	
Guayrabe: B 3: 816.	
Guayupe: A 2: 22.	
Guegué: F 4, G 4, H 4: 19, 261, 272, 325, 364, 405, 759, 906.	Gê
Guenoa: D 9: 284, 539, 776, 865.	
Guentuse: C 7, D 7: 786.	Enimagá
Gueren: H 5, H 6: 19, 31, 185, 284, 290, 302, 515, 773, 824, 836	Botocudo
Guikurú v. Kuikutl.	
Guianaú: B 2, C 2: 19, 440, 454, 455, 488, 493.	Aruak
Guisnay: C 7: 123, 139.	Matako
Gurupá v. Urupá.	
Häma-dákenai v. Tapiíra-Tapuya.	
Harrytiahan: E 2: 797. [no mapa Harritiahan]	
Hehénawa: A 2: 489, 760, 761.	Tukana
Henia: C 9: 902, 963.	
Hianákoto: A 2: 19, 456, 512.	Karib
Hiauahim: D 4: 221, 233, 236, 251, 270.	
Hölöwa: A 2: 489.	Tukana
Hohódene: B 2: 456, 496, 753, 846.	Aruak
Hon-dyapá: A 4: 573. [no mapa Hon-Dy.]	Katukina
Horio: D 7: 613.	Zamuko
Huačipairi[3]: A 5: 14. [no mapa Huachipairi]	Aruak
Huamoi: H 4: 19.	
Huari: C 5: 143, 655, 842.	Isolada
Huarpe: B 9: 99, 135, 781, 898, 901, 963.	Huarpe
Huesho: C 7: 778, 786, 803.	
Huhúteni v. Hohódene.	
Humahuaca: B 7: 429, 777.	
Ibanoma: C 3: 194, 875.	
Icachodeguo: D 7: 778.	Guaykurú
Icate: A 3: 194.	
Ichú: G 4: 381, 438.	
Icó: H 4: 19, 270, 302, 323, 379, 380, 388, 389, 417, 831, 924, 931.	
Icozinhos: H 4: 302, 323, 381, 389.	
Idapaminare: B 2: 808. [no mapa Idapaminari]	
Igapuitariyara: D 3: 194.	
Igaruana: G 3: 906.	
Ihini-Baré: B 3: 489.	Aruak
Ihuruána[4]: C 1: 101.	Karib
Imaca v. Maká.	
Imamarí[5]: A 5: 189. [no mapa Inamarí]	Aruak
Imboré: G 5: 767, 819, 836.	
Imono: D 6: 284, 539, 786, 803.	Zamuko
Inapari (= Maneteneri?): B 5: 14, 189, 576.	Aruak
Indamá: C 8: 781.	
Indios (Rios Opone e Carare): A 1: 790, 792.	Karib
Indios (Rio Cauabury. = Waiká?): B 2: 761.	

Kadupinapo[3]: C 1: 441, 454, 466, 808, 956. [no mapa Cadupinapo]
Kadyu-dyapá: A 4: 573. [no mapa Kadyu-Dy.] — Katukina
Kaha-dyapá: A 4: 573. [no mapa Kaha-Dy.]
Kahuapana: A 3: 693. — Kahuapana
Kaiguá: E 7, E 8, E 9, D 7, D 8: 45, 75, 83, 94, 114, 224, 596, 733, 741, 757, 771, 774, 794, 878, 973. — Tupí
Kaikúčana: A 2: 14, 324, 456. — Karib
Kaikušiána[4]: E 2: 324, 440, 578, 800.
Kaingang: E 7, E 8, E 9, F 7, F 8: 19, 75, 77, 78, 84, 86, 98, 174, 178, 232, 415, 539, 583, 694, 709, 733, 755, 757, 760, 769, 771, 794, 838, 878, 879, 894, 908, 927. — Gê
Kaketío[5]: A 1: 14, 22, 298, 300. — Aruak
Kalapalu: E 5: 277, 814. — Karib
Kaliána: C 2: 101. — Isolada
Kaliña[3]: D 1, D 2, E 1, E 2: 19, 454, 802. [no mapa Kalinya] v. Karib, Galibí. — Karib
Kamakã: H 5, G 6: 18, 19, 27, 30, 31, 32, 36, 185, 270, 284, 302, 761, 767, 819, 820. — Kamakã
Kamarakotó: C 2: 101, 454, 480. — Karib
Kamarinigua: A 4: 202. — Pano
Kamatika: A 5: 185. — Aruak
Kamayurá: E 5: 24, 665, 666, 814. — Tupí
Kampa: A 4, A 5: 45, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 203, 533, 646, 668, 693, 784. — Aruak
Kamurú-Karirí: H 6: 185, 515, 761. — Karirí
Kanakateyé[5]: F 4: 19, 369, 370, 390, 759. — Gê
Kanamarí: (Rio Purús): A 4, B 5: 58, 350. — Pano
(Rios Yurupary-Pauhiní-Tapauá): A 5, B 4: 49, 185, 187, 342. — Katukina
(Rios Yaco-Ituxy): B 5: 19, 30, 58, 192, 200. — Aruak
Kaničána: C 5: 52, 145, 269, 284, 315, 541, 655, 656, 719, 886. — Isolada
Kánoa: C 5: 543.
Kapanawa (Rio Juruá): A 5: 187, 188, 193, 201, 830. — Pano
(Rio Javary): A 4: 14, 189, 194, 202, 693. — Pano
Kapaire: E 4: 845, 883. (V. Górotire) — Gê
Kapéčene[3]: B 5: 200, 204. [no mapa Kepechene] — Takana
Kapišaná: C 5: 542, 761. — Isolada
Kapite-minanei v. Kuatí-Tapuya.
Kapošó: G 6, H 7: 19, 30, 31, 33, 34, 836. — Mašakarí
Kapuibo: B 5: 14. — Pano
Karákateye (= Kanakateye?)[5]: F 3: 365, 759.
Karanariú: E 2: 340, 440, 508, 578, 800.
Karane: E 2: 240, 578, 742.
Karapaná-Tapuya: A 2: 19, 30, 342, 440, 446, 489, 501. [no mapa Karapaná-T.] — Tukana
Karayá (Minas): G 7: 11, 255, 256, 259. — Karayá
(Rio Araguaya): E 5, F 6: 16, 19, 45, 146, 198, 222, 278, 283, 287, 366, 372, 373, 375, 377, 397, 584, 681, 760, 838. V. Šambioá. — Karayá
Karib: B 1, C 1, D 1, D 2, F 3: 14, 147, 281, 289, 333, 334, 441, 454, 455, 480, 670, 798, 808, 958. V. Kaliña, Galibí. — Karib
Karihóna[4]: A 2: 47, 171, 173, 440, 446, 456, 458, 503, 504, 505, 506, 571, 783. — Karib
Karimé: C 2: 700, 953. — Širianá
Kariniako: B 1: 458, 783. — Karib
Karipúna (Rio Madeira): B 4, B 5, C 4: 19, 30, 45, 341, 352, 353, 563, 972. — Pano
Karirí: G 4, H 4, H 5, I 4: 17, 19, 20, 30, 270, 272, 290, 302, 379, 515, 831, 945. — Karirí
Karitiana: C 4: 240, 510.
Kašararí: B 5: 189, 192, 198, 205. — Aruak
Kašinawa: A 4: 113, 187, 201, 206, 576. — Pano
Kašinití: D 5: 563. — Aruak
Kaškihá: D 7: 132, 133, 442, 611. — Maskoy
Kašuiana: C 3, D 2: 478, 479, 881. — Karib
Katapolítani v. Kadauapurítana.
Katawian: D 2: 14. — Karib

Kuatí-Tapuya: A 2: 446, 456, 496, 500, 753. [no mapa Kuati-T.]	Aruak
Kubē-krą̃-kegn: E 4: 845, 883. (V. Górotire)	
Kubē-krą̃-noti: E 4: 845, 883.	Gê
Kueretú: A 3, B 3: 19, 30, 352, 446, 456, 501, 506, 571. V. Yupúa.	Tukana
Kuika: A 1: 22.	Timote
Kuikutl: E 5: 24, 814.	Karib
Kuiva: B 1: 14.	Guahibo
Kujigeneri: A 4: 14, 58, 189.	Aruak
Kujuna: C 5: 543, 842.	Čapakura
Kukóekamekra: F 3: 4, 576, 759.	Gê
Kuliña (Rio Envira): A 4: 187.	Aruak
Kulino (Rio Solimões): B 3: 19, 30, 47, 150, 194, 247.	Pano
(Rio Juruá): A 4, B, 4: 4, 10, 185, 193, 207, 305, 573.	Aruak
Kumada-minanei v. Ipéka-Tapuya.	
Kumaná: C 5: 543, 841, 842.	Čapakura
Kumanašó: G 6, H 6: 19, 30, 31, 33, 185, 930.	Mašakarí
Kumayena v. Komayana.	
Kuniba (Rio Juruá): B 4: 44, 185, 193, 740.	Aruak
(Rio Ucayali): A 4: 47, 48, 49, 186, 189, 667, 668, 669, 693, 784. [no mapa Kunibo]	Pano
Kunipósana: B 2: 19, 454, 491. [no mapa também Kunipúsana]	
Kunuaná: B 2: 101.	Karib
Kupē-rop: E 3, E 4: 8, 11, 348, 398, 883.	Tupí
Kurave: D 6: 137, 623, 886.	
Kurašikána: B 1: 101, 441, 466.	Karib
Kuremagbei: D 8: 275, 778.	
Kuria: A 4: 187.	Aruak
Kuruáya: D 4, E 3, E 4: 184 279, 283, 535, 632, 633, 634, 635, 738, 749, 845.	Tupí
Kurukaneka: D 6: 137.	
Kuruminaka: C 6: 137, 886.	Otuké
Kurúkuan: E 2: 568.	
Kušiita: B 3: 489.	Tukana
Kusikia: C 6: 22, 886.	Čapakura
Kussarí[4]: E 2: 440, 578, 800, 811.	
Kustenau: E 5: 23, 24.	Aruak
Kutašó: G 5: 18, 19, 30, 36, 270.	Kamakã
Kutía-dyapá[5]: B 3: 185.	Katukina
Kuyanawa: A 4: 42.	Pano
Lache: A 1: 790.	
Laipsi: D 6: 612.	Zamuko
Lambi: C 5: 19, 45, 46.	
Layána[4]: D 7, D 8: 19, 452, 778.	Aruak
Lengua: D 7, D 8: 19, 108, 129, 130, 139, 152, 284, 442, 461, 774, 778, 786, 803, 814.	Enimagá e Maskoy
Libiriano[2a]: B 1: 491.	
Lule: B 7, C 7: 22, 777, 782, 786, 843, 853, 904.	
Maba: C 5: 45, 46.	
Mabenaro: B 5: 14.	Takana
Maçarari: B 3: 185. [no mapa Maçarí]	
Machaculi v. Mašakarí.	
Machicuy v. Maskoy.	
Machiyenga [illegible] 5: 52, 693. [no mapa Macheyenga]	Aruak
Macirinavi: [illegible] 441, 808.	
Magach: D [illegible] 776.	Guaykurú
Mahotóyana [illegible] 2: 14, 173, 456.	Karib
Maiapena: [illegible], C 3: 194, 906, 936.	
Maimbaré: [illegible] 5: 24, 45, 400.	Aruak
Maimerá: B 7: 781.	
Mainatari[1]: C 2.	
Mainawa: A 5: 58.	Pano
Maipure[3]: B 2: 441, 448, 491, 808, 809. [no mapa Maypure]	Aruak
Majubim: C 5: 916.	
Maká: D 7, D 8: 596, 599, 696, 774, 778, 786, 787, 788, 803.	Matako
Mákamekra: F 4: 19, 759, 853.	Gê
Makapa: E 2: 440, 508, 578, 811.	
Makapaí: E 2: 761.	

Makiritáre[5]: B 2: 19, 149, 441, 454, 465, 783. [no mapa também Makuní]	Karib
Makoní: G 6, H 6: 19, 30, 31, 33, 34, 185, 366, 825, 826, 837, 930.	Mašakarí
Máku (Rio Uraricuéra): C 2: 101, 286, 440, 454, 455, 488, 953, 956. [no mapa Mãku]	Isolada
Makú (Rio Ventuari)[5]: B 1, B 2: 101, 441, 465, 466, 783.	Sáliva
Makú (Rios Negro-Japurá): A 2, B 3, C 3: 19, 156, 241, 305, 341, 345, 350, 352, 446, 456, 489, 491, 506, 570, 715, 760, 854.	Puinave
Makú-Nadöbö: B 3: 489, 570.	Puinave
Makúna: A 3: 352, 446, 489, 570.	Tukana
Makuráp[4]: C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Makuši: C 2, D 1, D 2: 14, 19, 30, 101, 285, 440, 454, 455, 480, 485, 486, 487, 488, 671, 679, 760, 860, 881, 943, 953, 960.	Karib
Malalí: G 6: 19, 30, 31, 33, 34, 185, 546, 826, 929.	Isolada
Malbalá: C 8: 714, 778, 803.	
Malquesí[5] C 9: 782. [no mapa Maiquesí]	
Mamaindê: D 5: 672, 920.	Nambíkwára
Mamayaná: E 3: 19, 194, 221, 233, 284, 287, 330, 528.	
Mananagua[1]: A 4.	
Manao: B 3, C 3: 19, 30, 150, 194, 221, 284, 314, 383, 906.	Aruak
Mandawáka[3]: B 2: 19, 101, 466, 491. [no mapa Mandauáka]	Aruak
Manetibitana: B 2: 808.	
Mané[4]: D 6: 439.	
Maniquera: D 3: 906.	
Maniteneri: A 4, A 5: 52, 58, 189, 198, 200, 350.	Aruak
Manitivitana: B 2: 441.	
Manitsauá: D 5: 23.	Tupí
Manyã: H 6: 19, 31, 821.	Kamakã
Maopitian[3]: D 2: 14, 19, 440, 454, 455, 673, 802, 960. [no mapa Maopityan]	Aruak
Mápanai v. Íra-Tapuya.	
Mapaxó: G 6: 858, 945.	
Mapoye v. Quaqua.	
Mapruan: E 2: 440, 578, 811.	
Mapuá: E 3: 282, 284, 287, 330, 528.	
Marabitana (= Maribitana): B 2: 19, 441, 491, 808. [no mapa Maripisana]	
Maracá: G 5: 68, 284, 287, 330, 528, 946.	
Maracanã (Rio Machado): C 5: 937.	
Maraguá (= Maué?): D 3: 194, 247, 528, 906.	
Marakaná (Rio Uraricuéra): C 2: 101, 440, 488, 944. [no mapa Marakanã]	
Maramomim: F 7: 906, 968. [no mapa Miramomim]	
Maraón[4]: E 2: 274, 335, 340, 440, 508, 578, 743, 811.	
Marauaná (= Maraón?): F 3: 287, 326.	
Marauní[4] (= Maraón?): E 2: 528.	
Marawá: B 3, B 4: 4, 19, 30, 47, 185, 193, 207, 210, 241.	Aruak
Mariaté: B 3: 19.	Aruak
Maripisana v. Marabitana.	
Maricoupi[3]: E 2: 440, 478. [no mapa Taricoupi]	
Mariguione: B 6: 886. [no mapa Mariguiono]	
Marinawa: A 4: 187.	Pano
Mariusa: C 1: 441, 454, 579, 808.	Waraú
Marö-dyapá: A 4: 573. [no mapa Maro-Dy.]	Katukina
Martidan: C 9: 778, 781, 865.	
Marubo: A 3: 14, 19, 45, 47, 210, 693, 971.	Pano
Maruquevene: B 3: 194.	
Masaka: C 5: 543, 842.	Isolada
Mašakarí: G 6, H 6, H 7: 19, 31, 33, 34, 35, 185, 238, 366, 826, 836, 851, 911, 930.	Mašakarí
Masko: A 5: 14, 185, 576, 689. [no mapa Ma'sko]	Aruak
Maskoy: C 7, D 7: 103, 131, 152, 774, 786.	Maskoy
Massacará: H 4, H 5: 19, 30, 185.	Kamakã
Mataguayo: C 7: 269, 778, 786, 803.	Mata'ko
Mata'ko: C 7: 107, 123, 139, 282, 519, 520, 597, 599, 600, 654, 676, 701, 778, 786, 803.	Matako
Matanawí: C 4, C 5: 4, 19, 45, 720, 742, 962.	Isolada
Matapí-Tapuya: A 3: 456, 496. [no mapa Matapí-T.]	Aruak
Matará: C 8, D 8: 429, 778.	
Matáua: C 5: 543.	Čapakura

Mateiros v. Čąkamekra.

Mauaiana (= Maopitian?): D 2: 802, 881.

Maué: D 3: 19, 194, 221, 241, 243, 251, 263, 285, 289, 294, 314, 348, 349, 529, 548, 554, 595, 746, 748, 879, 885, 906. Tupí

Mauitsi: B 2, C 2: 441, 454.

Máulieni v. Káwa-Tapuya.

Mawáka[3]: C 2: 14, 491. [no mapa Manaka]

Mawakwa v. Maopitian.

Mayé: E 2: 340, 440, 508, 578, 742, 799, 800.

Mayongong: B 2, C 1: 19, 101, 454, 455, 465, 480, 492, 693, 760, 953. V. Yekuaná. Karib

Mayoruna: A 3, A 4: 19, 30, 45, 47, 150, 189, 194, 202, 285, 292, 305, 320, 441, 573, 784, 832. Pano

Mbayá: D 6, D 7: 19, 45, 102, 214, 225, 245, 275, 284, 443, 539, 778, 786, 803, 879. Guaykurú

Mbeguá: C 9: 19, 511. Chaná

Mehinakú: E 5: 24, 665, 666, 814. Aruak

Mejepure: B 2: 441, 808.

Menejou: E 3: 811.

Menien v. Manyã.

Menímehe v. Yukúna.

Mepen (= Abipón?): C 8: 275, 284, 778.

Mepuri: B 3: 19, 150.

Mersiu: E 2: 440, 578, 799, 812.

Mialat: C 5: 168. Tupí

Michilingüe: B 9: 781.

Minuano: D 8, D 9: 19, 270, 284, 439, 511, 539, 778, 781, 865.

Minyã-yrúgn: G 6: 4, 852. Botocudo

Miránya: A 3, B 3: 19, 30, 41, 173, 211, 456, 693, 761, 783. Isolada

Mitua: B 2: 14, 783. Aruak

Mocoretá: D 9: 781, 932.

Mojo: C 5: 19, 269, 284, 315, 448, 449, 656, 657, 660, 662, 663, 886, 972. Aruak

Mokoví: C 8, D 9: 19, 102, 269, 284, 702, 778, 803. Guaykurú

Mongoyó v. Kamakã.

Mo, noikó: C 2: 489, 953. [no mapa Monoikó] Karib

Monošó: G 6: 19, 33, 34. Mašakarí

Mopereono: B 5: 886.

Moquem: C 5: 19, 45, 46.

Moré: B 5: 543, 841, 842. Čapakura

Moríwene v. Sucuriyú-Tapuya.

Moro: C 7: 774, 788, 793.

Morononi: B 2: 808.

Morotoca: C 6: 284, 539, 619, 623, 803. Zamuko

Moru: E 2: 340, 440, 578.

Morua: B 3: 194.

Motilones: A 1: 14, 148, 298, 790. Karib

Mučojeón: C 5: 269. [no mapa Muchojeón] Aruak

Mundurukú: C 4, D 3, D 4, E 4: 4, 19, 27, 29, 30, 45, 150, 222, 223, 228, 236, 243, 248, 249, 251, 270, 271, 276, 285, 289, 294, 295, 296, 314, 315, 317, 341, 342, 348, 349, 370, 419, 513, 515, 529, 530, 548, 549, 551, 552, 554, 556, 558, 562, 691, 692, 738, 746, 751, 760, 862, 869, 972. Tupí

Minhagirun v. Minyã-yirúgn.

Múra: B 3, C 3, C 4, D 3, D 4, E 3: 4, 19, 30, 45, 58, 150, 207, 233, 249, 263, 270, 271, 282, 284, 294, 305, 309, 311, 314, 316, 317, 318, 319, 341, 342, 345, 346, 383, 452, 513, 523, 637, 740, 742, 746, 751, 755, 885, 890, 906, 911, 936, 972. Múra

Mure: C 5, C 6: 537, 539, 540. Čapakura

Muriva: D 3: 221.

Muzo: A 1: 790. Chibcha

Nahukwá[3]: E 5: 24, 665, 666, 814. [no mapa Nahukuá] Karib

Naknyanúk[4]: G 6: 4, 19, 65, 517, 546, 826, 837, 852. Botocudo

Nakrehé: G 6, G 7: 65, 852. Botocudo

Nalimega: D 7: 439.

Nambikwára: C 5: 19, 37, 45, 155, 301, 457, 482, 510, 563, 586. Nambikwára

Napeka: C 6: 52, 269, 537, 886. Čapakura

Naravute: E 5: 814.	Karib
Natú: H 4: 618	Isolada
Nauna: B 3: 194.	
Naura: A 1: 790	
Navaité: C 5: 920. [no mapa Navaitê]	Nambikwára
Nawa v. Kapanawa (Rio Juruá).	
Nênê: C 5: 563, 920.	Nambikwára
Nep-ńep (= Minyã-yirúgn): C 6: 65. [no mapa Nyepnyep]	Botocudo
Nheengabyba v. Ingahyba.	
Nhandiriuat: C 5: 937. [no mapa Nhandiriwat]	
Nhauanhen: D 4: 251.	
Niguecaitamia[1]: D 7.	Aruak
Ninaquiguilá (= Potorera?): D 6: 439, 778.	Zamuko
Nocg-nocg (= Patašó?): H 6: 65.	
Nokaman: A 5: 693.	
Nokten: C 7: 123, 139, 521.	Matako
Nonuya: A 3: 693.	Witóto
Norak: E 2: 274, 440, 578, 798, 799, 801.	
Noyenne: E 2: 800.	
Ntogapíd v. Itogapúk	
Nuaia: D 7: 72, 439.	
Nukuini: A 4: 42, 832.	Pano
Nyurukwayé: F 4: 19, 272, 365, 366, 369, 370, 377, 390, 759.	Gê
Ocloya: C 7: 781.	
Ocongá: G 3: 906.	
Ocole: C 7: 778, 786, 803.	
Ocomesiane[3]: B 2: 808. [no mapa Ocomesiana]	
Ocoteguebo: D 7: 627, 778.	Guaykurú
Ocrem: G 4: 302, 819. [no mapa Ocren]	
Oivaneca: E 2: 528.	
Okaina: A 3: 693, 711.	Witóto
Olongasta: B 9: 963. [no mapa Ologasta]	
Omagua: A 3, A 4, B 3: 19, 30, 38, 40, 47, 150, 194, 247, 284, 287, 292, 320, 383, 448, 533, 539, 693, 718, 875, 906, 912.	Tupí
Omöa: A 3: 501.	Tukana
Onicoré: C 4: 19, 528, 906.	
Opaina[2b]: A 3: 446, 489.	
Opayé-Savánte: D 6, E 7: 158, 563, 593, 733, 752, 753, 756, 757, 970.	Isolada
Orejones v. Koto.	
Orí: H 5: 220, 302.	
Ororebate: C 6: 539, 803.	Zamuko
Osa: C 7: 781.	
Otí-Šavante: E 7: 83, 158, 224, 404, 756, 757, 771, 853.	Isolada
Otomaca: A 1, B 1: 19, 22, 298, 411, 458, 808, 856. [no mapa também Otomaco]	Isolada
Otshukayana: H 4: 3, 6, 7, 17, 284, 302, 379, 380, 388, 413, 416, 422, 759, 906, 931.	
Otuké: D 6: 137, 623, 886.	Otuké
Ouaye v. Wai.	
Ouranayou: E 2: 800. [no mapa Ouranajou]	
Oyampi v. Wayapí.	
Oyanpique (= Wayapí?): E 2: 799.	
Oyaricoulet v. Wama.	
Pacahas Novas[3]: C 5: 19, 543, 842, 917. [no mapa Pacas-Novas]	Čapakura
Pacaleque: D 7: 214.	
Paikoneka: C 6: 269, 886.	Aruak
Pairandí: D 9: 781. [no mapa Pairindí]	
Pakaguara: B 5: 269, 543, 719, 721.	Pano
Pakajá: E 3, F 3: 19, 191, 194, 221, 223, 233, 247, 267, 282, 284, 292, 528, 906, 915. [no mapa também Pacajá]	Tupí
Pakanawa: A 4: 201, 831.	Pano
Páka-Tapuya[2b]: B 2: 854.	
Pakú-Tapuya: B 2: 456, 496, 753, 854 [no mapa Pakú–T.]	Aruak
Palank[2a]: E 2: 440, 578, 800.	
Palänoa: A 2: 501.	Tukana
Paleten: C 5: 19, 45, 46.	
Palikur: E 2: 274, 340, 440, 508, 578, 722, 743, 779, 799, 800	Aruak

Palmellas: C 5: 452, 655. — Karib
Pama: B 4, C 4: 19, 45, 270, 312, 315, 353, 906, 962.
Pamana: B 4: 19, 58, 200, 350.
Pamigua: A 2: 925. — Guahibo
Pampa v. Rankélče, Taluhet, Tšetšehet.
Pampan: C 6: 65. — Botocudo
Panáre[5]: B 1: 14, 101, 454. — Karib
Panatí: H 4: 19, 270, 302, 323.
Panche: A 1: 790. — Chibcha
Pangoa: A 5: 185. — Aruak
Pankararú: H 4: 381, 414, 618, 897. — Isolada
Panono: C 6: 284, 803. — Zamuko
Panyame: G 6: 19, 30, 33, 34, 185, 836. — Mašakarí
Papamiē: C 5: 543, 842.
Papaná: H 6: 19, 68, 284, 2[illegible]
Papateruana: D 3: 194.
Paquidái[5]: C 2: 943. — Širianá
Parabayana: E 2: 812.
Parabazane: D 6: 439. [no [illegible] Parabazana]
Paracoto (Rio Maroni): E 1 [illegible]1, 811.
Paragoto (Rio Araguary): E [illegible]07. [no mapa Paracoto]
Parahorí[5]: C 2: 943, 953. — Širianá
Parahyba: G 7: 19.
Parakanã: E 3: 735, 760, 761, 883. — Tupí
Paranapixana: C 4: 528. [no mapa Paraparixana]
Paranawat: C 5: 168, 510, 563, 741, 742, 916. — Tupí
Paraparucota[3]: B 1: 194, 808. [no mapa Paraparicota]
Parauiana: C 2, D 1, D 2: 19, 30, 101, 241, 440, 454, 806, 955 — Karib
Parawa: A 4: 203, 573, 832. — Katukina
Paraxim: G 6: 836.
Pareca: B 1: 441, 808.
Pareni: B 1, B 2: 441. — Aruak
Paresí: C 6, D 5, F 6: 19, 23, 24, 45, 155, 183, 272, 400. 457. 563, 766, 810. — Aruak
Parahouane v. Parauiana.
Pariana: A 3, B 3: 39, 194, 241, 247, 345, 816.
Pariagoto v. Guayano.
Parikotó: D 2: 14, 454, 673, 881, 886, 960. — Karib
Parintintin (Rio Madeira) v. Kawahíwa. — Tupí
(Alto Tapajoz): D 4: 45.
(Rio São Manoel): D 5: 19, 29, 37, 251, 765.
(Rios Jamaxim-Crepory. = Kuruáya?): D 4, E 4: 29, 251, 761.
V. Tapayuna, Taipe-šiši, Pariuaia.
Pariquí[4]: D 3: 19, 241, 294, 341, 428, 513, 522. [no mapa Pariquy]
Parirí: E 3: 735, 751, 759. — Karib
Pariuaia: D 4: 29.
Parukotó v. Parikotó.
Pasé: A 3, B 3, C 3: 13, 19, 30, 47, 150, 207, 345, 352. — Aruak
Patamona: D 2: 14, 480, 487, 881. — Karib
Patašó: G 6, H 6: 4, 19, 31, 36, 270, 284, 291, 471, 761, 825, 861. — Isolada
Patiti: C 5: 45, 46.
Patos (= Carijó?): E 9, F 8: 270, 869.
Pauana: C 3: 194, 284.
Pauatê v. Kawahíwa.
Paudacoto: C 1: 19, 441, 808.
Paumarí: B 4: 19, 58, 60, 191, 212, 533. — Aruak
V. Purupurú.
Paunaka: C 6: 269, 886. — Aruak
Paušiána[4]: C 2: 19, 101, 440, 488, 490, 899, 953. — Karib
Pauxí (Rio Erepecurú): D 3: 481, 964. — Karib
(R[illegible] Xingú): E 3: 528. — Tupí
Pawur[illegible] v. Wanyam.
Payac[illegible] I 3, H 4: 3, 19, 270, 302, 379, 380, 381, 387, 388, 389, 402, 4[illegible], 906.
Payaguá: D 7, D 8: 19, 102, 105, 284, 442, 461, 778, 786, 803, 890. — Guaykurú
Payaua: A 3: 19, 194.
Payayá: G 5, H 5: 515, 824, 836, 946.

Payoáliene v. Pakú-Tapuya.	
Paypayá: B 7: 781.	
Pazaine: C 7, C 8: 778, 786, 803.	
Peba: A 3: 45, 194, 716	Peba
Pedrazas: A 1: 161.	Chibcha
Pegas: H 4: 931.	
Penoquiquia: C 6: 22, 284.	Chiquito
Periá: H 4: 515.	
Pesatupe: C 7: 778, 786, 803.	
Péua v. Takunyapé.	
Pianokotó: D 2, E 2: 421, 454, 455, 481, 673, 802, 881.	Karib
Piapay: E 4: 283, 555, 738.	
Piapóko[4]: A 2: 14, 458, 783, 859.	Aruak
Piaróa: B 1, B 2: 14, 100, 101, 157, 441, 458, 465, 466, 494, 783, 808, 859.	Sáliva
Piçá-Tapuya[3]: A 2: 446, 456, 467, 501, 854. [no mapa Pisá—T.]	Tukana
Pidá-dyapá: B 3: 185.	Katukina
Pilagá: C 7, D 7: 19, 100, 102, 599, 600, 774, 778, 786, 787, 803, 895.	Guaykurú
Pimenteiras: C 4, H 4: 19, 30, 238, 270, 272, 364, 370, 405, 759.	Botocudo
Pinaré: E 8, F 9: 19, 865, 871.	
Pino: E 2: 440, 578.	
Piñoca: C 6: 22, 284.	Chiquito
Pipipã: H 4: 270, 408.	
Pirahá: C 4: 342, 523, 533, 740, 741, 742.	Múra
Piranya: D 3: 964.	Karib
Pirá-Tapuya: B 2: 440, 446, 456, 467, 480, 501, 760, 854. [no mapa Pirá—T.]	Tukana
Piro: A 5: V. Čontakiro.	Aruak
Piriu: E 2: 440, 578, 800.	
Pišaukó: C 2, D 2: 101, 487, 953.	
Pitá: G 7: 19, 270.	
Pitsobu: A 5: 14, 45, 202.	Pano
Pobyé: F 3: 365, 414. [no mapa Pobzé]	Gê
Poimesano: B 2: 441. [no mapa Poimisana]	
Pontá: G 4: 19, 185.	
Põrekamekra: F 4: 19, 337, 359, 369, 370, 390, 759.	Gê
Poten: G 6: 65.	Botocudo
Potiguára[5]: H 3, H 4: 1, 19, 68, 259, 280, 284, 290, 291, 323, 379, 383, 389, 618, 767, 906, 934.	Tupí
Potureia: D 6: 623. [no mapa Potorcia] V. Ninaquiguilá.	Zamuko
Poyanawa: A 4: 187, 573, 832.	Pano
Poyičá: G 6: 65, 546, 852.	Botocudo
Pragé[2a]: 381.	
Pratió: H 4, H 5: 438, 897. [no mapa também Prakió]	
Procá: H 4: 381.	
Puináve[4]: B 2: 149, 156, 441, 458, 489, 760, 783.	Puinave
Puipuitena: B 2: 441, 808. [no mapa Puipuitene]	
Pukapakuri: A 5: 47, 189. [no mapa Pukapukuri]	Aruak
Pukópye: F 4: 19, 324, 348, 366, 369, 370, 371, 548, 754, 759.	Gê
Pular: B 7: 904.	
Puyamumanawa: A 4: 832	Pano
Purecamecran v. Põrekamekra.	
Purí: F 7, G 6, G 7: 19, 30, 31, 66, 69, 85, 242, 254, 270, 280, 291, 911, 928, 933.	Purí
Puruborá: C 5: 543, 595, 842.	Tupí
Purukaród[4]: E 4: 11.	Gê
Purukotó: C 2: 10, 101, 285, 286, 440, 441, 454, 488, 808, 953	Karib
Purumamarca: B 7: 781.	
Purupurú: C 4: 19, 45, 47, 58, 61, 241, 341, 383. V. Paumarí.	Aruak
Puty: G 4: 364.	
Puxacase: C 5: 19, 45, 46. [no mapa Puxaca]	
Quaiqueri: B 1: 298, 441. [no mapa Quaiquiri]	
Quaqua: B 1, C 1: 14, 298, 441.	Karib
Quelosi:[5]: C 9: 782	
Quesque: H 4: 302.	

Quiloaza: C 9: 429, 781. [no mapa Quiloasa]	
Quiloto: A 1: 14.	Cuahibo
Quinána(2a): 936.	
Quirioripa: C 2: 441, 808.	
Quiriquiripa: C 1: 441, 808. [no mapa Quiriquirupa]	
Quitaiaiú: G 3: 906.	
Quixelô: H 4: 379, 381, 389.	
Quixexeu: H 4: 381.	
Racaret v. Aricari.	
Raipe-chichi v. Taipę-šiši.	
Rangu-piquí v. Tirió.	
Rama-rama: C 4: 164, 452, 917. [no mapa Ramarama]	Tupí
Ramkókamekra: F 4: 11, 19, 272, 365, 369, 370, 390, 424, 425, 606, 695, 697, 754, 759, 772, 795, 796.	Gê
Rankélče(4): C 9: 100, 785, 891, 898.	Araucano
Recigaro(3): A 3: 693. [no mapa Resigaro]	
Remo: A 4: 202, 203, 573, 693, 784.	Pano
Reriiú: G 3: 906.	
Rodellas: H 4: 302, 381, 382, 386, 968.	
Rokorona: C 5: 537, 539, 540, 541, 886.	Čapakura
Romarí(5): H 5: 19, 270.	
Roucouyenne v. Wayána.	
Ruynanawa: A 4: 576. [no mapa Ruynanawa]	Pano
Saboibo: A 5: 44.	Pano
Sabuja v. Sapuya.	
Sacaoa: F 3: 325, 326, 383, 528, 906, 913.	
Sacamecran v. Čákamekra.	
Sacarú: G 7: 270.	
Sacracrinhas: G 4: 819.	
Sakuya: A 5: 204.	Pano
Sáliva: A 1, A 2, B 2: 14, 157, 281, 298, 441, 859.	Sáliva
Salumá (= Zurumata?): D 2: 14, 454, 671, 673, 802, 887, 942.	Karib
Samuco v. Zamuko.	
Sanagasta: B 8: 782.	
Sanamalká: C 5: 54.	Tupí
Sanapaná: D 7: 100, 134, 442.	Maskoy
Sanaviron: C 9: 116, 781, 782.	
Saninawa: A 4: 187, 202.	Pano
Sapai: E 1, E 2: 5, 440, 799, 801.	
Sapará: C 2: 19, 101, 440, 454, 455, 488, 953.	Karib
Sapukí: D 7: 100.	Maskoy
Sapupé: D 3: 19, 194, 221, 317.	
Sapuya: G 5, H 5: 19, 30, 185, 515, 946.	Karirí
Sara: A 3: 501. [no mapa Sära]	Tukana
Saraveka: C 5, C 6: 45, 269, 723, 886.	Aruak
Sensi: A 4: 14, 45, 47, 186, 189, 210, 213, 693.	
Seregong: C 1: 14, 101, 454, 953.	Karib
Sewaku: B 4: 45, 47.	
Sikiana: D 2: 14, 673, 802, 960.	Karib
Sinabu: B 5: 14.	Pano
Sipibo(1): A 4.	Pano
Sirineiri: A 5: 14, 576.	Aruak
Sirionó: B 6, C 5: 19, 543, 653, 654, 655, 675, 684, 685, 687, 840, 886.	Tupí
Siucí-Tapuya: B 2: 19, 446, 456, 466, 496, 500, 753, 854. [no mapa Siusí–T.]	Aruak
Sociagay: C 7, D 7: 92, 123, 125, 528, 589, 639, 643, 654, 793.	Matako
Suberiono: C [illegible]: 656.	
Sukuriyú-Tap[illegible]: B 2: 19, 446, 456, 466, 496, 500, 753, 854. [no mapa Sukuriyú[illegible]]	Aruak
Sutagao: A [illegible] [illegible].	
[illegible]uyá: E 5: [illegible]4, 665, [illegible] 814, 829.	Gê
Šakriabá: F [illegible], F 7, [illegible] 19, 185, 272, 297, 365, 372, 373, 375, 377, 87[illegible]	Gê
Šambioá: F [illegible] 1, 19, 3[illegible]77, 584, 761, 903.	Karayá
Šaninawa: A [illegible] 201.	Pano
Šauianá: D [illegible] 964.	Karib

Tegua: A 1: 790.
Tembé: F 3, F 4, G 3: 4, 296, 326, 365, 393, 437, 522, 551, 552, 554, 555, 556, 557, 558, 560, 636, 734, 737, 760, 761, 883. — Tupí
Temiminó: G 6, G 7: 19, 255, 256, 259, 275, 280, 291, 906. — Tupí
Teréna[4]: D 7: 19, 179, 563, 760, 814, 838. — Aruak
Teweyá: C 2: 498. — Karib
Ticuna v. Tukuna.
Tilcara: B 7: 781.
Tiliano: B 7: 781.
Timaoán (= Tapayuna): D 5: 360. [no mapa Timauán]
Timbira (Rio Gurupy): F 3, G 4: 437, 554, 560, 759, 762. — Gê
(Baixo Mearim): F 3: 367, 369, 370, 374, 759. — Gê
(Piauhy): G 4: 325, 380, 395. — Gê
V. Kre/púmkateye, Kukóekamekra.
Timbú: C 9: 284, 509, 511, 781, 932. — Chaná
Timinahá (= Tumerehã?): D 7: 284, 539, 624, 786, 803. — Zamuko
Timirém: E 3: 735. — Karib
Timote: A 1: 22, 677. — Timote
Tirió: D 2: 304, 324, 440, 454, 458, 673, 783, 802, 881, 887, 942. — Karib
Tiverighoto[2a]: ? ?: 19, 455.
Tivitiva: C 1: 807, 809, 955.
Toba: C 7, C 8, D 7, D 8: 52, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 123, 142, 284, 599, 621, 639, 642, 654, 674, 705, 778, 786, 787, 803, 895. — Guaykurú
Tobachana: B 3: 194.
Tobajára: F 3, G 3, G 5, H 4: 1, 2, 12, 19, 68, 255, 265, 279, 280, 284, 287, 290, 291, 381, 383, 387, 389, 412, 767, 830, 906. — Tupí
Tocantin[3]: F 3: 19, 221, 287, 383. [no mapa Tocantim]
Tocoyenne (Rio Oyapock): E 2: 340, 440, 578, 799.
(Rio Cajary): E 3: 800.
Tocayó[4]: H 6: 837. [no mapa Tocoyo]
Tohazanna: B 2: 441, 808.
Tomacusi: C 6: 659, 857, 886.
Tomocom: E 2: 324. [no mapa Tomokom]
Tomoeno: C 6: 284, 539, 803. — Zamuko
Tonokoté (= Noktén)[4]: C 7: 778, 782, 843. — Matako
Tonoyenne: E 2: 274, 440, 799, 801, 954, 955.
Toosle: D 7: 193. — Enimagá
Topim[1]: G 5.
Torá: C 4: 19, 45, 150, 221, 233, 294, 309, 311, 317, 352, 355, 740, 741, 742, 906, 962. — Čapakura
Tore: C 6: 656, 886.
Toromona: B 5: 14, 19, 805. — Takana
Tororí[4]: C 4: 19, 241, 528, 906.
Tremembé: F 3, G 3: 12, 19, 233, 270, 280, 284, 289, 292, 325, 380, 381, 383, 386, 387, 388, 389, 391, 394, 402, 407, 410, 412, 528, 618, 759, 828, 906.
Trió v. Tirió.
Trumaí[4]: E 5: 23, 24, 586, 665, 666, 814, 919. — Isolada
Tsahátsaha: A 2: 14, 173, 456. — Karib
Tsirakua: C 6: 123, 589, 654. — Zamuko
Tsölá: A 3: 456, 501.
Tsöloa: A. 3: 501.
Tsuva: E 5: 814. — Karib
Tšetšehet: C 9: 136, 568, 892, 952. — Isolada
Tucanuçú: H 6: 64.
Tucujú: E 2: 19, 194, 217, 221, 223, 284, 287, 292, 528, 906.
Tukána-Tapuya: B 2: 19, 163, 440, 446, 456, 466, 467, 489, 501, 502, 581, 585, 605, 760. [no mapa Tukána—T.] — Tukana
Tukuku: A 1: 14. — Karib
Tukumãféd: C 5: 168. [no mapa Tukumãfet] — Tupí
Tukuna: A 3, A 4, B 3: 19, 30, 42, 45, 47, 150, 185, 189, 194, 202, 204, 207, 247, 259, 292, 305, 306, 307, 317, 320, 345, 349, 383, 405, 491, 522, 531, 533, 642, 693, 712, 750, 753, 761, 783, 784, 912, 971. — Isolada
Tukun-dyapá: A 4: 185. — Katukina
Tumerehã: D 7: 100, 613. — Zamuko
Tunacho: D 6: 284, 539, 622, 786, 803. — Zamuko
Tunayana: D 2: 14, 421, 454. — Karib

Tunebo: A 1: 14, 161, 344, 724, 725, 726.	Chibcha
Tuparí: C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Tupí (São Paulo-Paraná): E 8, F 7, F 8: 275, 284, 291, 906.	
(Rio Grande do Sul. – Kaingang?): E 8: 72, 439, 871.	
Tupiná: G 5, G 6, H 5: 64, 68, 259, 284, 302, 819.	Tupí
Tupinakī: F 7, G 6, G 7, H 5, H 6: 4, 64, 185, 241, 296, 304, 326, 365, 515, 554, 556, 557, 558, 734, 760, 819, 820, 823, 906.	Tupí
Tupinambá: F 3, G 3, G 4, G 5, G 7, H 5, H 6: 2, 12, 19, 64, 68, 218, 230, 255, 256, 258, 259, 265, 275, 280, 282, 284, 287, 290, 291, 292, 293, 323, 365, 369, 377, 383, 515, 528, 755.	Tupí
Tupinambaiana: D 3: 19, 150, 194, 233, 247, 263, 287, 320, 875, 906.	Tupí
Turiwára: F 3: 150, 296, 304, 326, 365, 554, 556, 557, 558, 734, 760, 883.	Tupí
Tušá: H 4: 618.	Isolada
Tušinawa: (Rio Jutahy): B 3: 45. [no mapa Tuchinawa]	Pano
(Rio Envira): A 4: 187. [no mapa Tučinawa]	Pano
Tuyoneiri: A 5: 169.	Isolada
Tuyúka-Tapuya[5]: B 2, B 3: 19, 440, 446, 456, 489, 501, 680. [no mapa Tuyúka–T.]	Tukuna
Uaboi: D 3: 957. [no mapa Uaboy]	
Uahmirí: D 2: 468, 761. V. Yauaperí.	Karib
Uaikana v. Piuá-Tapuya.	
Uaimaré[2a]: D 6: 19, 563.	
Uainamarí[5]: B 4: 58.	Aruak
Uaintaçú: D 5: 155, 482, 563.	
Uaiiua: B 3: 194.	
Uanapú: E 3: 19, 223, 282, 287, 292, 915.	
Uaraikú v. Waraikú.	
Uaranacoacena: C 3: 19, 150.	
Uariua (Rio Negro): C 3: 19, 241, 899.	
Uassahy: D 3: 356, 428, 522.	
Uatadeo: D 6: 627.	Guaykurú
Uauarate: B 3: 194.	
Uaya: B 3: 194.	
Uçá-Tapuya: B 2: 489, 854. [no mapa Uçá–T.]	Tukuna
Ugaraño: C 7: 287, 539, 619, 620, 626, 786, 803.	Zamuko
Uirina[5]: C 2: 19, 30, 489.	Aruak
Uiuá-Tapuya v. Uçá-Tapuya.	
Umã: H 4: 19, 270, 408.	
Umaua v. Karihóna.	
Ũmotina: D 5, D 6: 253, 270, 301, 563, 672, 766, 810, 814.	Otuké
Umuampa: C 7: 778, 786, 803.	
Unini[2a]: A 5: 185.	
Uomo: C 5: 917. [no mapa Uomu]	Čapakura
Upuruí: E 2: 260, 324, 440, 495, 554, 578, 802, 887.	Karib
Uruatí: G 3: 287, 383, 528, 906.	
Urubú (Rio Gurupy): F 3: 4, 363, 365, 406, 560, 591, 761, 796.	Tupí
Urubú-Tapuya (Rio Içana): B 2: 456, 496, 854. [no mapa Urubú–T.]	Aruak
Urucú: G 6: 65. [no mapa Urukú]	Botocudo
Urucuai: C 5: 19, 45, 46.	
Urucuiana v. Wayána.	
Urucucú v. Ururucú.	
Uruma: H 4: 515.	
Urumanaue: C 3: 194.	
Urumí: C 5: 510, 563, 917, 937. (= Itogapúk?)	
Urunamakan: C 5: 543, 842.	Čapakura
Urupá (Rio Machado): C 5, D 3: 150, 233, 240, 322, 510, 740, 742, 760, 917.	Čapakura
(Rio Tapajoz): D 4, D 5, E 4: 19, 45, 221, 233, 236, 243, 317.	
Urupaya (Rio Xingú) v. Arupáy.	
Ururucú: D 3: 284, 287, 528.	
Ururu-dyapá: A 4: 573. [no mapa Ururu–Dy.]	
Usíkring v. Dyóre.	
Uyapé: D 4: 19, 45.	
Vacaa: C 7: 178, 186, 803.	
Vanherei: E 6: 400.	
Vejo: C 8: 153, 778.	Matako
Vilela: C 7, C 8: 704, 778, 786, 803, 855.	Vilela
Vouvê: H 4: 19, 270, 408. [no mapa Vouvé]	

Wadvo-paranĩ-dyapá: A 4: 185, 573. Katukina
Wai: [illegible] 2: 440, 578, 799, 800.
Waik[illegible] (Guayana Ingleza): D 1: 14, 956. Karib
Waika (Rios Negro, Branco e Orinoco): C 2: 4, 19, 101, 440, 441, 454, 466, 488, 491, 700, 761, 899, 943. Širianá
Wainambí-Tapuya: A 2: 446, 489. [no mapa Wainambí–T.] Aruak
Wainumá (= Wainambí-Tapuya?): A 3: 19, 30. Aruak
Waitaká[3]: G 7, G 8: 19, 68, 85, 90, 215, 226, 255, 256, 270, 272, 280, 284, 290, 291, 686, 906. [no mapa Waytaká]
Waiwé[5]: D 2: 14, 19, 440, 454, 455, 462, 479, 671, 673, 881, 960. Karib
Wakóna: H 4: 19, 270, 272. [no mapa Aconã]
Walipéri-dákenai v. Siucí-Tapuya.
Wama[1]: E 2. Karib
Wanána: A 2, B 2: 19, 436, 440, 446, 467, 489, 501, 746, 760, 854. Tukana
Wanyám[4]: C 5: 269, 537, 538, 655. Čapakura
Wapičána: C 2, C 3, D 2: 19, 101, 430, 440, 454, 455, 458, 480, 671, 760, 881, 953, 960. [no mapa Wapišána] Aruak
Waraikú: A 4, B 3: 19, 30, 45, 47, 194, 247, 320. Aruak
Waraú: C 1, D 1: 14, 19, 140, 298, 441, 454, 455, 458, 480, 579, 591, 607, 670, 783, 807, 955. Waraú
Wárekéna: B 2: 19, 27, 150, 221, 233, 249, 455, 456, 466, 489, 491, 496, 753. Aruak
Waríwa (Rio Ventuari): B 1: 101, 489.
Waríwa-Tapuya (Rio Japurá): B 3: 456, 570, 761. [no mapa Waríwa–T.]
Waruwádu[5]: B 2: 101.
Waurá: E 5: 24, 665, 814. Aruak
Wayakulé v. Wama.
Wayána[4]: D 2, E 2: 324, 433, 440, 458, 495, 673, 783, 800, 802, 881, 882, 887, 942, 967. Karib
Wayapí: E 2, E 3: 19, 194, 221, 285, 287, 295, 324, 418, 433, 440, 458, 469, 528, 549, 554, 673, 744, 755, 761, 783, 800, 881, 882, 883. Tupí
Wayoró: C 5: 543, 841, 842. Tupí
Wayumará: C 2: 19, 101, 440, 455, 953. Karib
Wekiáre: B 1: 101, 448, 466. (= Yauarána?) Karib
Wirafed: C 5: 168, 741, 742, 760. [no mapa Wirafét] Tupí
Wiri-dyapá: A 4: 573. [no mapa Wiri-Dy.] Katukina
Witóto: A 3, B 3: 170, 171, 172, 173, 181, 456, 504, 505, 506, 693, 760, 761, 783. Witóto
Woyawai v. Waiwe.
Xacuruina: D 5: 19, 45.
Xaray: D 6: 19, 284, 439, 886.
Xaulat: B 9: 902.
Xumana v. Yumána.
Xumetó[5]: G 7: 19, 270.
Yabaána[4]: B 2: 4, 19, 489, 491. Aruak
Yabutí[3]: C 5: 543, 841, 842. [no mapa Jabutí] Gê
Yabuti-čiči[3]: C 5: 543, 842. [no mapa Jabotí-čiči]
Yabutiféd: C 5: 168. [no mapa Yabotifét] Tupí
Yacariuara: A 3: 194, 247.
Yagua: A 3: 19, 45, 47, 533, 693, 716, 905. Peba
Yaguanai: C 3: 194, 320, 816.
Yaháhi[4]: C 4: 523, 741. Múra
Yahúna: A 3: 19, 30, 456, 501, 506. Tukana
Yajura: B 2: 808.
Yakaóyana: A 2: 14, 456. Karib
Yamamadí: B 4: 4, 58, 61, 191, 193, 342, 350. Aruak
Yameo: A 3: 19, 539, 693, 716, 717, 718, 789. Peba
Yaminawa: A 4: 187, 188, 201, 573. Pano
Yamu: A 2: 14. Guahibo
Yanaigua: C 6, C 7: 52, 123, 647, 653, 654, 675. Tupí
Yao: D 1, E 2: 5, 17, 19, 333, 335.
Yapokoye: E 2: 324. [no mapa Yapocoye]
Yapówa: A 2: 489.
Yaricuí[5]: A 1: 790.
Yaró: D 9, D 10: 284, 511, 539, 778, 7[illegible] 865, 868, 869. Chaná
Yarumá: E 5: 24, 277, 814. Karib

ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO *

1. *Fr. Vicente do Salvador*: Historia do Brazil. S. Paulo — Rio 1918.
2. *P. Claudio d'Abbeville*: Historia da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão (1613-1614). Maranhão. 1874.
3. *Pedro Carrilho de Andrade*: Memoria sobre os Indios do Brazil. Rev. Inst. Hist. Geogr. do Rio Grande do Norte. VII. Natal. 1912.
4. *Serviço de Protecção aos Indios*: Archivos das Inspectorias do Espiritu Santo, Maranhão, Amazonas e Acre.
5. *Iodocus Hondius*: Nieuwe Caerte van het wonderbaer ende goudrijke landt Guiana. — Rio Branco: Frontières. Atlas annexe au Mémoire. Paris. 1899.
6. *Gaspar Barlaeus*: Brasilianische Geschichte. Cleve. 1659.
7. *Rovlox Baro*: Relation dv Voyage de — — (1647). — Relations veritables et cvrievses de l'isle de Madagascar et dv Bresil. Paris. 1651.
8. *João Roberto Aires Carneiro*: Itinerario da viagem da expedição exploradora e colonisadora do Tocantins. (1848). Ann. Bibliot. e Arch. Publ. VII. Pará. 1910.
9. *Antonio Colbacchini e Cezar Albisetti*: Os Boróros Orientaes. São Paulo. 1942.
10. *Henri Coudreau*: Voyage au Xingú (1896). Paris. 1897.
11. ——— Voyage au Tocantins-Araguaya (1896-1897). Paris. 1897.
12. *P. Ives d'Evreux*: Voyage dans le Nord du Brésil (1613-1614). Paris-Leipzig. 1864.
13. *João Wilkens de Mattos*: Alguns esclarecimentos sobre as missões da Provincia do Amazonas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1896.
14. *K. G. Grubb*: The Lowland Indians of Amazonia. London. 1927.
15. *Wilhelm Kissenberth*: Bei den Canella-Indianern in Zentral-Maranhão (1908). Baessler Archiv. II. Berlin-Leipzig. 1911.
16. *Fritz Krause*: In den Wildnissen Brasiliens (1908). Leipzig. 1911.
17. *Johannes de Laet*: Historia ou annaes dos feitos da Companhia Priviligiada das Indias Occidentaes. Rio. 1925.
18. *Cestmír Loukotka*: La Famille linguistique Kamakan. Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1931.
19. *Carl Friedr. Phil. von Martius*: Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas. I. Zur Ethnographie. Leipzig. 1867.
20. *P. Martim de Nantes*: Histoire de la mission du — — — chez les Cariris (1671-1688). Rome. 1888.
21. *Hermann Ploetz & A. Métraux*: La civilisation materielle et la vie sociale et religieuse des Indiens Ge du Brésil méridional et oriental. — Rev. Inst. Etn. I. Tucuman. 1930.
22. *Paul Rivet*: Langues Américaines. — Les Langues du Monde. Paris. 1925.
23. *Karl von den Steinen*: Durch Central-Brasilien. Berlin. 1886.
24. ——— Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Berlin. 1894.
25. *Der Volkstamm der Apeiacas* im Stromgebiet des Amazonas. Globus. XXVII. Braunschweig. 1875. (Seg. D. Macedo Costa).
26. *Ignacio Baptista de Moura*: De Belém a São João do Araguaya (1896). Rio-Paris. 1910.
27. *Alfredo Moreira Pinto*: Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil. Rio. 1896.
28. *Raymundo Brazil*:
29. *Henri Coudreau*: Voyage au Tapajos (1895-1896). Paris. 1897.
30. *Carl Friedr. Phil. von Martius*: Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens. II. Zur Sprachenkunde. Erlangen. 1863.
31. *Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied*: Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817. Frankfurt. 1828.
32. *Ignace Etienne*: Les Camacans. Anthropos. III. Mödling. 1912.
33. *Čestmír Loukotka*: La Famille Linguistique Mašakali. Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1931.
34. *Auguste de Saint-Hilaire*: Voyage dans l'intérieur du Brésil. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes. II. Paris. 1830.
35. *Adrien Balbi*: Atlas ethnographique du globe. Paris. 1826.

* Reprodução conforme o original do Autor

36. *Alfred Métraux*: Les Indiens Kamakan, Pataśo et Kuta'o. — Rev. Inst. Etn. I. Tucuman. 1929.

37. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Apiaká-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XXXIV. Berlin. 1902.

38. *Toribio de Ortiguera*: Jornada del Marañon. — Nueva Biblioteca de autores españoles. XV. Madrid. 1903.

39. *Francisco de Figueroa*: Relación de las misiones de la Compania de Jesus en el pais de los Maynas. — Coleccion de libros y documentos referentes a la historia de America. Madrid. 1904.

40. *Paul Rivet*: Les langues Guaranies du Haut Amazone. — Journ. Soc. Améric. VII. Paris. 1921.

41. ——— Affinités du Mirányа. — Journ. Soc. Améric. VIII. Paris. 1911.

42. *Paul Rivet & C. Tastevin*: Les tribus indiennes des bassins du Purus, du Jurua et des régions limitrophes. — La Géographie. XXXV. Paris. 1921.

43. *Paul Rivet*: Les Indiens Canoeiros. — Journ. Soc. Améric. XVI. Paris. 1924.

44. *Paul Rivet & C. Tastevin*: Les langues du Purus, du Juruá et des regions limitrophes. — Anthropos. XVIII-XXIX. Mödling. 1923/24.

45. *Francis de Castelnau*: Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud. Histoire du voyage. Paris. 1851.

46. ——— Atlas.

47. *Paul Marcoy*: Voyage àtravers de l'Amérique du Sud. Paris. 1869.

48. *Francisco Carrasco*: Principales palabras del idioma de las quatro tribus infieles Antis, Piros, Conibos e Sipibos. Bol. Soc. Geogr. XI. Lima. 1901.

49. *Alfred Reich*: Die Kampa und Kunibo des Urubamba. — Globus. LXXXIII. Braunschweig 1903.

50. *Augustín Alemany*: Vocabulario de bolsillo castellano-piro. Lima. 1906.

51. *Charles Wiener*: Pérou et Bolivie. Paris. 1880.

52. *José Cardús*: Las misiones franciscanas entre los infieles de Bolivia. Barcelona. 1886.

53. *Lucien Adam*: Arte de la lengua de los indios Antis ó Campas. Bibliothèque linguistique américaine. III. Paris. 1890.

54. *Eulogio Delgado*: Vocabulario del idioma de las tribus Campas. Bol. Soc. Geogr. V. Lima. 1896.

55. *Gabriel Sala*: Diccionario, Gramática y Catecismo castellano, inga, amueixa y campa. — Bol. Soc. Geogr. XIX. Lima. 1905.

56. *Mauricio Touchaux*: Apuntes sobre la gramática y el dicionario del idioma campa. — Rev. Hist. III. Lima. 1908.

57. *Julio C. Tello*: Arawak. — Lima. 1913.

58. *W. Chandless*: Ascent of the River Purus. — Journ. Royal Geogr. Soc. XXXVI. London. 1866.

59. *Chr. Nusser-Asport*: Vom Madre de Dios zum Acre. — Das Ausland. LXVIII. Stuttgart. 1890.

60. *Joseph Beal Steere*: Narrative of a visit to the Indian Tribes of the Purus river. — Annual Rep. of the Board of Regents of the Smiths. Inst. 1901. Washington. 1903.

61. *J. E. R. Pollak*: A grammar and a vocabulary of the Ipurina language. — Vocabulary publications. I. London. 1894.

62. *Theodor Koch-Grünberg*: Beitrag zur Sprache der Ipuriná-Indianer. — Journ. Soc. Améric. XI. Paris. 1914-1919.

63. *Pero de Magalhães Gandavo*: Tratado da terra do Brazil (1576). Rio. 1924.

64. *Fernão Cardim*: Tratado da terra e gente do Brazil. — Rio. 1925.

65. *Paul Ehrenreich*: Über die Botokuden der brasilianischen Provinz Espiritu Santo und Minas Geraes. — Zeitschr. f. Ethn. XIX. Berlin. 1887.

66. ——— Über die Purís Ostbrasiliens. — Zeitschr. f. Ethn. XVIII. Berlin. 1886.

67. *Hermann von Ihering*: Os Botocudos do Rio Doce. — Rev. Mus. Paulista. VIII. S. Paulo. 1911.

68. *Gabriel Soares de Souza*: tratado descriptivo do Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIV. Rio. 1851.

69. *W. C. von Eschwege*: Journal von Brasilien. — Weimar. 1818.

70. *Rui Dias Gusman*: Argentina (1612). — Buenos Aires. 1882.

71. *Pedro Lozano*: Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán. — Buenos Aires. 1873-1875.

72. *Félix de Azara*: Geografía física e esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones guaranies. — Anales del Mus. Nacional. I. Montevideo. 1904.

73. *Hermann von Ihering*: Os Guayanás e Caingangs de São Paulo. — Rev. Mus. Paulista. VI. S. Paulo. 1904.

74. *Benigno Martínez*: Os Indios Guayanãs. — Rev. Mus. Paulista. VI. S. Paulo. 1904.

75. *Fr. Vogt*: Die Indianer des obern Paraná. — Mitt. Anthrop. Ges. XXXIV. Wien. 1904.

76. *Juan B. Ambrosetti*: Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingangue. — Bol. Acad. Nacional de Ciencias. XIV. Córdoba. 1894.

77. ——— Los indios Kaingangues de San Pedro. — Rev. Jardin zoológico. II. Buenos Aires. 1895.

78. *Telemaco M. Borba*: Actualidade Indigena. — Corityba. 1908.

79. *Hermann von Ihering*: A questão de indios no Brazil. — Rev. Mus. Paulista. VIII. S. Paulo. 1911.

80. *Hugo Gensch*: Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catharina. — Zeitschr. f. Ethn. XL. Berlin. 1908.

81. ——— Die Erziehung eines Indianerkindes. — Intern. Amerikan. Kongr. Wien. 1908. Wien/ Leipzig. 1910.

82. *Lucien Adam*: Le parler des Caingang. — Congr. Intern. Améric. Paris. 1902.

83. *Telemaco M. Borba*: Breve noticia sobre os indios Caingangs. — Rev. mens. Secção da Soc. de Geogr. de Lisbôa no Brazil. II. Rio. 1882.

84. *Reinhold Hensel*: Die Coroados der brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul. — Zeitschr. f. Ethn. I. Berlin. 1869.

85. *Anthony Knivet*: The admirable adventures and strange fortunes of Master — —. — Hakluytus Posthumus. XVI. Glasgow. 1906.

86. *K. von Königswald*: Die Coroados im südlichen Brasilien. — Globus. XCIV. Braunschweig. 1908.

87. ——— Die Botokuden in Südbrasilien. — Globus. XCIII. Braunschweig. 1907.

88. *Henri Henrikhovitch Manizer*: Les Botocudos d'après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915. — Arch. Mus. Nacional. XXII. Rio. 1919.

89. *Alfred Métraux*: La civilisation materielle des tribus Tupi-Guaraní. — Paris. 1928.

90. ——— Les Indiens Waitaka. — Journ. Soc. Améric. XXI. Paris. 1929.

91. *Hermann Meyer*: Über die Bugres. — Verh. Ges. f. Erdkunde. XXIII. Berlin. 1896.

92. *Erland Nordenskiöld*: Eine geographische und ethnographische Analyse der materiellen Kultur zweier Indianerstämme in El Gran Chaco. — Göteborg. 1918.

93. *José Maria de Paula*: Memoria sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catharina. — Congr. Intern. Americ. Rio. 1924.

94. *J. R. Renggèr*: Reise nach Paraguay (1818-1826). — Aarau. 1835.

95. *Bruno Rudolph*: Wörterbuch der Botokudensprache. — Hamburg. 1909.

96. *Franz Schulze-Friessnits*: Die erste ethnographische Skizze über die Botocuden in deutscher Sprache. — Globus. LXXX. Braunschweig. 1901.

97. *Antonio Carlos Simões da Silva*: A tribu dos indios Crenaks. — Congr. Intern. Améric. Rio. 1924.

98. *Alfredo d'Escragnolle Taunay*: Os indios Kaingangs. — Rev. Mus. Paulista. X. S. Paulo.

99. *Alfred Métraux*: Contribution à l'Ethnographie et à la Archéologie de la Province de Mendoza. — Rev. Inst. Etn. I. Tucumán. 1929.

100. *Čestmír Loukotka*: Vocabularios inéditos y poco conecidos. — Rev. Inst., Etn. I. Tucumán. 1929.

101. *Theodor Koch-Grünberg*: Vom Roroima zum Orinoco. — Stuttgart. 1928.

102. ——— Die Guaikurú-Gruppe. — Mitt. Anthrop. Ges. in Wien. XXXIII. Wien. 1903.

103. *Robert Lehmann-Nitsche*: Vocabularios Toba. — Bol. Acad. Nacional de Ciencias. XXVIII. Córdoba. 1925.

104. *Samuel A. Lafone Quevedo*: Arte de la lengua Toba por el P. Alonso Barcena. — Rev. Mus. La Plata. V. La Plata. 1893.

105. *L. Alfred Demersay*: Histoire physique, économique et politique du Paraguay. — Paris. 1860.

106. *J. Amadeo Baldrich*: Las comarcas virgines: El Chaco central norte. — Buenos Aires/La Plata/Rosario. 1890.

107. *A. Thouar*: Explorations dans l'Amérique du Sud. — Paris. 1891.

108. *Guido Boggiani*: Compendio de Etnografia Paraguaya moderna. — Asunción. 1900.

109. *Ángel Justiniano Carranza*: Expeditión al Chaco Austral. — Buenos Aires. 1884.

110. *Filiberto de Oliveira Cézar*: Los amores de una india. Buenos Aires/ La Plata/ Rosario. 1892.

111. *Luis Jorge Fontana*: El Gran Chaco. — Buenos Aires. 1881.

112. *Alfred Métraux*: Études sur la civilisation des indiens chiriguanos. — Rev. Inst. Etn. I. Tucumán. 1929.

113. *J. Capistrano de Abreu*: Rã-txa-hu-ni-kui. — Rio. 1914.

114. *Juan B. Ambrosetti*: Los indios Cainguá del Alto Paraná. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XV. Buenos Aires. 1895.

115. *Juan B. Ambrosetti*: Exploraciones arqueologicas en la ciudad de La Paya. — Faculdad de Filosofía y Letras. Publicaciones de la Seccion Antropológica. Buenos Aires. 1907.

116. *Eric Boman*: Antiquités de la région andine de la Republique Argentine. — Paris. 1908.

117. ——— Los ensayos para establecer una cronología pre-histórica en la región diaguita. — Bol. Acad. Nacional de Historia. VI. Quito. 1923.

118. *Domenico del Campana*: Notizie intorno ai Ciriguani. — Arch. per l'Antropologia e la Etnologia. Florence. XXXIII. 1902.

119. *Santiago Romano & Hermann Cattunar*: Diccionario Chiriguano-Espanol y Espanol-Chiriguano. — Tarija. 1916.

120. *Charles de la Hitte*: Notes ethnographiques sur les Indiens Guayaquys. — Anales del Mus. de La Plata. II. La Plata. 1897.

121. *Alfred Métraux*: Un ancien document peu connu sur les Guarayú. — Anthropos. XXIV. Mödling. 1929.

122. *Bernardo de Nino*: Etnografía chiriguana. — La Paz. 1812.

123. *Erland Nordenskiöld*: Indianerleben. — Leipzig. 1912.

124. ——— The Guaraní Invasion of the Inca Empire in the XVI century. — Geographical Review. IV. New York. 1917.

125. ——— The changes in the material culture of two indian tribes under the influence of new surroundings. — Compar. ethnogr. Studies. II. Göteborg. 1920.

126. *Félix F. Outes*: La cerámica chiriguana. — Rev. Mus. La Plata. III. Buenos Aires. 1907.

127. *Manuel Serrano y Sanz*: Los indios chiriguanaes. — Rev. Arch. Bibliot. y Museus. II. Madrid. 1898.

128. *Guido Boggiani*: Viajes de un artista por la América Meridional. Los Caduveos. — Rev. Inst. Etn. I. Tucumán. 1929.

129. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Lengua-Indianer. — Globus. LXXVIII. Braunschweig. 1900.

130. *Alfred Coryn*: Los Indios Lenguas. — Anales Soc. Cientifica Argent. XCIII. Buenos Aires. 1922.

131. *Enrique Peña*: Etnografía del Chaco. — Bol. Inst. Geogr. Argent. XIX. Buenos Aires. 1898.

132. *Juan Comingues*: Obras escogidas. — Buenos Aires. 1892.

133. *Guido Boggiani*: Vocabulario dell' idioma Guaná. — Memoria della Classe di scienze morale etc. della Reale Academia dei Lincei. III. Roma. 1895.

134. ——— Linguistica Sulamericana. — Buenos Aires.

135. *Rudolph R. Schuller*: Discovery of a fragment of the printed copy of the work of the Milcayac language. — Papers of the Peabody Museum. III. Cambridge. 1904-1913.

136. *Robert Lehmann-Nitsche*: El grupo linguistico "het". — Rev. Mus. La Plata. XXVII. Buenos Aires. 1923.

137. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: Les affinités des dialectes Otuke. — Journ. Soc. Améric. X. Paris. 1913.

138. *Basilio de Magalhães*: Vocabulario da lingua dos Bororos-Coroados. — Rev. Inst. Geogr. LXXXIII. Rio. 1918.

139. *Richard J. Hunt*: El Choroti ó Yófuaha. — Rev. Mus. La Plata. XXIII. Liverpool. 1915.

140. *B. Tavera-Acosta*: Nuevos vocabularios de dialectos indígenas de Venezuela. — Journ. Soc. Améric. XIII. Paris. 1921.

141. *Max Schmidt*: Die Guató und ihr Gebiet. — Baessler Archiv. IV. Berlin. 1914.

142. *Rafael Karsten*: The Toba indians of the Bolivian Chaco. — Acta Academica Aboensis Humaniora. Abo. 1923.

143. *Erland Nordenskiöld*: Forskningar och aventyr i Sydamerika. — Stockholm. 1915.

144. *P. Rivet*: Nouvelle contribution à l'étude de la langue Itonama. — Journ. Soc. Améric. XIII. Paris. 1912.

145. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Kaničana. — Mémoires de la Soc. de Linguistique. XVIII. Paris. 1914.

146. *Hugo Kunike*: Die Phonetik der Karaiásprache. — Journ. Soc. Améric. XI. Paris. 1914-1919.

147. *Lisandro Alvarado*: Observaciones sobre el Caribe hablado en los Ilanos de Barcelona. — Caracas. 1919.

148. *Gustaf Bolinder*: Einiges über die Motilón-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XLIX. Berlin. 1917.

149. *Luiz R. Oramas*: Contribución al estudio de los dialectos Puinabe y Maquiritare. — Gaceta de los Museos Nacionales. I. Caracas. 1912/1913.

150. *Francisco Xavier Ribeiro de Sampayo*: Roteiro da viagem da cidade do Pará às ultimas colonias dos dominios portuguezes em os rios Amazonas e Negro. — Collecção de noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas. VI. Lisboa. 1856.

151. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Kaÿuvava. — International Journal of American Linguistics. I. New York. 1917.

152. *W. Barbrook Grubb*: An unknown people in an unknown land. — London. 1911.

153. *Richard J. Hunt*: El Vejos ó Aiyo. — Rev. Mus. La Plata. XXII. Buenos Aires. 1913.

154. *Aluizio Ferreira*: Porto Velho: Informações.

155. *E. Roquette-Pinto*: Rondonia. — Archivos do Mus. Nacional. XX. Rio. 1917.

156. *P. Rivet & C. Tastevin*: Affinités du Makú et du Puinave. — Journ. Soc. Améric. XII. Paris. 1920.

157. *P. Rivet*: Affinités du Sáliba et du Piaroa. — Journ. Soc. Améric. XII. Paris. 1920.

158. *Hermann von Ihering*: A ethnographia do Brazil Meridional. — Congr. Intern. American. Buenos Aires. 1912.

159. *Félix F. Outes*: Sobre las lenguas indígenas rioplatenses. — Rev. Univers. Buenos Aires. XXIV. Buenos Aires. 1913.

160. *Rudolpho R. Schuller*: The only known words of the Charrua language. — Intern. Congr. of American. Washington. 1917.

161. *P. Rivet*: La langue Tunebo. — Journ. Soc. Améric. XVI. Paris. 1924.

162. *Erland Nordenskiöld*: Indianer och hvita i nordöstra Bolivia. — Stockholm. 1915.

163. *P. Kock*: Ensayo de gramática Dagseje o Tukano. — Anthropos. XVI-XVII. Mödling. 1921-1922.

164. *Nicolau Bueno Horta Barbosa*: Exploração e levantamento dos rios Anary e Machadinho. — Comm. Linhas Telegr. Estrat. Rio. 1922.

165. *Wilhelm Kissenberth*: Beitrag zur Kenntnis der Tapirapé-Indianer. — Baessler-Archiv. VI. Berlin. 1922.

166. *Algot Lange*: The Lower Amazon. — New York. 1914.

167. *F. C. Mayntzhusen*: Die Sprache der Guayaki. — Zeitschrift für Eingeborenensprachen. X. Berlin. 1919-1920.

168. *C. Lévi-Strauss*: The Kawahib. MS.

169. *Erland Nordenskiöld*: Beiträge zur Kenntnis einiger Stämme des Madre de Dios-Gebietes. — Ymer. Stockholm. 1905.

170. *W. E. Hardenburg*: The Putumayo, the devil's paradise. — London. 1912.

171. *Konrad Theodor Preuß*: Religion und Mythologie der Uitoto. — Göttingen. 1921, 1927.

172. *Eugenio Robuchon*: En el Putumayo y sus afluentes. — Lima. 1907.

173. *Thomas Whiffen*: The North-West Amazons. — London. 1915.

174. *Fr. Mansueto Barcaratta de Val Floriano*: Diccionario Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang. — Rev. Mus. Paulista. XII. S. Paulo. 1920.

175. *J. Feliciano de Oliveira*: The Cherentes of Central Brasil. — Intern. Congr. of American. London. 1913.

176. *P. Antonio Maria Sala*: Ensaio de Grammatica Kayapó. — Rev. Mus. Paulista. XII. S. Paulo. 1920.

177. *Theodoro Sampaio*: Os Kraôs do Rio Preto no Estado da Bahia. — Rev. Inst. Geogr. LXXV. Rio. 1912.

178. *P. C. Teschauer*: Die Caingang oder Coroados-Indianer. — Anthropos. IX. Mödling. 1914.

179. *J. Bach*: Datos sobre los indios Terenas de Miranda. — Anales de la Soc. Cientifica Argent. LXXXII. Buenos Aires. 1916.

180. *Etienne Ignace*: Les Boruns. — Anthropos. IV. Mödling. 1909.

181. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Uitóto-Indianer. — Journ. Soc. Améric. VII. Paris. 1910.

182. *Luis R. Oramas*: Estudios linguisticos patronímicos Quiriquires. — De Re Indica. I. Caracas. 1918.

183. *Max Schmidt*: Die Paressi-Kabiší. — Baessler Archiv. IV. Berlin. 1914.

184. *Emilia Snethlage*: Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé. — Zeitschr. f. Ethn. XLII. Berlin. 1910.

185. *Joh. Bapt. von Spix & Carl Friedr. Phil. von Martius*: Reise in Brasilien. — München. 1831.

186. *Karl von den Steinen*: Diccionario Sipibo. — Berlin. 1904.

187. *Maximo Linhares*: Os indios do Territorio do Acre. — Jornal do Commercio. Rio. 12 de Janeiro de 1913.

188. *Manuel Pablo Villanueva*: Fronteras de Loreto. — Bol. Soc. Geogr. XII. Lima. 1902.

189. *Germán Stiglich*: La region peruana de los bosques. — Coleción de documentos oficiales referentes a Loreto. XV. Lima. 1903.

190. *Antonio Raimondi*: Description de la province littorale de Loreto. — Mateo Paz Soldan: Geografie du Pérou.

191. *Paul Ehrenreich*: Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens. — Zeitschr. f. Ethn. XXIX. Berlin. 1897.

192. *Coronel Labre's* explorations in the region between the Beni and Madre de Dios Rivers and the Purus. — Proceedings of the Royal Geogr. Soc. XI. London. 1889.

193. *W. Chandless*: Notes of a journey up the river Juruá. — Journ. of the Royal Geogr. Soc. XXXIX. London. 1869.

194. *P. Samuel Fritz*: Mapa Geographica del Rio Marañon (1691). — Rio Branco: Frontieres entre le Brésil et la Guyane Française. Atlas. Paris. 1900.

195. *Francisco Javier Weigel*: Mapa trazado en los cárceles de Lisboa. — Chantre y Herrera: Historia de las Misiones de la Compañia de Jesus. Madrid. 1901.

196. *Enrique Vagas Galindo*: Mapa Geográfico-Historico de la Republica del Ecuador. — Quito. 1906.

197. *Pedro Portillo*: Mapa del Departamiento de Loreto. — Bol. Soc. Geogr. XXIII. Lima. 1908.

198. *Paul Ehrenreich*: Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. — Veröff. aus dem Königl. Mus. f. Völkerkunde. II. Berlin, 1891.

199. *Theodòr Koch-Grünberg*: Beitrag zur Sprache der Ipuriná-Indianer. Journ. Soc. Améric. XI. Paris. 1914-1919.

200. *W. Chandless*: Notes on the River Aquiry. — Journ. Royal Geogr. Soc. XXXIX. London. 1869.

201. *Alfred Reich & Felix Stegelmann*: Bei den Indianern des Urubamba und des Envira. — Globus. LXXXIII. Braunschweig. 1903.

202. *Antonio Raimondi*: El Perú. — Lima. 1874-1879.

203. *P. C. Tastevin*: Le fleuve Juruá. — La Géographie. XXXIII. Paris. 1920.

204. *Jorge von Hassel*: Las tribus salvajes de la region amazónica del Peru. — Bol. Soc. Geogr. XVIII. Lima. 1905.

205. *João Alberto Maçó*: Os indios Cachararys. — Rev. Soc. Geografica. XXII-XIV. 1908. 1911.

206. *Luiz Sombra*: Os Cachinauás. — Jornal do Commercio. Rio. 11 de Fevereiro de 1913.

207. *Henry Walter Bates*: The naturalist on the river Amazons. — London. 1892.

208. *George Earl Church*: Notes on the visit of Dr. Bach to the Catuquinarú-Indians. — Geographical Journal. XII. London. 1898.

209. *Daniel G. Brinton*: On two unclassified recent vocabularies from South America. — Proceedings of the Americ. Philosoph. Soc. XXXVII. Philadelphia. 1898.

210. *Wm Lewis Herndon*: Exploration of the valley of the Amazonas. — Washington. 1854.

211. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Miránya. — Zeitschr. f. Ethn. XLII. Berlin. 1910.

212. *P. Petersen*: Die Paumarys nach g. Wallis' Nachlaβ. — Ausland. LXX. 1886.

213. *Olivier Ordinare*: Les Sauvages du Pérou. — Revue d'Ethnographie. VI. Paris. 1887.

214. *Francisco Rodrigues do Prado*: Historia dos Indios Cavalleiros (1795). — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1839.

215. *J. da C. Barboza*: Qual seria hoje o melhor systema de colonizar os índios. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1840.

216. *João Caetano da Silva*: Digressão que fez — — — em 1817 para descobrir .... a nova navegação entre a Capitania de Goyaz e a de S. Paulo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1840.

217. *Alexandre Rodrigues Ferreira*: Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.

218. *P. Antonio Vieira*: Copia de uma carta para El-Rei Nosso Senhor. 1670. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IV. Rio. 1842.

219. *José Joaquim Machado de Oliveira*: Noticia raciocinada sobre as aldeas de indios da Provincia de S. Paulo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VIII. Rio. 1867.

220. *Joseph Freire de Monterroyo Mascarenhas*: Os Orizes conquistados. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VIII. Rio. 1867.

221. *D. Fr. João de São José*: Viagem e vizita do sertão. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IX. Rio. 1869.

222. *Thomaz de Souza Villa Real*: Viagem de — — — — pelos Rios Tocantins, Araguaya e Vermelho. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IV. Rio. 1848.

223. *Martinho de Souza Albuquerque*: Roteiro chorographico da viagem que o illmo e exmo Snr — — — determinou fazer ao Rio das Amazonas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849.

224. *Joaquim Francisco Lopes*: Itinerario de — — — encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a Provincia de S. Paulo e a de Mato Grosso. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIII. Rio. 1872.

225. *Joaquim da Costa Siqueira*: Compendio historico chronologico das noticias de Cuyabá. 1778-1817. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIII. Rio. 1872.

226. *Francisco Alberto Rubim*: Notas, apontamentos e noticias para a historia da Provincia de Espiritu Santo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.

227. *J. J. Machado de Oliveira*: A Emigração dos Cayuaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.

228. *Angelo Tomaz de Amaral*: Falla, etc. 1851. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.

229. *João Ferreira de Oliveira Bueno*: Simples narração da viagem que fez ao Rio Paraná. — Rev. Inst. Hist. Geogr. I. Rio. 1856.

230. *Noticia* sobre os indios Tupinambás (1587). — Rev. Inst. Hist. Geogr. I. Rio. 1856.

231. *João Antonio Cabral Camello*: Noticias practicas das minas de Cuiabá e Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IV. Rio. 1842.

232. *José de Saldanha*: Diario resumido do reconhecimento dos campos de novo descobertos sobre a Serra Geral. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.

233. *P. João Daniel*: Thezouro descoberto. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.

234. *Francisco de Oliveira Barboza*: Noticias da Capitania de São Paulo. 1792. — Rev. Inst. Hist. Geogr. V. Rio. 1843.

235. *D. Antonio Rolim*: Relatorio da viagem que fez da cidade de São Paulo para a Villa de Cuyabá (1751). — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1847.

236. *Ricardo Franco de Almeida Serra*: Navegação do Rio Tapajoz. — (1779). — Rev. Inst. Hist. Geogr. IX. Rio. 1847.

237. *Ricardo José Gomes Jardim*: Creação da Directoria dos Indios na Provincia do Mato Grosso (1846). — Rev. Inst. Hist. Geogr. IX. Rio. 1847.

238. *Ignacio Accioly Serqueira e Silva*: Dissertação historica, ethnographica e politica, etc. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849.

239. *Francisco Adolpho Varnhagen*: Ethnographia indigena. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849.

240. *Crl Candido Mariano da Silva Rondon*: Relatorio apresentado a Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão Geral de Engenharia do Departamento de Guerra. — Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Mato Grosso ao Amazonas. Rio.

241. *Francisco Xavier Ribeiro de Sampayo*: Relação geographica historica do Rio Branco — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIII. Rio. 1850.

242. *Joaquim Norberto de Souza e Silva*: Memoria historica e documentada das aldeas de indios da Provincia de Rio de Janeiro. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XVIII. Rio. 1854.

243. *Memoria* da navegação do Rio Arinos. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.

244. *Fr. Rafael Taggia*: Mappa dos indios Cherentes e Chavantes .... e dos indios Charaós (1851). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.

245. *Luiz d'Alincourt*: Resumo das explorações feitas pelo engenheiro — — (1825). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.

246. *J. J. Machado de Oliveira*: Os Cayapós. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXIV. Rio. 1861.

247. *P. Christovam d'Acuña*: Novo descubrimento do grande Rio das Amazonas (1641). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVIII. Rio. 1865.

248. *João Vasco Manoel de Braum*: Descripção chorographica do Estado do Pará (1789). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVI. Rio. 1873.

249. *Noticia* de voluntaria reducção de paz e amizade da feroz nação do gentio Mura (1784-1786). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVI. Rio. 1873.

250. *Commissão de Engenheiros*: Itinerario da viagem feita da cidade de Rio de Janeiro ao Coxim (1865). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVII. Rio. 1874.

251. *Antonio Manoel Gonçalves Tocantins*: Estudos sobre a tribu Mundurucú (1875). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XL. Rio. 1877.

252. *Cezar Augusto Marques*: Memoria historica da administração provincial do Maranhão pelo Bacharel Franklin A. M. Doria. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLI. Rio. 1876.

253. *Barão de Melgaço*: Apontamentos para o diccionario chorographico da Provincia de Mato Grosso — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLVIII. Rio. 1884.

254. *Alberto Noronha Torrezão*: Vocabulario Purí. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LII. Rio. 1889.

255. *Jean de Leri*: Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil (1555). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1893.

256. *Hans Staden*: Relação veridica e sucinta dos usos e custumes dos Tupinambás (1554). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1893.

257. *Pedro Fernandes*: Commentarios de Alvaro Nunes Cabeça de Vacca. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LVI. Rio. 1893.

258. *Cap. Miguel Aires Maldonado & Cap. José de Castilho Pinto*: Descripção que fez — — — — — — dos trabalhos e fatigas que tiveram nas conquistas das Capitanias do Rio de Janeiro e S. Vicente. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LVI. Rio. 1893.

259. *Eduard Poeppig*: Reise in Chile, Perú und auf dem Amazonenstrome. — Leipzig. 1836.

260. *Gedeon Morris de Jonge*: Relatorios e cartas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LVIII. Rio. 1895.

261. *Roteiro* do Maranhão a Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXII. Rio. 1900.

262. *Claro Monteiro do Amaral*: Memoria sobre usos e custumes de indios Guaranys, Caiuás e Botocudos (1900). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXIII. Rio. 1901.

263. *Fragmentos* da viagem das Amazonas e Rio Negro. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVIII. Rio. 1906.

264. *P. Desgenettes*: Os indios Cayapós (1882). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVII. Rio. 1906.

265. *Fernand Denis*: Une Fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550. Paris.

266. *Paul Ehrenreich*: Über eine Reise vom Paraguay zum Amazonas. — Verhandl. der Gesellsch. f. Erdkunde. XVI. Berlin. 1889.

267. —— Beiträge zur Geographie Zentral-Brasiliens. — Zeitschr. der Gesellsch. f. Erdkunde. XXVII. Berlin. 1892.

268. *Dr Kupfer*: Die Kayapó-Indianer in der Provinz Matto Grosso. — Zeitschr. d. Gesellsch. f. Erdkunde. V. Berlin. 1870.

269. *Alcide d'Orbigny*: L'homme américain. — Paris. 1836-1839.

270. *Manoel Aires Cazal*: Corographia Brasilica (1816). — Rio. 1833.

271. *Lourenço da Silva Araujo Amazonas*: Diccionario topographico etc. da Comarca do Alto Amazonas. — Recife. 1852.

272. *J. C. R. Milliet Saint-Adolphe*: Diccionario geographico, etc. do Imperio do Brazil. — Paris. 1845.

273. *J. B. Debret*: Voyage pittoresque et historique au Brésil (1816-1831). — Paris. 1834.

274. *Antoine Biet*: Voyage de la France Équinoxiale en l'Isle de Cayenne (1652). — Paris. 1654.

275. *Ulrich Schmidel's* Reise nach Südamerika in den Jahren 1534-1554. — Tübingen. 1889.

276. *Antonio Ladislau Monteiro Baena*: Ensaio corographico sobre a Provincia do Pará. — Pará. 1839.

277. *Hermann Meyer*: Carta de 16 de Junho de 1898. — Zeitschr. f. Ethnologie. XXX. Berlin. 1898.

278. *Wilhelm Kissenberth*: Über die hauptsächlichsten Ergebnisse der Araguaya-Reise. — Zeitschr. f. Ethn. XXX. Berlin. 1898.

279. *A. J. de Mello Moraes*: Historia dos Jesuitas e suas missões na America do Sul. — Rio. 1872.

280. *José Affonso de Moraes Torres*: Itinerario das visitas. — Pará. 1852.

281. *Joseph Gumilla*: El Orinoco illustrado. — Madrid. 1741.

282. *Candido Mendes de Almeida*: Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão. — Rio. 1874.

283. *H. Klettke*: Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preußen nach Brasilien (1843). — Berlin. 1857.

284. *Robert Southey*: Historia do Brazil. — Rio. 1874.

285. *Francisco Bernardino de Souza*: Commissão do Madeira. — Rio. 1874.

286. *João Barbosa Rodrigues*: Rio Yauapery: Pacificação dos Crichanás. — Rio. 1885.

287. *Mauricio de Heriarte*: Descripçam do Estado do Maranhão, etc. (1662). — Wien. 1864.

288. *Indianeraufstand*. — Globus. XI. Braunschweig. 1867.

289. *Friedrich Katzer*: Zur Ethnographie des Tapajos. — Globus. LXXIX. Braunschweig. 1909.

290. *Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam*: Novo Orbe Serafico Brasilico. — Lisboa. 1761.

291. *Simão de Vasconcellos*: Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil. — Rio. 1864.

292. *Bernardo Pereira Berredo*: Annaes historicos. — Historiadores da Amazonia. I. Florença. 1905.

293. *André Thevet*: Les Singularitez de la France antarctique (1554). — Paris. 1878.

294. *Bibliotheca Nacional*: Notas extrahidas por R. Schuller. — Museu Paraense. Pará.

295. *Bernardo de Souza Franco*: Relatorio, etc. — Pará. 1842.

296. *Domingos José da Cunha Júnior*: Relatorio, etc. Pará. 1873.

297. *Auguste Saint-Hilaire*: Voyage aux sources du Rio S. Francisco (1819). — Paris. 1848.

298. *Julio C. Salas*: Los Indios Caribes. — Barcelona. 1921.

299. *Conferencia de limites interestadoaes*: Limites entre os Estados de Mato Grosso e Goyaz. — 6. Congr. Brasileiro de Geographia. Rio. 1919.

300. *Pedro M. Arcaya*: Lenguas Indígenas que se hablaran en Venezuela. — De Re Indica. Caracas. 1918.

301. *Estevam de Mendonça*: Datas Mattogrossenses. — Nictheroy. 1919.

302. *Penetração das Terras Bahianas*: Annaes do Archivo Publico e do Museu do Estado da Bahia. Vol. IV-V. Bahia. 1913.

303. *C. Lévi-Strauss*: Contribution à l'étude de l'organisation sociale des indiens Bororo. — Journ. Soc. Améric. XXVIII. Paris. 1936.

304. *H. Meerwarth*: Eine zoologische Forschungsreise nach dem Rio Acará. — Globus. LXXXVI. Braunschweig. 1904.

305. *João Wilkens de Mattos*: Relatorio, etc. Manaus. 1870.

306. *José Miranda da Silva Reis*: Relatorio, etc. — Manaus. 1871.

307. ——— Relatorio, etc. — Manaus. 1872.

308. *Domingos Monteiro Peixoto*: Falla, etc. — Manaus. 1873.

309. ——— Falla, etc. — Manaus. 1874.

310. ——— Relatório, etc. — Manaus. 1875.

311. *Domingos Jacy Monteiro*: Relatorio, etc. — Manaus. 1878.

312. *D. Francisco de Souza Coutinho*: Informação sobre o modo porque presentemente (1797) se effectua a navegação do Pará ao Mato Grosso. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1840.

313. *Relação abreviada* da Republica que os religiosos Jesuitas das Provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos das duas monarchias. — Rev. Inst. Hist. Geogr. V. Rio. 1843.

314. *Antonio Ladislau Monteiro Baena*: Observação ou notas illustrativas dos tres primeiros capitulos da parte segunda do Thezouro Descoberto no Rio Amazonas. Rev. Inst. Hist. Geogr. V. Rio. 1843.

315. *Edward D. Mathews*: Up the Amazon and the Madeira Rivers (1874). — London. 1879.

316. *Francisco José de Lacerda e Almeida*: Diario da viagem de — — — — (1780-1790). — São Paulo. 1841.

317. *P. José Monteiro de Noronha*: Roteiro da viagem do Pará até as ultimas colonias do sertão (1768). — Pará. 1862.

318. *Descripção Geografica* da Capitania do Mato Grosso (1797). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.

319. *Diario do Madeira* (1781). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.

320. *P. Laureano de La Cruz*: Nuevo descubrimiento del Rio de Marañon. — Fr Marcellino da Civezza: Saggio do Bibliografia Sanfrancescana. 1879.

321. *Carlos Frederico Hartt*: Contribuições para a Ethnologia do Valle do Amazonas. — Archivos do Mus. Nacional. VI. Rio. 1879.

322. *Octavio Felix Ferreira da Silva*: Exploração e levantamento do Rio Jamary. — Comm. Linhas Telefr. Estrateg. Rio. 1920.

323. *Domingos de Loreto Couto*: Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco (1757).

324. *Henri Coudreau*: Chez nos indiens. — Paris. 1895.

325. *Cartas Regias*. 1686-1729. — Annaes da Bibliotheca do Pará. I-IV. Pará. 1902.

326. *Manoel Baena*: Informações sobre as comarcas da Provincia do Pará. 1855.

327. ——— Ensaio corographico sobre o Pará. — Pará. 1839.

328. *Domingos Soares Ferreira Penna*: Apontamentos sobre os ceramios do Pará. — Arch. Mus. Nacional. II. Rio. 1877.

329. *Conde de la Viñaza*: Bibliografía Española de lenguas indígenas de América. — Madrid. 1892.

330. *P. Antonio Vieira*: Cartas do — — —. — Lisboa.

331. *Barão de Guajará*: Historia Colonial do Pará. — Rev. Soc. Estudos Paraenses. II. Belém. 1896.

332. *Domingos Soares Ferreira Penna*: A Ilha de Marajó. — Rev. Soc. Estudos Paraenses. II. Belém. 1896.

333. *Robert Harcourt*: Relation of a voyage to Guiana. — London. 1603.

334. *Juan Lopes de Velasco*: Geografía y descripcion universal de las Indias. 1571-1574. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. II. Berne. 1899.

335. *Jesse des Forest*: Description de la coste d'West de la Riviere des Amazones. 1625. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 3. Mémoire. II. Berne. 1899.

336. *Sebastião de Lucena Azevedo*: Carta 1. I. 1647. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. II. Berne. 1899.

337. *João da Maia Gama*: Carta. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. III. Berne. 1899.

338. *Instrucções* ao Commandante da expedição ao Oyapock. 1727. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. III. Berne. 1899.

339. *Notes pour un routier* de la rivière Japoco à l'île de Joannes (1740). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. III. Berne. 1899.

340. *P. Fauque*: Lettre 15. I. 1729. 5. IX. 1736. — Lettres édifiantes et curieuses. Paris. 1838. II.

341. *João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha*: Relatorio, etc. (1852). — Manaus. 1874.

342. *Herculano Ferreira Penna*: Falla, etc. — Manaus. 1853.

343. *Luiz Ramirez*: Carta. 10. VII. 1528. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XV. Rio. 1852.

344. *Fr. P. Fabo*: Idiomas y etnografía de la region oriental de Colombia. — Barcelona. 1911.

345. *João Wilkens de Mattos*: Roteiro da primeira viagem do vapor "Monarcha". — Rio Negro. 1855.

346. *Manoel Gomes Correa de Miranda*: Exposição, etc. — Manaus. 1856.

347. *João Pedro Dias Vieira*: Relatorio, etc. — Barra do Rio Negro. 1856.

348. *Jeronymo Francisco Coelho*: Falla, etc. — Pará. 1849.

349. *Francisco José Furtado*: Relatorio, etc. — Manaus. 1858.

350. *Manoel Clementino Carneiro da Cunha*: Relatorio, etc. Informação sobre a viagem de Manoel Urbano ao Purus. 1862. Pará. 1862.

351. —— Relatorio, etc. — Manaus. 1863.

352. *Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda*: Relatorio, etc. — Pernambuco. 1864.

353. —— Relatorio, etc. Recife. 1865.

354. *Antonio Epaminondas de Mello*: Relatorio, etc. Recife. 1866.

355. *Gustavo Ramos Ferreira*: Relatorio, etc. — Manaus. 1867.

356. *José Coelho da Gama Abreu*: Exposição, etc. — Manaus. 1868.

357. *Jacinto Ferreira do Rego*: Relatorio, etc. — Manaus. 1868.

358. *João Wilkens de Mattos*: Relatorio, etc. — Manaus. 1870.

359. *José Vieira Couto de Magalhães*: O Selvagem. — Rio. 1876.

360. *José da Silva Guimarães*: Memoria sobre os custumes e linguagem dos Appiacas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VI. Rio. 1844.

361. *Miguel João de Castro & Antonio Thomé de França*: Diario de viagem pelo rio Arinos (1812). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXI. Rio. 1868.

362. *Carlota Carvalho*: O Sertão. — Rio. 1924.

363. *João da Palma Muniz*: Município de Ourem. — Belém. 1925.

364. *José Martins Pereira de Alencastre*: Memoria chronologica etc. da Provincia do Piauhy. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.

365. *Cezar Augusto Marques*: Apontamentos para o Diccionario Historico etc. do Maranhão. — Maranhão. 1864.

366. *Johann Emanuel Pohl*: Reise im Innern von Brasilien. — Wien. 1837.

367. *Francisco Sotero dos Reis*: Biographia de Brazileiros illustres: Eduardo Olympio Machado. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.

368. *Luigi Buscalioni*: Una escursione botanica nell'Amazonia. — Boll. Soc. Geogr. Italiana. Serie IV. vol. 2.

369. *Francisco de Paula Ribeiro*: Memoria sobre as nações gentias. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.

370. —— Roteiro de viagem (1815). — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.

371. —— Descripção do territorio de Pastos bons. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1874.

372. *Rufino Theotonio Segurado*: Viagem de Goyaz ao Pará. — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.

373. *Luiz Antonio da Silva e Souza*: Memoria sobre o descubrimento etc. da Capitania de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849. — XIII. Rio. 1874.

374. *Antonio Bernardino Pereira do Lago*: Itinerario da Provincia do Maranhão (1820). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXV. Rio. 1872.

375. *J. M. Pereira de Alencastre*: Annaes da Provincia do Piauhy. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVIII. Rio. 1864-1865.

376. *Vicente Ferreira Gomes*: Itinerario da cidade de Palmas em Goyaz á cidade de Belém no Pará (1859). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXV. Rio. 1862.

377. *Raymundo da Cunha Mattos*: Chorographia historica da Provincia de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVII. Rio. 1874.

378. *Urbino Vianna*: Akuen ou Xerente. (1924). — Rev. Inst. Hist. Geogr. CI. vol. 155. Rio. 1928.

379. *Antonio Bezerra*: Algumas origens do Ceará. — Rev. Inst. do Ceará. XVI. Fortaleza. 1902.

380. *Barão de Studart:* Datas e Factos para a historia do Ceará. — Rev. Academica Cearense. XV. Ceará. 1910. — XVII. Ceará. 1912.

381. *Descripção de Pernambuco em 1746.* — Rev. Inst. Archeol. Geogr. de Pernambuco. XI. Recife. 1904.

382. *Alfred Métraux:* Myths and Tales of the Matako Indians. — Etnologiska Studier. 9. Göteborg. 1939.

383. *P. José de Moraes:* Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará (1759). — Rio. 1860.

384. *Francisco Borges de Barros:* Diccionario geographico e historico da Bahia. — Bahia. 1923.

385. *J. Catunda:* Estudos de Historia do Ceará. — Ceará. 1866.

386. *F. A. Pereira da Costa:* Chronologia historica do Estado do Piauhy. — Pernambuco. 1909.

387. *Guilherme Studart:* Notas para a historia do Ceará. — Lisboa. 1892.

388. ——— Datas e Factos para a historia do Ceará. — Fortaleza. 1896.

389. *P. Théberge:* Esboço historico sobre a Provincia do Ceará. — Fortaleza. 1869.

390. *Candido Mendes de Almeida:* A Carolina.

391. ——— O Turyassú. — Rio. 1851.

392. *Antonio Rodrigues de Almeida Pinto:* O Bispado do Pará. — Annaes da Bibliotheca do Pará. V. Pará. 1906.

393. *P. João da Cunha:* Petição. — Annaes da Bibliotheca do Pará. — V. Pará. 1906.

394. *Cartas Regias e Alvarás.* — Annaes da Bibliotheca do Pará. — VI. 1907.

395. ——— Annaes da Bibliotheca do Pará. — VIII. Pará. 1913.

396. *João Antonio Rodrigues Carvalho:* Projecto de uma estrada da cidade de Desterro às Missões do Uruguay. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1866.

397. *José Pinto da Fonseca:* Carta de 2 de Agosto de 1775. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VIII. Rio. 1846.

398. *Antonio Ladislau Monteiro Baena:* Resposta .... sobre a communicação entre a Provincia do Pará e a de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.

399. *Vicente Ayres da Silva:* Itinerario .... pelo Rio do Somno acima. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIV. Rio. 1879.

400. *Antonio Pires de Campos:* Breve noticia que dá — — — do gentio barbaro que ha na derrota da viagem das minas do Cuyabá (1723). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXV. Rio. 1862.

401. *Alfredo d'Escragnolle-Taunay:* Viagem de regresso do Matto Grosso á Corte (1867). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXII. Rio. 1871.

402. *Luiz Barba Menezes:* Memoria sobre a Capitania do Ceará. (1814). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXIV. Rio. 1871.

403. *Fr. Francisco de N. S. dos Prazeres:* Poranduba Maranhense. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LIV. Rio. 1831.

404. *Francisco Raymundo Ewerton Quadros:* Memoria sobre os trabalhos de observação exploração effectuada pela Segunda Secção da Commissão militar encarregada da Linha Telegraphica de Uberaba a Cuyabá (1889). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1892.

405. *W. Smith and F. Lowe:* Narrative of a journey from Lima to Pará. — London. 1836.

406. *José Domingues:* O Alto Tury. — Inst. Historia e Geographia. Maranhão. 1926.

407. *Benedicto de Barros Vasconcellos:* O Parnahyba no Maranhão. — São Luiz. 1926.

408. *Fr. Vital de Frescarolo:* Informação sobre os indios barbaros dos Sertões de Pernambuco (1802). — Rev. Trim. Inst. Ceará. XXVIII. Fortaleza. 1913.

409. *Antonio Luiz Tavares Lisboa:* Roteiro da viagem que descendo o Tocantins mandou fazer o illmo Governador da Capitania de Goyaz, José de Almeida Vasconcellos (1774). — Cartas de Vilhena. II. Bahia.

410. *Jornada do Maranhão* (1614). — Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas. I. Lisboa. 1812.

411. *Exploração do Rio Grande e de seus affluentes.* — Comm. Geogr. Geol. do Est. de São Paulo (1910). S. Paulo. 1913.

412. *Mathias Beck:* Diario da expedição de — — ao Ceará (1649). — Rev. Trim. Inst. Ceará. XVII. Fortaleza. 1903.

413. *Elias Herckmann:* Costumes dos Tapuyas, 1939. — Recife. — Th. Pompeu Sobrinho: Os Tapuyas do Nordeste. — Rev. Trim. Ceará. XLVIII. Fortaleza. 1934.

414. *O Imperio do Brazil* na Exposição Universal de 1876 em Philadelphia. — Rio. 1875.

415. *Frederico Rondon:* Pelo Brazil Central. — Bibliotheca Pedagogica Brazileira. Brasiliana. XXX. S. Paulo. 1934.

416. *Pierre Moreau:* Histoire des derniers troubles du Bresil. — Paris. 1651.

417. *Estêvão Pinto:* Os Indigenas do Nordeste. — Brasiliana. XLIV. S. Paulo. 1935.

418. *Pedro de Moura:* Fisiographia e Geologia da Guiana Brazileira. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 65. Rio. 1934.

419. ——— Reconhecimentos geologicos no valle do Tapajoz. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 31. Rio. 1928.

420. *Avellino Ignacio de Oliveira:* Reconhecimento geologico no Rio Xingú. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 31. Rio. 1928.

421. ——— Atravez da Guiana Brazileira pelo Rio Erepecurú. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 31. Rio. 1929.

422. *Jacob Rabbi*: De Tapuyarum moribus et consuetudinibus. — W. Piso & G. Marcgrav: Historia Naturalis Brasiliae. Leyden-Amsterdam. 1648.

423. *Antonio Carlos Simões da Silva*: Um enorme machado Crescente dos indios do Brazil. — Intern. Congr. of Amercan. New York. 1930.

424. *A. J. Sampaio & A Magalhães Correa*: Nota sobre habitat rural no Brazil. — Congr. Intern. de American. La Plata. 1934.

425. *Étienne Ignace*: Les Capiecrans. — Anthropos. Mödling. 1910.

426. *Paul Ehrenreich*: Anthropologische Studien über die Uibewohner Brasiliens. — Braunschweig. 1897.

427. *João Henrique Elliot*: A emigração dos Cayuaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1896.

428. *João Barboza Rodrigues*: Exploração dos Rios Urubú e Yatapú.

429. *Nicolas del Techo*: Historia de la Provincia del Paraguay (1649-1680). — Madrid. 1897.

430. *William Curtis Farabee*: The Central Arawaks. — University of Pennsylvania. Anthropological Publications. IX. Philadelphia. 1918.

431. *Paul Ehrenreich*: Über einige ältere Bildnisse südamerikanischer Indianer. — Globus. LXIV. Braunschweig. 1894.

432. *Pedro Teixeira*: Viaje del capitan — — aguas arriba del Rio de las Amazonas (1638-1639). — Publicado por Márcos Jimenez de la Espada. Madrid. 1889.

433. *Henri Coudreau*: Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparai, Oyampi et Emérillon. — Bibliothèque Linguistique Américaine. XV. Paris. 1892.

434. *Lucien Adam*: Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparé des dialectes de la Famille Kiriri. — Paris. 1897.

435. *P. Luiz Vicente Mamiani*: Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Nação Kiriri. — Rio. 1878.

436. *Candido Mendes de Almeida*: Notas para a historia patria. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLI. Rio. 1878.

437. *Luiz Guilherme Dodt*: Descripção dos Rios Parnahyba e Gurupy (1872). — Maranhão. 1873.

438. *Sebastião de Vasconcellos Galvão*: Diccionario chorographico etc. de Pernambuco. — Rio. 1908.

439. *João Pedro Gay*: Historia da Republica Jesuitica do Paraguay. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVI. Rio. 1863.

440. *Henri Coudreau*: La France Équinoxiale. — Paris. 1887.

441. *Alexandre de Humboldt*: Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799-1804. Relation Historique. — Paris. 1825.

442. *Guido Boggiani*: Guaicurú. — Memoria della Società Geografica Italiana. VIII. Roma. 1898.

443. *Samuel A. Lafone Quevedo*: Mbayá.

444. ——— Idioma Abipon. — Buenos Aires. 1897.

445. *Karl von den Steinen*: Die Bakairí-Sprache. — Leipzig. 1892.

446. *Alfred Russel Wallace*: A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro. — London. 1853.

447. *A Jomard*: Notes sur les Botocudos. — Bull. Soc. de Géogr. Paris. 1846.

448. *Felippe Salvadore Gilij*: Saggio di storia americana. — Roma. 1780.

449. *Pedro Marban*: Arte de la lengua Moxa. — Lima. 1701.

450. *Eduardo Artur Socrates*: Vocabulario da tribu Caiapó. — Vocabulario da tribu Cherente. — Vocabulario da tribu Carajá. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1892.

451. *Algot Lange*: In the Amazon Jungle.

452. *João Severiano da Fonseca*: Viagem ao redor do Brazil. (1875-1878). — Rio. 1881.

453. *Domingos Soares Ferreira Penna*: Algumas palavras da lingua dos Aruans. — Arch. Mus. Nacional. IV. Rio. 1879.

454. *Richard Schomburgk*: Reisen in Britisch Guyana. (1840-1844). — Leipzig. 1848.

455. *Robert Schomburgk*: v. Martius: Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde. II.

456. *Theodor Koch-Grünberg*: Zwei Jahre unter den Indianern. — (1903-1905). — Berlin. 1910.

457. *Candido Mariano da Silva Rondon*: Ethnographia. — Comm. Linhas Telegr. Estrat. Annexo 5. Rio.

458. *Jules Crevaux*: Vocabulaires. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.

459. *P. Sagot*: Vocabulaire Français-Arrouague-Galibi. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.

460. *Arawakisch-Deutsches Wörterbuch*. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.

461. *Samuel A. Lafone Quevedo*: El "Lengua" de Ceiviño. — Itern. Amerikan.-Kongress. Wien-Leipzig. 1910.

462. *Olga Coudreau*: Voyage au Mapuera. (1901). — Paris. 1903.

463. *José Vieira Couto de Magalhães*: Viagem ao Araguaya. — São Paulo. 1912.

464. *Luis Oramas*: Contribucion al estudio de la lengua Yarura. — Anales de la Universidad Central de Venezuela. Caracas. 1909.

465. *J. Chaffanjon*: L'Orenoque et le Caura. — Paris. 1889.

466. *B. Tavera-Acosta*: En el Sur. — Ciudad Bolívar. 1907. — Caracas. 1909.

467. *Ermano Stradelli*: Pequenos vocabularios — Grupo de lingua Tocana. — 3.ª Reunião do Congresso Scientifico Latino-Americano. VI. Rio. 1910.

468. *Georg Hübner*: Die Yauapery. — Zeitschr. f. Ethn. XXXIX. Berlin. 1907.

469. *Lucien Adam*: Langue Oyampi. — Congr. Intern. des Américan. Paris. 1892.

470. *Samuel A. Lafone Quevedo*: La lengua Takana. — Congr. Intern. des Américan. Paris. 1904.

471. *Affonso Monteiro*: Belmonte e sua história. — Bahia. 1918.

47[illegible] *[illegible]mon Lista*: El Te[illegible]itorio de las Misiones. — Buenos Aires. 1[illegible]3.

47[illegible] *[illegible]mingos Patiño*: Diario de una viaje al Paraná. — "La Reforma" Asuncion. 1881.

474. *Hermann von Ihering*: A anthropologia do Estado de São Paulo. — Rev. Mus. Paulista. VI. São Paulo. 1904.

475. *Telemaco M. Borba*: Observações sobre os indigenas do Estado do Paraná. — Rev. Mus. Paulista. VI. S. Paulo. 1904.

476. *Vojtěch Frič* & *Paul Radin*: Contributions to the study of the Bororo-Indians. — Journ. Anthropol Institute of Great Britain and Ireland. XXXVI. London. 1906.

477. *Max Schmidt*: em Koch-Grünberg: Die Apiaká-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XXXIV. Berlin. 1902.

478. *Livio Cezar*: Os indios Cachuênans (Cachuina). — Obidos. 1920. MS.

479. *José Carvalho*: Os indios do Trombetas e Nhamundá. — Almanaque Brazileiro Garnier. XI. Rio. 1914.

480. *W. H. Brett*: The Indian Tribes of Guiana. — London. 1868.

481. *Olga Coudreau*: Voyage au Cuminã (1900). — Paris. 1901.

482. *Antonio Pyrineus de Souza*: Notas sobre os custumes dos indios Nhambiquaras. — A Informação Goyana. III. Rio. 1919.

483. *Olga Coudreau*: Voyage au Curuá (1900-1901). — Paris. 1903.

484. *Emilia Snethlage*: Apalai-Wörter gesammelt im Dezember 1[illegible]12 in Santo Antonio da Cachoeira am Ja[illegible]. MS.

485. *Karl Ferdinand Appun*: Unter den Tropen. — Ausland. Jena. 1869.

486. *Charles Barrington Brown*: Canoe and Camp Life. — London. 1877.

487. *[illegible]verard F. Im Thurn*: Among the Indians of Guiana. — London. 1883.

48[illegible] *Grupe y Thode*: Über den Rio Branco und die anwohnen[illegible]n Indianer. — Globus. LVIII. Braunschweig.

4[illegible] *[illegible]eodor Koch-Grünberg*: Die Völkergruppierung zwischen Rio Branco, Orinoco, Rio Negro und Yapurá. — Festschrift Eduard Seler.

490. *Jaques Ouriques*: O Valle do Rio Branco. — Manaus. 1906.

491. *Richard Spruce*: Notes of a botanist on the Amazon and Andes (1855). — London. 1908.

492. *Eugène André*: A naturalist in the Guianas. — London. 1904.

493. *Robert Schomburgk*: Guinau-Vocabulary. Contributions to the Philosophical Ethnography of South America. — Proceedings of the Philological Society. III. London. 1848.

494. *A. Ernst*: Upper Orinoco vocabularies. — American Anthropologist. VIII. 1895.

495. *C. H. de Goeje*: Bij primitieve volken. — Den Haag. 1937/39.

496. *Theodor Koch-Grünberg*: Aruak-Sprachen. — Mitt. der Anthrop. Ges. XLI, Wien. 1911.

497. *Martín Matos Arvelos*: Algo sobre Etnografía del Territorio Amazonas. — Ciudad Bolívar. 1908.

498. *M. F. Montolieu*: Vocabulaire de la langue Baré. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.

499. *Melgarejo*: em Resumen de las Actas de la Academia Venezuelana. Caracas. 1886. — Em R. de la Grasserie: Essai d'une grammaire etc. de la langue Baniwa. — Compte-Rendu Congr. Intern. Américan. Paris. 1892.

500. *Joaquim Firmino Xavier*: Relatorio (1859). Bento de Figueredo Tenreiro Aranha: Archivo do Amazonas. Manaus. I. 1907.

501. *Theodor Koch-Grünberg*: Betoya-Sprachen. — Anthropos. VIII. Mödling.

502. *Pfaff*: Verhandl. der Berliner Ges f. Anthropologie, Ethn. und Urgeschichte. Berlin. 1890.

503. *Francisco Requena*: Tratado sobre limites etc. en el Rio Putumayo. — Bogotá. 1908.

504. *K. Th. Preuß*: Bericht über meine archäologischen und ethnologischen Forschungsreisen in Kolumbien. — Zeitschr. f. Ethn. LII. Berlin. 1920/21.

505. *Joaquim Rocha*: Memorandum de viaje (Regiones Amazonicas). — Bogotá. 1905.

506. *P. Rivet* & *C. Tastevin*: Affinités du Makú et du Puinave. — Journ. Soc. Américan. XII. Paris. 1920.

507. *Mapa de los rios Amazonas*, Esequivo ó Dulce y Orinoco (vers 1560). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. Atlas. Paris.

508. *L. C. Buache* & *de Prefontaine*: Carte Géographique de Lisle de Cayenne et de ses Environs (1767). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. Atlas. Paris.

509. *Samuel A. Lafone Quevedo*: Los Indios Chanases. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVIII. Buenos Aires. 1897.

510. *Candido Mariano da Silva Rondon*: Lectures delivered by — — — — at the Phenix Theatre of Rio de Janeiro (1913) translated by R. G. Reidy and E. Murray. — Rio. 1916.

511. *Samuel Kirkland Lothrop*: Indians of the Paraná Delta. — Annals of the New York Academy of Sciences. XXXIII. New York. 1932.

512. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Hianákoto-Umaua. — Anthropos. III. Mödling. 1908.

513. *André Fernandes de Souza*: Noticias geographicas da Capitania do Rio Negro. — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.

514. *José Augusto Caldas*: Apontamentos para a organisação da Grammatica Bororo. — Arch. Mus. Nacional. XII. Rio. 1903.

515. *José Antonio Caldas*: Noticia geral de toda esta Capitania da Bahia (1759). — Rev. Inst. Geogr. Hist. Bahia. 1931.

516. *Marcus Porte*: Vocabulario dos Botocudos. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio.

517. *Victor Renault*: Deux vocabulaires de la langue des Botocudos. Em Francis de Castelnau: Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud. Histoire du voyage. V. Paris. 1851.

518. *Robert Lehmann-Nitsche*: Vocabulario Chorote. — Rev. Mus. La Plata. XVII. Buenos Aires. 1910.

519. *Pelleschi*: Los indios Matacos y su lengua. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVII-XVIII. Buenos Aires. 1896.

520. *Remedi*: Los indios Matacos y su lengua. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVII. Buenos Aires. 1896.

521. *Massei*: Lenguas Argentinas. Grupo Mataco-Mataguayo, dialecto Nocten. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVI. Buenos Aires. 1896.

522. *João Barboza Rodrigues*: Tribus dos Tembés, Ticunas, Uassahy, Aruaqui e Pariquis. — Em Mello Moraes Filho: Rev. Exposição Anthropologica Brazileira. — Rio. 1882.

523. —— A necropole de Miracanguera. — Vellosia. Contribuições do Museu Botanico do Amazonas. II. Rio. 1892.

524. *Friedrich Katzer*: Zur Ethnographie des Tapajoz. — Globus. LXXIX. Braunschweig. 1901.

525. *W. Chandless*: Notes on the Rivers Arinos, Juruena and Tapajoz.

526. *João Barboza Rodrigues*: Rio Tapajoz. — Rio. 1875.

527. *Henrique Magnani*: Croquis da zona do Aripuanã e Canumã. 1929. MS.

528. *P. João Felippe Betendorff*: Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXII. Rio. 1910.

529. *João Barboza Rodrigues*: A emancipação dos Mauhés. — Mello Moraes Filho: Rev. Expos. Anthrop. Brazileira. Rio. 1882.

530. *Antonio Pyrineus de Souza*: Exploração do Rio Paranatinga 1915-1916. — Comm. Linhas Telegr. Estrat. Publicação 34. Rio. 1916.

531. *Henry Lister Maw*: Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic. — London. 1829.

532. *P. Rivet*: Affinités du Tikuna. — Journ. Soc. Américan. IX. Paris. 1912.

533. *James Orton*: The Andes and the Amazons. — New York. 1875.

534. *Jorge Hurly*: Viagem á aldea dos Tembés. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Belém. 1920.

535. *Oscar Leal*: O Amazonas. — Lisboa. 1894.

536. —— Viagem a um pais de selvagens. — Lisboa. 1895.

537. *G. de Créqui-Montfort* & *P. Rivet*: La famille linguistique Capakura. — Journ. Soc. Américan. X. Paris. 1913.

538. *J. D. Hasemann*: Some notes on the Pawumwa Indians. — American Anthropologist. XIV. 1912.

539. *Lorenzo Hervás*: Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas. I. Lenguas y naciones americanas. — Madrid. 1800.

540. *Descripcion* de las Misiones del Alto Perú 1771.

541. *E. Teza*: Saggi inediti de lingue americane. — Annali delle Universita Toscane. X. Pisa. 1868.

542. *Anibal Freire* — Belém: Informações.

543. *Heinrich Snethlage*: Informações.

544. *Mario Mello*: Os Carnijós de Aguas Bellas. — Rev. Inst. Archeol. Hist. Geogr. XXIX. Pernambuco. 1930.

545. *Alexander Francis Chamberlain*: Nomenclature and distribution of the principal tribes and sub-tribes of the Arawakan Linguistic Stock. — Journ. Soc. Américan. X. Paris. 1913.

546. *Reinaldo Ottoni Porto*: Notas historicas do Municipio de Theophilo Ottoni. II. — Theophilo Ottoni. 1931.

547. *Daniel Brinton*: Studies in South American Languages. — Philadelphia. 1892.

548. *Fausto Augusto de Aguiar*: Relatorio, etc. Pará. 1851.

549. *José Joaquim da Cunha*: Falla, etc. — Pará. — 1852.

550. —— Falla, etc. — Pará. 1853.

551. *Sebastião do Rego Barros*: Falla, etc. — Pará. 1854.

552. —— Falla, etc. — Pará. 1855.

553. *Manoel de Frias Vasconcellos*: Falla, etc. — Pará. 1859.

554. *Francisco Carlos de Araujo Brusque*: Relatorio, etc. — Pará. 1862.

555. —— Relatorio, etc. — Pará. 1863.

556. *Guilherme Francisco da Cruz*: Relatório, etc. Pará. 1874.

557. *Francisco Maria Correa de Sá e Benevides*: Relatorio, etc. — Pará. 1875.

558. *José da Gama Malcher*: Relatorio, etc. — Pará. 1878.

559. *José Coelho da Gama Abreu*: Relatorio, etc. — Pará. 1881.

560. *Miguel José de Almeida Pernambuco*: Falla, etc. — Pará. 1889.

561. *James W. Wells*: Exploring and travelling .... from Rio de Janeiro to Maranhão. — London. 1886.

562. *C. Strömer*: Die Sprache der Mundurukú. — Anthropos. Linguistiche Bibliothek. XI. Mödling. 1932.

563. *Missão Rondon*. — Rio. 1916.

564. *Manuel Villavicencio*: Geografía de la República del Ecuador. — New York. 1858.

565. *R. Vernau & P. Rivet*: Ethnographie ancienne de l'Équateur. — Paris. 1912.

566. *Juan de Velasco*: Historia del Reino de Quito. — Quito. 1824.

567. *P. Rivet*: La langue Arda. — Congr. Item. des American. Göteborg. 1925.

568. *Robert Lehmann-Nitsche*: Das Chechehet. — Congr. Intern. des American. Göteborg. 1925.

569. *Raimundo Lopes*: Les indiens Arikêmes. — Congr. Intern des American. Göteborg. 1925.

570. *C. Tastevin*: Les Makú du Yapurá. — Journ. Soc. American. XV. Paris. 1923.

571. —— Les Pétroglyphes de la Pedrera. — Journ. Soc. American. XV. Paris. 1923.

572. *Herbert Lang*: Voyage dans la Guiane britannique. — Journ. Soc. American. XVI. Paris. 1924.

573. *C. Tastevin*: Les études ethnographiques et linguistiques du P. — —. — Journ. Soc. American. XVI. Paris. 1924.

574. *José Garcia de Freitas*: Os indios Parintintin. — Journ. Soc. American. XVIII. Paris. 1926.

575. *Missions Dominicains* au Brésil. — Journ. Soc. American. XVIII. Paris. 1926.

576. *C. Tastevin*: Voyage d'étude du P. — —. — Journ. Soc. American. XIX. Paris. 1926.

577. *Mission Dominicaine* chez les Guarayos. — Journ. Soc. American. XIX. Paris. 1927.

578. *J. Lombard*: Recherches sur les tribus indiennes qui occupaient le territoire de la guyane Française vers 1730. — Journ. Soc. American. XX. Paris. 1928.

579. *James Williams*: The Warrau Indians of Guiana. — Journ. Soc. American. XX. Paris. 1928.

580. *Nouvelle Mission salésienne*. — Journ. Soc. American. XX. Paris. 1928.

581. *R. Schuller*: Découvert d'un manuscript Tukano. — Journ. Soc. American. XX. Paris. 1928.

582. *Čestmír Loukotka*: Le Setá, un nouveau dialecte tupi. — Journ. Soc. American. XXI. Paris. 1929.

583. *V. Frič*: Völkerwanderungen, Ethnographie und Geschichte der Conquista in Südamerika. — Verhandl. Intern Amerikanisten-Kongr. Wien. 1910.

584. *P. Adrin*: Extinction progressive des indiens de l'Araguaya. — Journ. Soc. American. XXI. Paris. 1929.

585. *Alfred Métraux*: Deux documents peu connues sur le Tukano. — Journ. Soc. American. XXI. Paris. 1929.

586. —— South American Ethnology. — Publications on Latin American Archeology and Ethnology in 1938. Cambridge. 1939.

587. —— La sécularisation des missions franciscaines du Chaco bolivien. — Journ. Soc. American. XXI. Paris. 1929.

588. —— L'origine religieuse du jeu du mboto chez les Chiriguanos. — Journ. Soc. American. XXI. Paris. 1929.

589. —— Voyage de — — en Bolivie et au Chaco Boreal. — Journ. Soc. American. XXI. Paris. 1929.

590. *C. H. de Goeje*: The inner structure of the Warrau language. — Journ. Soc. American. XXII. Paris. 1930.

591. *John Duval Rice*: A Pacificação e identificação linguistica da tribu Urubú. — Journ. Soc. American. XXII. Paris. 1930.

592. *John Duval Rice*: Short Aparai vocabulary. — Journ. Soc. American. XXIII. Paris. 1931.

593. *Čestmír Loukotka*: Les indiens Kukura. — Journ. Soc. American. XXIII. Paris. 1931.

594. *C. H. de Goeje*: Das Kiriri. — Journ. Soc. American. XXXII. Paris. 1932.

595. *Theodor Koch-Grünberg*: Wortlisten Tupí, Maué und Purubora. — Journ. Soc. American. XXIII. Paris. 1932.

596. *J. Vellard*: Exploration du Dr — — au Paraguay. — Journ. Soc. American. XXIII. Paris. 1932.

597. *Élisabeth Dejour*: Cérémonies d'expulsion des maladies chez les Matacos. — Journ. Soc. American. XXIV. Paris. 1933.

598. *Jaques Perret*: Observations et documents sur les indiens Emerillons. — Journ. Soc. American. XXV. Paris. 1933.

599. *Alfred Métraux*: Nouvelles de la mission — —. — Journ. Soc. American. XXV. Paris. 1933.

600. —— La obra de las misiones inglesas en el Chaco. — Journ. Soc. American. XXV. Paris. 1933.

601. *Göteborgs Museum*. Årstryck. 1923.

602. *E. Palavecino:* Nota sobre la presencia del "mocassin" entre los indios Pilagá. — Rev. Inst. Etn. I. Tucuman. 1929.

603. *Alfred Métraux:* Les hommes-dieux chez les Chiriguanos. — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1921.

604. *Bartholomé de Mora:* Relacion y breve noticia de lo succedido en la guerra de Chiriguanos (1729). — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1931.

605. *Göteborgs Museum.* Årstryck. 1931.

606. ——— Årstryck. 1932.

607. *C. H. de Goeje:* Fünf Sprachfamilien Südamerikas. — Meddeelingen der Koninklijke Akademie von Wetenschappe. Amsterdam. 1935.

608. *Jules Henry:* A Kaingang Text. — Intern. Journ. of American Linguistics. VIII. 1935.

609. *J. Vellard:* Conférence sur les Guayaki. — Bol. Mus. Nacional. X. Rio. 1934.

610. *Carlos Estevão de Oliveira:* Os Apinagé. — Bol. Mus. Nacional. VI. Rio. 1930.

611. *Herbert Baldus:* Kaskihá-Vocabular. — Anthropos. XXVI. Mödling. 1931.

612. ——— Beiträge zur Sprachkunde der Samuko-Gruppe. — Anthropos. XXVII. Mödling. 1932.

613. ——— Os indios Chamakokos. — Rev. Mus. Paulista. XV. S. Paulo. 1927.

614. ——— Ligeiras notas sobre os indios Guarany. — Rev. Mus. Paulista. XVI. São Paulo. 1929.

615. ——— Notas complementares sobre os indios Chamacocos. — Rev. Mus. Paulista. XVII. São Paulo. 1931.

616. *Mario Mello:* Os Carnijó de Aguas Bellas. — Rev. Mus. Paulista. XVI. São Paulo. 1929.

617. *Carlos Estevão de Oliveira:* Uma lenda Tapuya. Os Carnijós de Aguas Bellas. — Rev. Mus. Paulista. XVII. São Paulo. 1931.

618. ——— MMSS e informações.

619. *Juan Patricio Fernandes:* Relacion historial de las misiones de los indios que llaman Chiquitos. — Madrid. 1726.

620. *Pedro Lozano:* Descripción chorografica .... de las dilatissimas Provincias del Gran Chaco. — Cordoba. 1733.

621. *Pedro Francisco Janes de Charlevoix:* Historia del Paraguay. 1756. — Madrid. 1916.

622. *Domingo Muriel:* Historia del Paraguay. 1747-1767. — Madrid. 1918.

623. *Alcide d'Orbigny:* Voyage dans l'Amérique Méridional. — Paris. 1839.

624. *José Jolís:* Saggio della Storia Naturale della Provincia del Gran Chaco. — Faenza. 1789.

625. *Vojtěch Fric:* Resultado de mi ultimo viaje al Chaco. — Actas del Congr. Intern American. Buenos Aires. 1912.

626. *P. Ignace Chomé:* (1738) Lettres édificantes et curieuses. II. Paris. 1839.

627. *Ricardo Franco de Almeida Serra:* Parecer sobre o aldeamento dos indios uaicurús e guanás etc. (1803). — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1846.

628. *Guido Boggiani:* I Ciamacoco. — Atti de la Soc. Romana de Antrop. II. Roma. 1914.

629. ——— Linguistica Sulamericana. — Buenos Aires. 1901.

630. ——— Vocabolario del idioma Ciamacoco. — Anales Soc. Cientif. Argent. Tomo 108. Buenos Aires. 1929.

631. *Karl von den Steinen:* Die Schamakoko-Indianer. — Globus. LXV. Braunschweig.

632. *Emilia Snethlage:* Die Indianerstämme des mittleren Xingú. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1920/21.

633. *Max Mayr:* Die Routenaufnahme von Dr E. Snethlage. — Petermanns Mitt. LVII. Gotha. 1912.

634. *Emilia Snethlage:* A travessia entre o Xingú e o Tapajoz. — Bol. Mus. Goeldi. VII. Pará. 1910.

635. ——— Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1910.

636. ——— Nature and Man in eastern Pará. — The Geographical Review. IV. New York. 1917.

637. *C. Tastevin:* Les indiens Mura de la région de l'Autaz. — L'Anthropologie. XXXIII. Paris. 1923.

638. ——— Le Riozinho da Liberdade. — La Géographie. Paris. 1928.

639. *Stig Rydén:* Chaco (1932). — Göteborg. 1936.

640. *Alfred Métraux:* Mitos y Cuentos de los indios Chiriguanos. — Rev. Mus. La Plata. XXXIII. Buenos Aires. 1931.

641. ——— Observaciones sobre la psicologia de los indios Chiriguanos. — Buenos Aires. 1931.

642. *Stig Rydéns* På besök hos Toba-Indianerna. — Julstjanen. 1934.

643. ——— Bland Tapiete-Indianer i El Gran Chaco. — Jorden Runt.

644. *C. G. Santeson:* Ein starkes Topf-Kurare von den Tucuna. — Acta Medica Scandinavica. LXXV. Stockholm. 1931.

645. *Gustaf Bolinder:* En etnologisk Forskningsfard i Norra Columbia (1914-1915). — Ymer. 1916.

646. *Otto Nordenskjöld:* Exploration chez les Indiens Campas. — Meddelanden från Geografisk Foreninge i Göteborg. III. Göteborg. 1924.

647. *Erland Nordenskiöld:* Sind die Tapiete ein guaranisierter Chacostamm? — Globus. Braunschweig. 1910.

648. ——— Von Chorotiindianerinnen modellierte Tier- und Menschenfiguren. — Ymer. Stockholm. 1910.

649. ——— Die Sirionó-Indianer. — Petermanns Mitteilungen. Gotha. 1911.

650. ——— Urnengräber und Mounds im bolivianischen Flachlande. — Baessler Archiv. Leipzig-Berlin. 1913.

651. ——— Die religiösen Vorstellungen der Itonama-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1915.

652. ——— The Guaraní invasion of the Inca Empire in the XVI. century. — Geographical Review. 1917.

653. ——— Das Allerneueste von den Indianern in den Urwäldern Boliviens. — Der Erdball. Berlin-Lichterfelde. 1931.

654. ——— Meine Reise in Bolivien (1908-1909). — Globus. Braunschweig. 1910.

655. ——— The Ethnography of South America seen from Mojos. — Comparative ethnogr. Studies. III. Göteborg. 1924.

656. *Joseph de Castillo*: Relación de la Provincia de Mojos. — Docum. para la Hist. Geogr. de la República de Bolivia. I. La Paz. 1906.

657. *Pedro Marban*: Relacion de la Provincia de la Virgen del Pilar de Mojos. — Bol. Soc. Geogr. La Paz. 1898.

658. *Lorenzo Suarez de Figueroa*: Relacion de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra. — Relaciones geograficas de Indias. II. Madrid. 1885.

659. (*Ruy González Maldonado*): Relacion verdadera del asiento de la Santa Cruz de la Sierra (1574). — Relaciones geogr. de Indias. II. Madrid. 1885.

660. *P. Andrés Ortiz*: Em Annua de la Compañia de Jesus. Tucuman y Peru, 1596. — Relaciones geogr. de Indias. II. Madrid. 1885.

661. *Cipriano Baraza*: Em Lettres édificantes et curieuses. X. Paris. 1732.

662. *Francisco Xavier Eder*: Descriptio Provinciae Moxitarum. — Budae. 1791.

663. *Francisco Diego Altamirano*: Historia de la mision de los Mojos. — La Paz. 1891.

664. *Felix Speiser*: Im Düster des brasilianischen Urwaldes (1824). Stuttgart. 1926.

665. *H. Hintermann*: Unter Indianern und Riesenschlangen. (1925). — Zürich-Leipzig. 1926.

666. *Max Schmidt*: Indianerstudien. (1900). — Berlin. 1905.

667. *Günter Tessmann*: Menschen ohne Gott. — Stuttgart. 1928.

668. *Luis Sabate*: Viaje de los padres misioneros del convento de Cuzco e las tribus selvajes de los Campas, Piros, Cunobos e Sipibos (1774). — Lima. 1777.

669. *Buenaventura Maeques:* Vocabulario de las idiomas indicas conocidas por Conibos y Panos ó Sipibos. — La Gaceta Cientifica. XIV. Lima. 1903.

670. *Walter Roth*: An inquiry into the animism and folk-lore of the Guiana indians. — Bureau of American Ethnology. Washington. 1915.

671. ——— Addicional Studies of arts. craft, and customs of the Guiana indians. — Bureau of American Ethnology. Bull. 91. Washington. 1929.

672. *Max Schmidt*: Ergebnisse meiner zweijährigen Reise in Mato-Grosso. Zeitschr. f. Ethn. LX. Berlin. 1928.

673. *Antonio Mordini:* Lo spartiaque Guiano-brasiliano. — Boll. Soc. Geogr. Italiana. VIII. Roma. 1931.

674. *Stig Rydén*: Throwing-fork for magical use from the Toba-Indians. — London. 1933.

675. *R. Wegener*: Ostbolivianische Urwaldstämme.

676. *Rafael Karsten*: Indian tribes of the Argentine and Bolivian Chaco. — Helsingfors. 1932.

677. *Mario Briceno-Irajorry*: Procedencia y cultura de los Timote-Cuycas. — Anales de la Universidad Central de Venezuela. XVII. Caracas.

678. *C. H. de Goeje*: The Arawak language of Guiana. — Verhandl. Akad. van Wetenschappen te Amsterdam. XXVIII.

679. *George Williams*: Grammar, notes and vocabulary of the language of the Makushi-indians. — Anthropos-Verlag. Mödling.

680. *Walter Boye*: Das Yurupari-Fest der Tuyuka-Indianer. — Der Erdball. IV. Berlin.

681. *Mgr. Couturon*: Ces bons indiens Carayas. — Bulletin salésien. LI. Turin.

682. *Hermann Dengler*: Erklärung der Bilder zu dem Vortrag von — — über die Kawahíb-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. LIX. Berlin.

683. *Henri Giacone*: La pacification de la tribu des Baras. — Bulletin salésien. LIII. Turin.

684. *P. Felix Haidinger*: Unter den Sirionos-Indianern. — 12. Jahresbericht des Franziskan. Missionsvereins. Hall. 1928.

685. *P. Lambert Heitzinger*: Besuch der Sirionos-Indianer in San Pablo und Ascension. — 11. Jahresbericht des Franzisk. Missionsvereins. Hall. 1928.

686. *Mucio Paixão*: A tribu dos Goytacás. — Annaes Congr. Intern. Americanistas. Rio. 1928.

687. *Eduard Radwan*: Einiges über die Sirionós. Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1928:

688. *Hans Richter*: Beobachtungen über die Lebensweise der Yurakare-Indianer. — Der Erdball. IV. Berlin. 1928.

689. *Sabar Sarasola*: La región de los Maskos. — Misiones Dominicanas del Perú. XI. Lima. 1929.

690. *P. Sinzig*: Die Tapirapé-Indianer. — Antoniusbote. XXXVIII. 1931.

691. *Ch. Strömer*: Die Indianermission am Cururú. — Die katholischen Missionen. LVI. Aachen. 1928.

692. ——— Forschungen bei den Mundurukúindianern. — Forschungen und Fortschritt. VIII. Berlin. 1932.

693. *Günter Tessmann*: Die Indianer Nordost-Perús. — Veröffentlichungen der Harvey-Bassler-Stiftung. Friedrichau-Hamburg. 1930.

694. *H. H. Manizer*: Les Kaingang de São Paulo. — Intern. Congr. of Americanists. New York. 1930.

695. *Th. Pompeu Sobrinho*: Indios Merrime. — Rev. Trim. Ceará. XLV. Fortaleza. 1931.

696. *Vlademiro Kysela*: Tribu indígena Maccá. — Rev. Soc. Cientif. Paraguay. III. Asuncion. 1931.

697. *Th. Pompeu Sobrinho*: Merrime. Indios Canellas. — Fortaleza. 1930.

698. *P. Rivet*: Les derniers Charruas. — Rev. Soc. Amigos de la Arqueologia. IV. Montevideo. 1930.

699. *Enrico A. Giglioli*: Due singularissime e rare trombe da guerra.

700. *George Sclathé*: Les Indiens Karimé. — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1932.

701. *Robert Lehmann-Nitsche*: La Astronomia de los Mocovís. — Rev. Mus. La Plata. XXVII. Buenos Aires. 1923.

702. ——— La Astronomia de los Mocovís. — Rev. Mus. La Plata. XXX. 1927. XXVIII. Buenos Aires.

703. ——— La Astronomia de los Chiriguanos. — Rev. Mus. La Plata. XXVIII. Buenos Aires. 1924.

704. ——— La Astronomia de los Vilelas. — Rev. Mus. La Plata. XXVIII. Buenos Aires. 1925.

705. ——— La Astronomia de los Tobas — Rev. Mus. La Plata. XXVIII. Buenos Aires. 1925.

706. *Franz Müller*: Folkloristische Texte der Guaraní-Indianer. — Phönix. XIII. Buenos Aires. 1927.

707. *Antonio Tonelli*: Il nome dei vivi e dei defunti (aroe) presso gl'Indi Orari. — Festschrift P. W. Schmidt. Mödling.

708. ——— La provenienza degli indi Bororo orientali. — Atti del X. Congr. Geogr. Italiano. V. Milano. 1927.

709. *Ermelino A. de Leão*: Subsidios para o estudo dos Kaingangues do Paraná. — Curityba. 1910.

710. *Theodor Booy*: Onder de Motilones. — Tijdschrift van het nederl. aarsdrijsk. Genootenschap. Leiden. XLIII. 1926.

711. ——— Unter den Okainas Indianern. — Der Erdball. I. Berlin. 1926.

712. *Hermann Dengler*: Das Haarausreißen bei den Ticuna-Indianern. — Der Erdball. I. Berlin. 1927.

713. ——— Eine Forschungsreise zu den Kawahíb-Indianern. — Zeitschr. f. Ethn. LIX. Berlin. 1927.

714. *Traslado* de 500 indios Malbalas (1711). — Rev. Arch. Santiago del Estero. V. 1937.

715. *P. Rivet, P. Kok & C. Tastevin*: Nouvelle contribution à l'étude de la langue Makú. — Intern. Journ. of American Linguistics. New York. 1927.

716. *P. Rivet*: La famille linguistique Peba. — Journ. Soc. Américan. VIII. Paris. 1904.

717. *Frederico Gonzalez Suárez*: Prehistoria ecuatoriana. — Quito. 1904.

718. *P. José Chantre y Herrera*: Historia de las Misiones de la Compania de Jesus en el Marañon (1637-67). — Madrid. 1901.

719. *Edwin R. Heath*: Dialects of Bolivian Indians. — Kansa City Review of Science. VI. 1883.

720. *P. Rivet*: Sur quelques dialectes Pano peu connues. — Journ. Soc. Américan. VII. Paris. 1910.

721. *P. Nicolas Armentia*: Navegacion del Madre de Dios. — Biblioteca Boliviana de Geografía. I. La Paz. 1887.

722. *P. Rivet & C. Reinburg*: Les Indiens Marawan. — Journ. Soc. Améric. XIII. Paris. 1921.

723. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Saraveka. — Journ. Soc. Américan. X. Paris. 1913.

724. *Henrique Rocheraux*: E Sarare. — Cúcuta. 1914.

725. *Olegario Albarracin*: Terra adentro. — Bogotá. 1914.

726. *E. Uricoechea*: Gramatica, vocabulario etc. de la lengua Chibcha. — Bibliothèque Linguistique Américaine. I. Paris. 1871.

727. *G. de Créqui-Montfort*: Les dialectes Pano de la Bolivie. — Museon. Louvain. 1913.

728. *Enrique S. Losa*: Tribu de los Arazaire. — Bol. Soc. Geogr. XIX. Lima. 1906.

729. *Erland Nordenskiöld*: Indianer und Weiße in Nordostbolivien. — Stuttgart. 1922.

730. ? ? : Los Salvajes de San Galbán. — Bol. Soc. Geogr. XI. Lima. 1902.

731. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Itonama. — Mémoires de la Société Linguistique de Paris. XIX/XX. Paris. 1916.

732. *P. Albert Kruse*: Bausteine zu einer praktischen Grammatik der Sprache der Mundurukúindianer. — Santarem. 1930.

733. *Curt Nimuendajú*: Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.

734. ——— Vocabularios da Lingua geral do Brazil nos dialectos dos Manajé, Tembé e Turiwára. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.

735. —— Vokabular der Parirí-Sprache. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.

736. —— Vokabular und Sagen der Crengêz-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.

737. —— Sagen der Tembé-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XLVII. Berlin. 1915.

738. —— Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der Šipáia-Indianer. — Anthropos. XVIII-XIX. Mödling. 1923-24.

739. —— Zur Sprache der Sipáia-Indianer. — Anthropos. XVIII-XIX. Mödling. 1923-1924.

740. *Curt Nimuendajú & E. H. do Valle Bentes*: Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazone. — Journ. Soc. Américan. XV. Paris. 1923.

741. *Curt Nimuendajú*: Os Indios Parintintin. — Journ. Soc. Américan. XVI. Paris. 1924.

742. —— As tribus do Alto Madeira. — Journ. Soc. Américan. XVIII. Paris. 1925.

743. —— Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn. — Göteborgs Kungl. Vetenskaps och Vitterhets Samhalles Handlinger. XXXI. Göteborg. 1926.

744. —— Streifzug zum Maracá. — Petermanns Mitt. Gotha. 1927.

745. —— Wortliste der Šipáia-Sprache. — Anthropos. XXIV. Mödling. 1929.

746. —— Streifzüge in Amazonien. — Ethnol. Anzeiger. II. Dresden. 1929.

747. —— Lingua Šerénte. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.

748. —— Zur Sprache der Maué-Indianer. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.

749. —— Zur Sprache der Kuruáya-Indianer. — Journ. Soc. Américan. XXII. Paris. 1930.

750. —— Besuch bei den Tukuna-Indianern. — Ethnolog. Anzeiger. III. Dresden. 1930.

751. *Curt Nimuendajú*: Wortlisten aus Amazonien. — Journ. Soc. Américan. XXIV. Paris. 1932.

752. —— A propos des Indiens Kukura. — Journ. Soc. Américan. XXIV. Paris. 1932.

753. —— Idiomas indígenas del Brasil. — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1932.

754. —— Im Gebiet der Gê-Völker. — Anthropos. XXIV. Mödling. 1929.

755. —— Les migrations des tribu tupí-guaraní. — Lettre à A. Métraux. Journ. Soc. Américan. XX. Paris. 1928.

756. —— Vocabularios dos Šavantes de Campos Novos e dos Šavantes Opayé. — Em H. von Ihering: A Ethnographia do Brazil Meridional. — Actas Congr. Intern. American. Buenos Aires. 1912.

757. —— Mappa Ethnographico do Brazil Meridional. — Rev. Mus. Paulista. VII. São Paulo. 1911.

758. —— Die Tapajó. 1938. MS.

759. —— Die Ramkókamekra. 1938. MS.

760. —— Unveröffentlichte Sprachroben und grammatikalisches Material von 57 südamerikanischen Sprachen. MS.

761. —— Informações e observações inéditas.

762. —— Vokabulare der Timbira. — Zeitschr. f. Ethn. XLVII. Berlin. 1915.

763. *José Vieira Couto de Magalhães*: Região e Raças Selvagens. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVII. Rio. 1873. 2 partes.

764. *Basilio Magalhães:* Algumas notas sobre os Cherentes. Prefacio para Urbino Vianna: Akuen ou Xerente. — Rev. Inst. Hist. Geogr. CI. Rio. 1928.

765. *P. Hugo Mense*: Informações.

766. *Max Schmidt*: Ergebnisse einer zweiten Forschungsreise nach Mato Grosso. — Forschungen und Fortschritte. V. Berlin. 1929.

767. *Durval Vieira de Aguiar*: Descripção da Provincia da Bahia. — Bahia. 1888.

768. *Francisco Pierini*: Los Guarayos de Bolivia. — Anthropos. II. Mödling. 1908.

769. *Max Beschoren*: São Pedro do Rio Grande do Sul. — Petermanns Mitt. Gotha. 1899.

770. *P. Alfredo Pinto Dámaso*: O Serviço de Protecção aos Indios e a tribu dos indios Carnijós. — Rio. 1931.

771. *Theodoro Sampaio*: O Valle do Rio Paranapanema. — Bol. Comm. Geogr. Geol. do Estado de São Paulo. IV. S. Paulo. 1890.

772. *P. Bartolameo da Monza*: Massacro di Alto Alegre. — Milano. 1908.

773. *Francisco Vicente Vianna*: Memoria sobre o Estado da Bahia. — Bahia. 1893.

774. *J. Vellard*: Une mission scientifique au Paraguay (1931-33). — Journ. Soc. Américan. XXV. Paris. 1933.

775. *Cestmír Loukotka*: Nouvelle contribution à l'étude de la vie et du langage des Kaduveo. — Journ. Soc. Américan. XXV. Paris. 1933.

776. *Félix Oytes*: Sobre las lenguas indígenas rioplatenses. — Rev. Universidad de Buenos Aires. XXIV. Buenos Aires. 1913.

777. *Milciades Alejo Vignati*: Los elementos étnicos del Noroeste Argentino. — Notas Preliminares del Mus. de La Plata. I. Buenos Aires. 1931.

778. *Ludwig Kersten*: Die Indianerstämme des Gran Chaco. Intern. Archiv. f. Ethn. XVII. Leiden.

779. *Leprieur*: Voyage dans la Guyane centrale. — Bull. Soc. Géographie. Paris. 2e série. I. 1834.

780. *D. L. S.*: Diccionaire galibi. — Paris. 1763.

781. *Antonio Serrano*: Los habitantes primitivos del territorio Argentino. — Buenos Aires. 1930.

782. —— Etnografía antigua de Santiago del Estero. Siglo XVI. — Bol. Inst. Inestigaciones Historicas de la Faculdad de Filosofía y Lettras. XVII. 1934.

783. *Jules Crevaux*: Voyages dans l'Amérique du Sud. — Paris. 1883.

784. A. *Ernst*: Menschen und Pflanzen in der peruanischen Provinz Loreto (seg. Antonio Raimondi). — Globus. XXI. Braunschweig. 1872.

785. A. *Kahl*: Die Ranqueles-Indianer. — Globus. XXV. Braunschweig. 1874.

786. *P. Anton Huonder*: Die Völkergruppierung im Gran Chaco im XVIII. Jahrhundert. — Globus. Braunschweig. 1902.

787. *Vojtěch Frič*: Eine Pilcomayo-Reise in den Gran Chaco (1903-1904). — Globus. LXXXIX. Braunschweig. 1906.

788. ——— Die unbekannten Stämme des Chaco Boreal. — Globus. XLVI. Braunschweig. 1909.

789. *Otto von Buchwald*: Zur Völkerkunde Südamerikas. — Globus. XLVI. Braunschweig. 1909.

790. *Hettner*: Die Kordillere von Bogotá. — Petermanns Mitt. Gotha. 1885.

791. *John C. Branner*: Notes upon a native Brazilian language. — Proceedings of the American Association for the Advancement of Science. Salem. N. Y. 1887.

792. *Geo. von Lengerke*: Palavras del dialecto de los indios del Opone. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1878.

793. *Juan Belaieff*: Los indios Sociagay. — Rev. Soc. Cient. del Paraguay. II. Asunción. 1930.

794. *Edmund Krug*: Os indios das margens do Paranapanema. — Inst. Hist. Geogr. XXI. S. Paulo. 1905.

795. *Silvio Fróes Abreu*: Na Terra das Palmeiras. — Rio. 1931.

796. *Heinrich Snethlage*: Unter nordostbrasilianischen Indianern. — Zeitschr. f. Ethn. LXII. Berlin. 1930.

797. *Joannes de Laet*: Gvaiana siue Provinciae intra Rio de las Amazonas atque Rio Yviapari siue Orinoqve. 1625. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. Atlas. Paris. 1899.

798. *Walter Ralegh*: Carte de navigation (1618). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. VI. Atlas.

799. *Sr d'Anville*: Carte de la Guiane Françoise (1729). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. VI. Atlas.

800. *Jesuites Françaises*: Carte des — — de la Guiane (1741). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. VI. Atlas.

801. *Pierre du Val*: Coste de Gvayane (1664). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. Atlas annexe à mémoire. Paris. 1899.

802. *C. H. de Goeje*: Bijdrage tot de Ethrographie der Surinaamsche Indianen. — Intern. Archiv f. Ethn. Suppl. zu Band XVII.

803. *Joaquim Camaño*: Carta del Gran Chaco e Paesi Confinanti. Delin. dal Sig. Ab. Gioachino Camagno Dre Filof. della Nep. Cordse Università. — Em Samuel A. Lafone Quevedo: Las lenguas del tipo guaycurú y chiquito comparadas. — Rev. Mus. La Plata. XVI. Buenos Aires. 1910-1911.

804. *Felinto Alcino Braga Calvalcante*: Commission Brésilienne d'Exploration du Haut Araguary. — 1896.

805. *Fr. Nicolas Armentia*: Arte y Vocabulario de la lengua Tacana. Con introduccion, notas y apéndice por Samuel A. Lafone Quevedo. — Rev. Mus. La Plata. X. Buenos Aires. 1902.

806. *Storm van's Gravesande*: Sketch map by Governor — — — (1749). Rios Essequebi et Demerary. — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.

807. *Edward Thompson*: The Coast of Guyana and the Inland Parts (1781). — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.

808. *F. de Pons*: Carte de la Capitainerie de Caracas (1805). — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.

809. *Phelipe de Santiago*: Report and Observations on the Navigation of the River Orinoco (1595). — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.

810. *P. Nicolau Badariotti*: Exploração no Mato Grosso. — São Paulo. 1898.

811. *Frogers*: Carte du Gouvernement de Cayenne (1698). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. Atlas annexe au mémoire. Paris. 1899.

812. *Juan de la Cruz Caño y Olmedilla*: Mapa Geográfico de América Meridional (1775). — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. Atlas annexe au mémoire. Paris. 1899.

813. *Mapa Jesuitico* (1662). Em Rio Branco: Exposição que os E. U. do Brazil apresentam ao Presidente dos E. U. da America etc. New York. 1894.

814. V. M. *Petrullo*: Primitive peoples of Mato Grosso Brasil. — The Museum Journal. XXIII. Philadelphia. 1932.

815. *Herbert Baldus*: Ligeiras notas sobre os indios Tapirapés. — Rev. Archivo Municipal. XVI. S. Paulo. 1935.

816. *Guillaume Del'Isle*: Carte de la Terre Ferme du Perou, du Brésil et du Pays des Amazones. — Paris. 1703. — Mémoire contenant l'exposé des droits de la France dans la question des Frontières de la Guyane Française et du Brésil. Atlas. Paris.

817. *João Antonio da Cruz Diniz Pinheiro*: Relatorio do Bacharel — — — — — ouvidor que foi do Maranhão, composto em 1751. MS da Bibliotheca Publica de Lisboa. Em Lucio de Azevedo: Os Jesuitas no Grão Pará. — Lisboa. 1901.

818. *Mappa Viceprovinciae Societatis Jesu Maragnonii*. Anno MDCCLIII. Em J. Lucio de Azevedo: Os Jesuitas no Grão Pará. Lisboa. 1901.

819. *Francisco Borges de Barros*: Bandeirantes e Sertanistas Bahianos. Bahia. 1920.

820. *J. B. Sá Oliveira*: Camacans. — Em Moreira Pinto: Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil. Rio. 1894.

821. *João da Silva Santos*: Carta ao Governador da Bahia. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVIII. Rio. 1907.

822. *P. Manoel da Nobrega*: Informações das terras do Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VI. Rio. 1865.

823. *Anonymo*: Enformação do Brazil, e suas Capitanias. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VI. Rio. 1865.

824. *Assento* tomado na relação da Bahia sobre a guerra aos indios selvagens. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1845.

825. *Domingos Alves Branco Moniz Barreto*: Plano sobre a civilisação dos Indios do Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.

826. *Theophilo Benedicto Ottoni*: Noticia sobre os selvagens do Mucury. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXI. Rio. 1858.

827. *R. P. Francisco Sachino*: Historiae Societatis Jesu. MDCIL. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVI. Rio. 1875.

828. *Francisco Teixeira de Moraes*: Relação historica e politica dos tumultos que succederam na cidade de São Luiz do Maranhão. Rev. Inst. Hist. Geogr. XL. Rio. 1877.

829. *G. M. Dyott*: Man hunting in the Jungle. Indianopolis.

830. *José Luiz Baptista*: Historia das entradas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial. Rio. 1915.

831. *Affonso A. de Freitas*: Distribuição geographica das tribus indigenas na época do descobrimento. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial. II. Rio. 1915.

832. *Victor Oppenheim*: Notas ethnographicas sobre os indigenas do Alto Juruá (Acre) e valle do Ucayali (Perú). — MS. 1935.

833. *Horace Banner*: On the trail of the Three Freds. — London.

834. *Fritz Krause*: Die Yarumá und Arawine-Indianer Zentralbrasiliens. — Baessler Archiv. XIX. Berlin. 1936.

835. *D. Fr. Sebastião Thomas*: Gorotirés. — Prelacia de Conceição do Araguaya.

836. *Felisbello Freire*: Historia Territorial do Brazil. — Rio. 1906.

837. *Reinaldo Ottoni Porto*: Notas Historicas do Municipio de Theophilo Ottoni. Theophilo Ottoni. 1928.

838. *Herbert Baldus*: Ensaios de Ethnologia Brasileira. — Brasiliana. I. 101. S. Paulo-Rio-Recife. 1937.

839. ——— Ligeiras notas sobre duas tribus tupís. — Rev. Mus. Paulista. XX. S. Paulo. 1936.

840. *Heinrich Snethlage*: Nachrichten über die Pauserna-Guarayú, die Siriono am Rio Branco und die Bansimonianos in der Nähe der Serra de San Simon. — Zeitschr. f. Ethn. LX. Berlin. 1936.

841. ——— Indianerkulturen aus dem Grenzgebiet Bolivien-Brasilien. — Veröffentlichungen der Reichsstelle für den Unterrichtsfilm.

842. ——— Atiko-y. — Berlin.

843. *Antonio Serrano*: La Etnografía Antigua de Santiago del Estero. — Paraná. 1938.

844. *Hermano Ribeiro da Silva*: Nos sertões do Araguaya. — S. Paulo. 1936.

845. *Curt Nimuendajú*: Erkundungsreise zu den Górotire-Kayapó. 1939-1940. — MS.

846. ——— Einige Angaben über die Pau d'Arco-Horde der Nördlichen Kayapó. 1940. — MS.

847. ——— The Šerénte. — Los Angeles. 1942.

848. ——— The Ãpinayé. — The Catholic University of America. Anthropological Series N. S. Washington. 1939.

849. ——— The Gamella Indians. — Primitive Man. X. N. 3 and 4. 1937.

850. *Curt Nimuendajaú* & *Robert H. Lowie*: The Dual Organisation of the Ŗąmkókamekra. — American Anthropologist. Vol. 39. 1937.

851. *Curt Nimuendajú*: Die Mašakarí. 1939. — MS.

852. ——— Über die Botocudos. 1939. — MS.

853. ——— Das Ende des Otí-Stammes. 1911. — MS.

854. ——— Reise nach dem Içana und Uaupés. 1927. — MS!

855. *Gunnar Pira* — Belém: Informações.

856. *Vincenzo Petrullo*: The Yaruros of the Capanaparo River (1933-1934). — Smithson. Inst. Bur. American Ethn. Bull. 123. Washington. 1939.

857. *Cecilio Baez*: Historia Colonial del Paraguay y Rio de la Plata. — Asunción. 1926.

858. *Elpidio Mesquita*: Historia do Rio São Francisco. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial Vol. V. Rio. 1927.

859. *Gustaf Bolinder*: Ethnographical researches in Colombia. — Ethnos. I. Stockholm. 1936.

860. *João Braulino de Carvalho*: Macuchy. — Bol. Mus. Nacional. XII. Rio. 1936.

861. *Čestmír Loukotka*: A lingua dos Patachos. Rev. Arquivo Municipal LV. S. Paulo. 1939.

862. *P. Albert Kruse*: Über die Wanderungen der Mundurucú in Südamerika. — Anthropos. XXX. Mödling. 1935.

863. *Carlos Estevão de Oliveira*: A Ceramica de Santarem. Rev. Serv. Patrimonio Hist. Artist. Nacional. 3. Rio. 1939.

864. *Helen C. Palmatary*: Tapajó Pottery. — Ethnological Studies. 8. Göteborg. 1939.

865. *Antonio Serrano*: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.

866. *José Maria Blanco*: Historia documentada de la vida y gloriosa muerte de los Padres Roque Gonçales de la Cruz, Alonso Rodrigues y Juan de Castillos de la Concepción de Jesus, Martires del Caaró y Ijuhy. — Buenos Aires. 1929.

867. *Dufo Policarpo*: Informe sobre lo succedido en la entrada que se hizo el año 1775 al castigo de los infieles. — Archivo General de Buenos Aires. II. Buenos Aires. 1870.

868. *P. Nicolas Henard* (1640): Mapa. — Em Antonio Serrano: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.

869. *D'Anville*: Mapa (1753). — Em Antonio Serrano: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.

870. ——— Mapa (1748). — Em Antonio Serrano: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. Paraná. 1936.

871. *P. José Quiroga*: Mapa (1749). — Em Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.

872. *John C. Branner*: Os Carnijós de Aguas Bellas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo 94. Vol. 148. Rio. 1927.

873. *João Capistrano de Abreu*: Os Bacaerys. Rev. Brazileira. Serie III. Tomo III-IV. Rio. 1895.

874. *João Braulino de Carvalho*: Breve noticia sobre os indigenas que habitam a fronteira do Brazil com o Perú. — Bol. Mus. Nacional. VII. Rio. 1931.

875. *P. Samuel Fritz*: Diario da descida do — — — (1689) etc., e volta do mesmo padre (1691) etc. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXI. Rio. 1918.

876. *Robert Schomburgk*: Reisen in Guyana und am Orinoco (1835-1839). — Leipzig. 1841.

877. *Subsidios* para a historia de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXIV. Rio. 1919.

878. *Herbert Baldus*: Informações.

879. *Hercules Florence*: Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Traducção do Visconde de Taunay. — São Paulo.

880. *José Francisco Tomaz*: Viagem feita por — — — pelos desconhecidos sertões de Guarapuava. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLIX. 2.

881. *Comissão Brasileira Demarcadora de Limites.* Primeira Divisão. Nas Fronteiras da Venezuela e Guaianas Britanicas, e Neerlandezas, de 1930 a 1940. Anais do IX. Congresso Brasileiro de Geografia.

882. *Schulz-Kampfhenkel*:

883. *Serviço de Protecção aos Indios*: Archivos da Inspectoria do Pará.

884. *José Garcia de Freitas*: Informações.

885. *Nunes Pereira*: Informações.

886. *Alfred Métraux*: The native tribes of eastern Bolivia and Western Mato Grosso. — Bureau of American Ethnology. Bull. 134. Washington. 1942.

887. *W. H. R. van Manen*: Die Erforschung von Surinam während des letzten Jahrzehntes. — Globus. XCV. Braunschweig. 1909.

888. *Fournerau*: Noticia em Globus. XLIII. Braunschweig. 1882.

889. *Diario da viagem* do governador d. João Manoel de Meneses, do Pará a Goias. — Rev. Inst. Hist. Geogr.

890. *Affonso de E. Taunay*: Ensaios de Historia Paulistana. — Anais do Mus. Paulista. X. S. Paulo. 1841.

891. *Antonio Serrano*: Los indios de la Pampa y de la Patagonia en los siglos XVI y XVII. — La Prensa. Buenos Aires. 24 de Diciembro de 1939.

892. ——— Los primitivos habitantes de la Pampa ó Pampas-het. — La Prensa. Buenos Aires. 11 de Febrero de 1940.

893. ——— Los Querandies. — La Prensa. Buenos Aires. 12 de Mayo de 1940.

894. *Rosário Farani Mansur Guérios*: Estudos sobre a lingua Kaingangue. — Curitiba. 1942.

895. *Alfred Métraux*: Études d'Ethnographie Toba-Pilagá (Gran Chaco). — Anthropos. XXXII. Mödling. 1937.

896. *Nunes Pereira*: Ensaio de Etnología Amazonica. — Cadernos Terra Imatura. 1940.

897. *Carlos Estevão de Oliveira*: O Ossuario da "Gruta do Padre" em Itaparica e algumas noticias sobre os remanescentes indigenas do Nordeste. — Bol. do Mus. Nacional. XIV-XVIII. Rio. 1943.

898. *Milciades A. Vignati*: Los Aborígenes de Cuyo. — Notas del Mus. de La Plata. V. Buenos Aires. 1940.

899. *Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*: A terra, as coisas e o homem da Amazonia. — Rev. Inst. Hist. Pará. I. 1917. — III. 1920.

900. *Salvador Canals Frau*: Los aborígenes de la Pampa. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. II. 1941.

901. ——— La lengua de los Huarpes de San Juan. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. II. 1941.

902. ——— Algunos datos documentales sobre la primitiva San Luiz. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. IV. 1943.

903. *Frederico Schmidt — Belém:* Informações.

904. *Salvador Canals Frau*: Los aborígenes del Valle de Salta en el Siglo XVI. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. IV. 1943.

905. *Paul Fejos*: Ethnography of the Yagua. — New York 1943. Viking Found Publications in Anthropology.

906. *Serafim Leite*: Hìstoria da Companhia de Jesus no Brasil. I — IV. Lisboa. 1938-1943.

907. *Rodolfo Waehnelt*: Exploração da Provincia de Mato Grosso. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVII. Rio. 1864. Parte 1.

908. *José Francisco Tomaz do Nascimento*: Viagem feita por — — — — pelos desconhecidos sertões de Guarapuava. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLIX. Parte 2. Rio. 1886.

909. *Julio Koslowski*: Algunos datos sobre los indios Bororós. — Rev. Mus. La Plata. VI. La Plata. 1895.

910. *Descripção* Geographica, Historica e Politica da Capitania das Minas Geraes. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXI. Rio. 1909.

911. *Alexandre Rodrigues Ferreira*: Planchas. — Museu Nacional. Rio.

812. ——— Memoria. — Copia no Museu Nacional — Rio.

913. ——— Noticia Historica da Ilha de Joannes 1783/84. — Copia no Museu Nacional.

914. *Paul Ehrenreich*: Reise auf dem Araguaya. — Verhandl. der Berliner Ges. f. Anthrop., Ethnol. und Urgeschichte. Berlin — 1888.

915. *P. João de Sotto Maior*: Diario da Jornada que fiz no Pacajá no anno de 1656. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXVII. Parte 2. Rio. 1916.

916. *J. Barboza*: Vocabulario Pauâte. — MS no Museu Nacional.

917. ——— Vocabulario Jarú, Urupá, Uómo, Pacahás-novas. — MS no Museu Nacional.

918. ——— Vocabulario Arikeme. — MS no Museu Nacional.

919. *Buell Quain*: Brief of Kraho Culture. — MS no Museu Nacional.

920. *J. Barboza*: Vocabularios Tagnani e Nênê-Navaité. — MS no Museu Nacional.

921. *Noticiario Maranhense* — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXI. Rio. 1918.

922. *Subsidios para a historia da Capitania de Goias.* — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXIV. (1918). Rio. 1919.

923. *Agesiláo de Carvalho Guilhon*: Croquis do Rio Aripuanã e affluentes. — MS.

924. *Basilio de Magalhães*: A conquista do Nordeste no seculo XVII. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXV. Rio. 1921.

925. *A. Ernst*: Über einige weniger bekannte Sprachen aus der Gegend des Meta und obern Orinoco. — Zeitschr. f. Ethn. XXIII. Berlin 1891. (Vocabularios manuscriptos de Firmino Toro, fallecido em Caracas, 1865).

926. (*Alexandre Rodrigues Ferreira?*): Viagem no Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVII. Parte 1. Rio. 1906.

927. *P. Francisco Chagas*: Memoria sobre o descobrimento e colonisação de Guarapuava. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. 2. edição IV. 1863.

928. ——— Noticia da Fundação e Principios desta Aldea de São João de Queluz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. V. 3. edição 1885.

929. *J. J. von Tschudi*: Reise nach Südamerika. — Leipzig. 1866. — Em Globus XI. Braunschweig. 1865.

930. *Luiz Tomaz Navarro*: Itinerario da viagem que fez por terra de Bahia a Rio de Janeiro. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. 3. ed. Rio. 1931.

931. *Irinêo Joffily*: Notas sobre a Parahyba. — Rio. 1892.

932. *Diego Garcia*: Carta. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XV. 2. ed. Rio. 1888.

933. *José Joaquim Machado de Oliveira*: Notas, apontamentos e noticias para a historia da Provincia do Espiritu Santo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1896.

934. *Christovão de Gouvea*: Summario das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do Rio Parahyba. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXV. Rio. 1873.

935. *E. Monoyer*: Les Indiens Guatos du Matto-Grosso. — Journ. Soc. Américan. II. Paris. 1905.

936. *Alexandre Rodrigues Ferreira*: Diario da Viagem Philosophica. Rev. Inst. Hist. Geogr. XLVIII. parte 1. Rio. 1885. — L. Parte 2. Rio. 1887. — LI. Parte 1. Rio. 1888.

937. *Jaguaribe Gomes de Mattos*: Carta Schematica do Estado do Matto Grosso e Regiões Circumvizinhas indicando os principaes serviços realizados sob a direcção do General Cándido Mariano da Silva Rondon 1890-1922. — Paris. 1926.

938. *C. Luiz Tenan*: Relatorio da segunda expedição á Tapajonia. 20 de Novembro de 1943. Pará. MS.

939. *J. M. da Silva Coutinho*: Relatorio sobre alguns logares da Provincia do Amazonas, especialmente o Rio Madeira. — Manaus. 1861.

940. *Nehring*: Süd-Cayapó. — Em Paul Ehrenreich: Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens. — Zeitschr. f. Ethn. XXVI. Berlin. 1914.

941. *Candido Mariano da Silva Rondon*: Informações.

942. *Lodewijk Schmidt*: Verslag van drie Reizes naar de Bovenlandsche Indianen. — Departement Landbouproefstation in Suriname. Bulletin N.° 58. November 1942.

943. *Comissão Brasileira Demarcadora de Limites*: Primeira Divisão: Territorio do Rio Branco. 1:1.000.000. Março 1944.

944. *Dionysio Evangelista de Castro Cerqueira*: Relatorio apresentado em 14 de Outubro de 1882.

945. *Pedro Taques de Almeida Paes Leme*: Nobilarchia Paulistana Historica e Genealogica. 2. ed. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial. Vol. 1. Rio. 1926.

946. *Documentos da Biblioteca Nacional.* Serie II. Vol. IV. — Serie III. Vol. V.

947. *Nelson Correa de Oliveira*: Campanha do Mariduú 1943-1944. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.

948. *Rubens Nelson Alves*: Relatorio da Expedição do Rio Mocajahí 1942-1943. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.

949. *Nelson Correa de Oliveira*: Relatorio do Rio Caratirimani 1940. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.

950. ——— Relatorio 1939-1940. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.

951. *La Haye*: Journal inédit du voyage du Sergeant — — de Cayenne aux chutes du Yarí. 1728-29. Par le Baron Marc de Villier. — Journ. Soc. Américan. XII. Paris. 1921.

952. *Thomaz Falkner*: A Description of Patagonia and the adjoining Parts of South America. — Hereford. MDCCLXXIV. — Universidad Nacional de La Plata. Biblioteca Centenaria. Buenos Aires. 1911.

953. *D. Alcuino Meyer* O.S.B.: Informações.

954. *D'Anville*: Dessin manuscript Mai 1745. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. Atlas.

955. *Edward Thompson*: The Coast of Guyana from the Oronoko to the River of Amazons. MDCCLXXXIII. (1781).

956. *Hamilton Rice*:

957. *Henri Coudreau:* Voyage au Yamundá (1898). — Paris. 1899.

958. *Joannes de Laet*: Novos Orbis seu Descriptionis Indiae Occidentales. Libri XVIII. Antwerp. 1633.

959. *James Williams*: The name 'Guiana'. — Journ. Soc. Américan. XV. 1923.

960. *William Curtis Farabee*: The Amazon Expedition of the University Museum — The Museum Journal. VII. N. 4. Philadelphia. 1916.

961. *A. Kappler*: Holländisch-Französische Expedition im Innern von Guiana. — Septbr bis Novbr 1861. — Petermanns Mitt. Gotha. 1862.

962. *Fr. Gesualdo Machetti*: Breve memoria della nuova Missione Francescana nel Norte del Brasil. — Milano. 1877. — Em Fr. Marcellino da Civezza: Saggio de Bibliografia Geografica Storica Etnografica Sanfrancescana. — 1879.

963. *Salvador Canals Frau:* El Grupo Huarpe-Comechingon. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. V. 1944.

964. *P. Fr. Protasio Frikel*: Informações.

965. *H. Beuchat* & *P. Rivet*: La famille linguistique Zaparo. — Journ. Soc. Américan. V. Paris. 1908.

966. *P. Fernão Guerreiro*: Exerptos da obra Relação Annual dos Padres da Companhia de Jesus. Das Coisas do Brazil. — Em C. M. de Almeida: Memoria para a Historia do extincto Estado do Maranhão. Rio. 1874. II.

967. *P. Albert Kruse*: Viagem ao Maicurú. — "O Mariano". Santarem. 4 de Outubro de 1944.

968. *Jorge Marcgrave*: Historia Natural do Brazil. São Paulo. MCMXLII.

969. *Curt Nimuendajú*: Os Tukuna. — MS.

970. *Cornelio Schmidt*: Relatorio (1906). — Comm. Geogr. Geol. do Est. de S. Paulo. Exploração do Rio Paraná. — S. Paulo. 1907.

971. *Fr. Fidelis de Alviano*: Notas Etnograficas sôbre os Ticunas do Alto Solimões. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Vol. 180. Rio. 1943.

972. *Franz Keller-Leuzinger*: The Amazon and Madeira Rivers. — New York. 1874.

973. *Eduardo Galvão* — Museu Nacional — Rio: Informações.

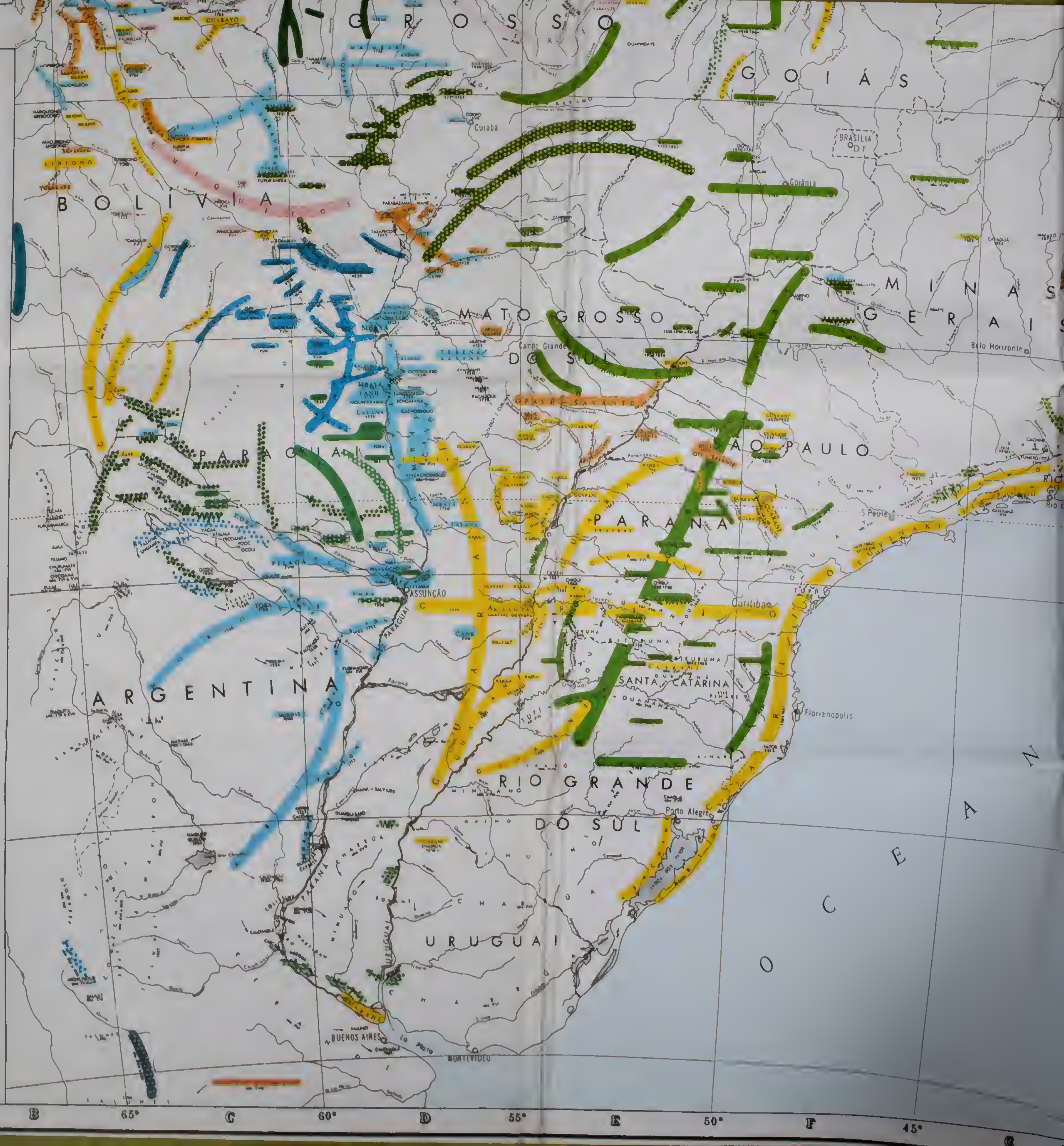
ÍNDICE DE AUTORES *

* Reprodução conforme o original do Autor

IBGE
MAPA ETNO-HISTÓRICO
DO BRASIL
E REGIÕES ADJACENTES

IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPA ETNO-HISTÓRICO
DO BRASIL
E REGIÕES ADJACENTES
Adaptado do Mapa de Curt Nimuendaju
1944
GEORGETOWN
GUIANA
SURINAME
GUIANA FRANCESA
RORAIMA
AMAPÁ
PARÁ
MARANHÃO
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
PARAÍBA
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
PIAUÍ
BAHIA

VENEZUELA
COLÔMBIA
GUIANA
SURINAME
GUIANA FRANCESA
GEORGETOWN
PARAMARIBO
CAIENA
BOGOTA
RORAIMA
AMAPÁ
AMAZONAS
PARÁ
MARANH
ACRE
RONDÔNIA
MATO
Porto Velho
Boa Vista
ILHA DE MARAJO
EQUADOR
MOTILONES

CONVENÇÕES
FAMÍLIAS LINGÜÍSTICAS
Araucano
Aruak
Botocudo (Borun)
Čapakura
Chaná
Chibcha
Chiquito
Enimagá
Gê
Ghahibo
Guaykurú
Huarpe
Kahuapana
Kamakã
Karayá
Karib
Kariri
Katukina
Kecua
Mašakali
Maskoy
Matako
Múra
Nambikwára
Otuké
Pano
Peba
Puinave
Purí
Sáliva
Širiánä
Takana
Timote
Tukana
Tupí
Vilela
Waraú
Witóto
Zamuko
Záparo
LÍNGUAS ISOLADAS
Arda
Auaké
Chocó
Fulnió
Camella
Guató
Huari
Itonama
Kaliána
Kaničana
Kapišaná
Kayuvava
Máku
Malalí
Masaká
Matanawí
Mirânya
Natú
Opayé—Šavánte
Otí—Šavánte
Otomaca
Pankaruru
Pataśó
Sukurú
Taiumá
Tiumaí
Tsetšehet
Tukuna
Tusá
Tuyoneiri
Yaruro
Yurakáre
Yurí
LÍNGUAS DESCONHECIDAS
TRIBOS EXISTENTES: Sedes Atuais
TRIBOS EXISTENTES: Sedes Abandonadas
TRIBOS EXTINTAS
Data da Documentação da Tribo
Rumo da Migração da Tribo
Capital Federal
Capital Estadual
Limite Interestadual
Limite Internacional
DOCUMENTAÇÃO
Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes de Curt Nimuendaju Museu Nacional R.J. - Escala 1:2.500.000 1944 Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes de Curt Nimuendaju Museu Paraense Emílio Goeldi Belém 1:2.500.000 1943 Mapa do Brasil IBGE Escala 1:5.000.000 1977 Mapa da América do Sul The American Geographical Society of New York Escala 1:5.000.000 1955 Mapa Geológico da América do Sul 1:5.000.000 1964 Carta Aeronáutica WAC IBGE Escala 1:1.000.000 1978
ESCALA 1:5.000.000
100
0
100
200
300
GROSSO
GOIÁS
BRASÍLIA D.F.
Goiânia
Cuiabá
BOLIVIA
MATO GROSSO DO SUL
Campo Grande
MINAS GERAIS
Belo Horizonte
SÃO PAULO
PARAGUAI
PARANÁ
São Paulo
Rio
ASSUNÇÃO
Curitiba
ARGENTINA
SANTA CATARINA
Florianópolis
RIO GRANDE DO SUL
Porto Alegre
URUGUAI
BUENOS AIRES
MONTEVIDEU
OCEANO
OPAYÉ—ŠAVÁNTE
15°
20°
75°
70°
65°
60°
55°
50°
45°
A
B
C
D
E
F
G

"Cópia elaborada a partir do mapa da segunda impressão de 1987, com realce de cores"